

C O R P U S

EXPRESSO:

O número um, O editorial 3.

EXPRESSO, pós 25 de ABRIL:

O editorial 4.

O Jornal:

O número um 9.

As vésperas da indigitação:

13, 14 de Julho, 1979 13.

MARIA DE LOURDES PINTASILGO,

1ª MINISTRA DO V GOVERNO CONSTITUCIONAL: OS PRIMEIROS ECOS

20, 21 de Julho, 1979 16.

**Continuação do retrato
de Maria de Lourdes Pintasilgo:**

27, 28 de Julho, 1979 51.

A "marcha dos cem dias":

3, 4 de Agosto, 1979 78.

**As vésperas da Apresentação Parlamentar
do Programa do Governo:**

10, 11 de Agosto, 1979 95.

Expresso

DIRECTOR: FRANCISCO PINTO BALSEMÃO

SEDE: RUA DUQUE DE PALMELA; 37-2.º DT.º TELEFONES 535968/9-5

QUE A GUINÉ
EDIU E RECEBEU

PÁGINA 2



PINTO LEITE:
DOCUMENTOS

PÁGINA 13

ITT RADICA-SE
NOS AÇORES

PÁGINA 18

«MUDANÇA
INÉDITO DE

3 por cento dos portugueses nunca votaram

BASE nas conclusões de
inquérito à opinião pública
exercício do direito do
voto elaborado pela SERTE em
colaboração com o nosso jornal.
Os resultados revelam que 63 % dos
portugueses nunca votaram.
Mantém-se ainda do mesmo inquérito
que essa percentagem é de 79 % em
Lisboa (79 %), do Porto (47 %); e de que
antes dos centros urbanos a percentagem
é de 63 % (igual à da média dos portugueses).
Quer saber se tais percentagens...



No que diz respeito ao voto
em eleições presidenciais (para
escolha do Chefe do Estado),
concluiu-se, no inquérito agora
realizado, que nunca votaram
59 % dos portugueses, mantendo-se
a mesma diferença para Lisboa (59 %)
e para o Porto (39 %), sendo a percentagem
para os restantes centros urbanos do País
de 57 %. É evidente que tais conclusões
se referem a indivíduos com mais de 35
anos, pois só tais pessoas puderam votar
alguma vez na eleição do Presidente da
República por sufrágio universal.



O Editorial (p.8)

O julgamento que nos compete

Durante os meses que antecedem este nº 1, o EXPRESSO provocou reacções, adesões e mesmo previsões totalmente contraditórias, e, apesar de tudo, surpreendentes.

A POLÍTICA transcreveu um comentário (supostamente desagradável) do COMÉRCIO DO FUNCHAL a nosso respeito. A ÉPOCA não deixou de nos mimosear com interpretações um tanto subjectivas. A própria REPÚBLICA publicou, em termos muito agradáveis, uma longa entrevista com o dr. Pinto Balsemão, esquecendo, aparentemente, a inserção, poucas semanas antes, de um artigo onde se tentava destruir, não só o Director do EXPRESSO, mas também o jornal em si. [...]

Conseguimos também que várias pessoas, há muito afastadas, por descrença, das lides da Imprensa, quer no campo da opinião, quer no da reportagem, quer no da crítica, conosco colaborem.

Tudo isto se passou antes de o EXPRESSO aparecer. Agora, hoje, o EXPRESSO aparece. Acabaram-se as promessas, os pretextos, as descrições futuristas. Existimos, temos um produto a mostrar, podemos e devemos ser julgados.

O julgamento, como é óbvio, não nos compete. Será o leitor a decidir, será o público – aceitando-nos (ou não), orgulhando-se (ou não), de nós, desculpando (ou não) os nossos erros, compreendendo (ou não) as razões das nossas omissões – que assegurará (ou não) o nosso êxito.

Neste nº 1, parece-nos, todavia lícito apresentar alguns argumentos, utilizáveis tanto pelos que desejam apenas defender-nos, como pelos que, mais confiantes, nos desejam impor:

- Pensamos que o que se passa no país deve ter consequências na Europa e que o que sucede na Europa deve repercutir-se no país. A Imprensa pode vencer as barreiras da língua, da geografia e do tempo histórico e provocar o entendimento entre os mais e menos desenvolvidos, os agarrados ao passado e os que jogam no futuro, os «orgulhosamente sós» e os crentes na comunhão de interesses e de ideias dos povos, por mais estruturalmente diferentes que estes sejam.

- Não acreditamos, portanto, no provincianismo. A Imprensa tem funções mais elevadas a desempenhar do que deslumbrar, a curto prazo e a vesgas vistas, alguns prezados amigos ou ofuscar, dentro de visões estreitas e de limites auto-traçados, alguns escolhidos inimigos.

- Rejeitamos, por conseguinte, todas e quaisquer ligações – possíveis e fáceis, aliás – com o poder político e poder económico. A Imprensa só é actuante e verdadeira, quando fala, com legitimidade, em nome da colectividade.

- Aspiramos, coerentemente, a contribuir para que se alcance em Portugal a liberdade de informação: liberdade de informar a liberdade de ser informado. A Imprensa só é interveniente, só explica, só informa (e forma), quando sai da tutela governamental e consegue ser responsável por si própria.

O nº 1 do EXPRESSO aqui está, com todas as suas deficiências e com todas as suas virtudes, tentando fugir ao lugar comum, às frases lindas mas ocas, às originalidades falsas e de mau gosto.

O julgamento, como é evidente, não nos compete.

Pós 25 de Abril: Editorial

A 27 de Abril de 1974, o Expresso actualizava assim o seu posicionamento, em Editorial, na 1ª Página (com continuação na p.10):

Os desafios necessários

É raro um governo de direita ser derrubado pelas suas próprias Forças Armadas. Em 25 de Abril, de 1974, isso sucedeu em Portugal.

Nas ruas, nos cafés, nos transportes colectivos, o ambiente é de alegria. O semblante normalmente triste dos portugueses resplandece com as perspectivas de «libertação do país do regime que há longo tempo domina».

O Programa do Movimento das Forças Armadas Portuguesas parece, na verdade, satisfazer todas ou quase todas as aspirações de um povo que durante largos anos viveu «em crescente desenvolvimento de uma tutela de que resulta constante apelo a deveres com paralela denegação de direitos».

Força não utilizada

Portugal adormeceu com as várias décadas de salazarismo e nunca chegou a despertar no decurso dos 5 anos e 7 meses do consulado do prof. Marcello Caetano.

Houve ocasiões em que o Presidente do Conselho deposto teve a força política suficiente para dar o passo em frente. Em 1969-70, sobretudo, criou o ambiente propício às reformas de estruturas necessárias. Os recuos e as hesitações que se seguiram à «Primavera Política» demonstram que pouco mais conseguiu do que acompanhar o ritmo imposto pela natural evolução das circunstâncias nacionais e internacionais. A crise de chefia começou a desenhar-se em 1970. Quanto mais acentuada ela foi, maiores cuidados houve, por parte do poder executivo em preservar o frágil presente de uns tantos, e cada vez menos se pensou a sério no futuro de todos.

Surgiram as medidas repressivas [...] da DGS e do Exame Prévio à Imprensa, escolheram-se para lugares de importância no Governo, na Administração e na Assembleia Nacional pessoas mais aptas a dizer que sim do que dotadas da imaginação criadora e da preparação profissional indispensáveis ao ressurgimento nacional. Gerou-se o clima ideal para as intrigas, os jogos de grupos dentro do «establishment», a predominância dos apenas habilitados. Os verdadeiros interesses nacionais, embora muitas vezes invocados, passaram a plano secundário enquanto os detentores do poder, obcecados por preocupações legalistas ou defendendo antes de tudo as suas posições e interesses pessoais, se degladiavam.

A actuação dos grupos económicos adaptou-se, como habitualmente, ao condicionalismo vigente e dele procurava tirar o maior partido (leia-se lucro).

A autoridade existia apenas para mandar a Polícia dispersar manifestantes ou invadir Faculdades ou para prender pessoas em Caxias; dentro do regime, a indisciplina impedia a criação de um dinamismo coerente.

O povo, a Nação permanecia fora de tudo isto, impedido de exprimir o seu pensamento, desinformado dos autênticos problemas, forçado a emigrar para se realizar. Persistiam também as injustiças sociais herdadas do salazarismo, os desequilíbrios económicos não corrigidos, e agravados por uma inflação não controlada, o aumento da distância entre os muito ricos e os outros.

Por mais fórmulas que inventassem, o omnipresente problema do Ultramar, continuava a dominar a vida portuguesa, funcionando, consoante os casos, como travão, ou desculpa, incentivo ou álibi.

Poderes quase absolutos

Por agora, não chegou o momento de julgar a quem pertencem as culpas da situação a que o País chegou. Quando a História proferir a sua sentença, será, todavia, útil não esquecer que, para além das fraquezas do prof. Marcello Caetano (a principal das quais terá sido a de não ter usado a força de que dispunha no momento devido), as responsabilidades do ex-Presidente da República, almirante Américo Tomás, são porventura mais graves.

A Constituição Política de 1933 atribuiu ao Chefe do Estado poderes quase absolutos. Ele pode demitir e nomear o Chefe do Governo e dissolver a Assembleia Nacional, [...]

O que irá suceder

Mais do que atribuir culpas ou fazer acusações, o que importa agora é pensar no que sucede e principalmente no que irá suceder.

Houve um pronunciamento militar, magistralmente concebido e executado, cavalheirescamente conduzido. O chamado «movimento dos capitães» demonstrou que não era apenas uma organização para diagnosticar e não actuar. Actuou, quando entendeu, com coesão e extraordinária rapidez e simplicidade, conseguiu dominar o País, quase não havendo derramamento de sangue, a não ser o da autoria da D.G.S.

O poder foi entregue a uma Junta de Salvação Nacional presidida pelo general António Spínola, à qual foi «exigido o compromisso, de acordo com as linhas gerais do Programa do Movimento das Forças Armadas Portuguesas [...] de, no mais curto prazo consentido pela necessidade de adequação das novas estruturas, promover eleições gerais de uma Assembleia Nacional Constituinte, cujos poderes, por sua representatividade e liberdade na eleição, permitam ao País escolher livremente a sua forma de vida social e política».

O prazo fixado no Programa foi de 12 meses. Entretanto, será escolhido pela Junta, de entre os seus sete membros, um Presidente da República que nomeará um Governo Provisório Civil.

O G. P. C. orientará os destinos do País, sob a égide do futuro Presidente da República, durante alguns meses. Governará sem D.G.S., sem censura prévia, sem A.N.P. Terá de enfrentar as opiniões, porventura discordantes, de associações cívicas a criar e de sindicatos dispondo de maior liberdade de acção (e, esperemos, do direito à greve). Terá de tomar medidas rápidas contra uma situação económica [...] em estado deplorável. Terá de reformar o sistema judicial. Terá de criar uma nova política social. Terá de «alargar e diversificar» as relações internacionais, abrindo a Leste e a Sul.

Terá, antes de tudo, de enfrentar e resolver um problema chamado Ultramar, procurando a paz, aceitando as regras do jogo e de um chefe «franco e aberto» a nível nacional.

Nem descrença nem resignação

[...] A tarefa é, obviamente, difícil. O G. P. C. parte de uma base estagnada. O que encontra é frágil ou deteriorado. [...] o facto de dever em parte ser constituído por «personalidades representativas de grupos e correntes políticas» poderá retirar-lhe a coesão indispensável.

Os tempos, porém, não estão, para descrenças nem resignações. Para que o povo continue a sentir a alegria há muito perdida, para que se demonstre de vez que não têm razão os defensores da tese de que «não estamos preparados», para que a comunidade nacional resolva o seu futuro por si própria e a seu favor, é preciso correr riscos, aceitar desafios. Desafios inadiáveis, porque já esperámos demais e não queremos nem podemos esperar mais. [...]

Os três desafios

O primeiro desafio põe-se a todo o País. O sistema político vigente foi derrubado. Há um programa de libertação e de procura da vontade nacional; e a adesão espontânea da maioria da população parece indicar que esta o aprova. O corolário lógico é a necessidade de um comportamento cívico adequado à mudança das circunstâncias. A liberdade é um bem demasiado precioso para provocarmos propositadamente a sua limitação. Por mais que a ela não estejamos habituados, por mais que a desejemos gozar e respirar a plenos pulmões, será útil não esquecermos que não a conquistámos e que

quem, de um dia para o outro, no-la deu a pode retirar ainda mais rapidamente.

O segundo desafio coloca-se precisamente no plano militar. As Forças Armadas demonstraram muito claramente que são eles quem detém o poder neste País. Usaram-no no momento em que consideraram que «a sua acção se justifica plenamente em nome da salvação da Pátria». Deverão a todo o custo resistir à tentação de abusar.

O pronunciamento do dia 25 [...] a única alternativa possível, no plano das realidades, a uma situação que se deteriorava sem remédio. O Movimento das Forças Armadas interveio para resolver a «grande crise nacional» e, com vistas à sua resolução, comprometeu-se a garantir a adopção das medidas constantes do seu Programa. Só terá ganho a partida, quando esse Programa for cumprido na totalidade. Para tal, terá de saber dosear a força de que efectivamente dispõe.

O terceiro desafio põe-se aos órgãos de Informação. Durante anos eles queixaram-se da actuação da Censura (ou desculparam-se com ela para disfarçar a sua incapacidade). Agora chegaram à hora da verdade. A comissão «ad hoc», prevista no Programa do Movimento das Forças Armadas, visa apenas evitar «as agressões ideológicas dos meios mais reaccionários»; por isso, a nova e desejada liberdade surge, acompanhada da responsabilidade inerente à função de quem tem de informar sem mentir nem omitir, de interpretar sem desvirtuar, de conceder a cada leitor a possibilidade de, em cada caso, optar com lucidez.

A posição do EXPRESSO

Neste particular, a posição do EXPRESSO é a de sempre. Não precisamos fazer meia volta como tantos outros. E isto por duas razões. A primeira é de que não somos falsos defensores da liberdade de Imprensa: desejamo-la, sofremos por não a ter mais do que todas ou quase todas as publicações portuguesas e, apesar das inúmeras dificuldades, nunca desistimos de dar aos nossos leitores o máximo consentido (e até, por vezes, não consentido) de informação e opinião. A segunda respeita à correspondência entre as teses por que temos pugnado, em matéria de política nacional e internacional, e os pontos de vista contidos no Programa do Movimento das Forças Armadas.

Das liberdades fundamentais à questão ultramarina, do combate à corrupção à abertura a Leste, da eleição por sufrágio directo do Presidente da República à reforma do sistema judicial, etc., a coincidência é quase total.

Continuaremos, portanto, naturalmente, pelo mesmo caminho. Aceitando sem reticências o desafio necessário que a nova situação política nos lança. Participando na batalha contra os outros necessários desafios. Lutando por que o País e cada um dos seus cidadãos saibam adaptar-se e beneficiem da mudança que já estamos a viver.

O próprio responsável fundador de o *Expresso*, Francisco Pinto Balsemão, faria referência a esses tempos num artigo publicado na revista *Visão*, 23 de Abril de 2009, (p.10), do qual se cita:

O 25 de Abril salvou o Expresso

Tenho dito, e mantenho, que se não fosse o 25 de Abril, o EXPRESSO teria muito provavelmente acabado.

No princípio de 1974 a Censura entrara numa fase mais opressiva do que nunca, chegando a extremos inconcebíveis.

Obrigaram-nos, por exemplo, a passar a enviar as soluções das palavras cruzadas, [...] juntamente com o problema, porque o autor, então, como hoje, Marcos Cruz (que é o

pseudónimo de minha mulher, Mercedes Pinto Balsemão) usava as legendas para piadas políticas; houve, por mais de uma vez, cortes nas legendas das palavras cruzadas [...]

O truque de mandar os artigos de opinião sem o nome do autor acabou; exigiram que tudo o que aparecesse assinado no jornal viesse também assinado nas provas remetidas a exame prévio. [...]

A gestão da substituição das matérias, incluindo fotografias cortadas, dos títulos invalidados, dos jornalistas desanimados, dos colaboradores impacientes, tornava-se quase impossível. O jornal fechava cada vez mais tarde, com consequências sobre a distribuição. [...] Os ardinias da Casa da Venda e os pontos de venda [...] protestavam. Os leitores escreviam e telefonavam a dizer que não conseguiam comprar o jornal ao sábado. A venda de exemplares era afectada. E a qualidade do jornalismo também, porque em diversas ocasiões, fomos forçados a escolher entre fechar de qualquer maneira, «atamancando», como então se dizia, ou ser mais perfeccionistas e perder uma hora ou duas em busca das melhores soluções. [...]

Esperávamos e desejávamos que os anúncios – tapa-buracos funcionassem como código e pedido de desculpas e estou em crer que para muita gente funcionaram.

Em qualquer caso, o 25 de Abril salvou o EXPRESSO. Não tínhamos condições nem económicas nem psíquicas para prosseguir durante muitos meses mais na luta inglória, não apenas contra a Censura, mas contra o esquema kafkiano das provas de páginas que ela montara contra nós.

O 25 de Abril foi sem qualquer dúvida um dos dias mais felizes da minha vida. Porque derrubou a ditadura e criou as condições para a implantação da democracia. Mas também, no meu caso concreto, porque acabou com a Censura.

Nunca me esqueço da sensação estranha e maravilhosa que foi preparar a edição do EXPRESSO de 27 de Abril de 1974. Lembro-me de, na sexta-feira, 26, sentar-me para redigir o editorial e de, pela primeira vez, não precisar escrever nas entrelinhas, poder libertar-me dos vícios e manhas que, para enganar a Censura, ganhara ao longo de 11 anos de jornalismo, assumir plenamente a responsabilidade de uma escrita directa e sem subterfúgios.

Conselho da Revolução decidiu: Intersindical é Confederação

Intersindical foi ontem le-
te reconhecida pelo Con-
a Revolução, sob a desig-
e Confederação Geral dos
tos. Esperava-se já que
cisão fosse anunciada na
e hoje pelo Presidente
omes, no decorrer do co-
memorativo do Dia do
ador, no Estádio 1.º de
m Lisboa.

termos da lei sindi-
que foi também objecto de
modificações quanto à
de eleger as direcções
m agora fazer-se eleições

para todos os corpos gerentes dos
sindicatos e para a própria direc-
ção da CGS. Esta poderá, poste-
riormente, alterar os estatutos da
central sindical.

O Conselho da Revolução
analisou também a situação na-
cional e internacional com as re-
percussões decorrentes do acto
eleitoral de 25 de Abril e ainda a
situação em Angola.

Durante um jantar ontem ofe-
recido pelo ministro do Trabalho,
major Costa Martins aos repre-
sentantes das organizações de

trabalhadores estrangeiras que se
encontram no nosso país a fim de
assistirem às comemorações do
1.º de Maio foram anunciadas as
decisões do Conselho de Revolu-
ção acima referidas e ainda que
foi aprovada a Lei das Associa-
ções Patronais.

Entre os convidados para o
jantar figuravam representantes
do Governo Revolucionário Pro-
visório do Vietname do
Sul — Les Kis Van e Bui Boy-
-Tan — que celebraram em Lis-
boa a libertação do seu país.

Luanda: colher obrigatório puta nas ruas

de e oito mortos e vinte e
ridos era ontem o balanço
frontações ocorridas em
nas últimas 48 horas entre
a E.L.N.A. (forças arma-
F.N.L.A.) e elementos
M.P.L.A. Registou-se tí-
m armamento pesado em

que se encontravam no D.I.P.
Com granadas e «rockets» foram
também atacadas todas as bases
do M.P.L.A. na capital angolana.

Os hospitais de Luanda lan-
çam apelos para a oferta de san-
gue e de alimentos.

Segundo sublinhou o

Neste número

Rosa Coutinho
analisa as eleições

Vietnam
Finalmente
a Paz

A crise da indústria
automóvel



Na página onze encontra-se o texto: Porquê «O Jornal», que sustenta as suas razões e finalidades deste projecto.

Porquê «O Jornal»

Porque aparece «O Jornal» e o que pretende — eis as duas perguntas para as quais julgamos que o leitor procurará resposta neste primeiro número.

Responderemos com um mínimo de palavras, que gostaríamos, no entanto, que deixassem bem claras as raízes de uma intenção que se quer transformar em programa, e de um programa que se quer transformar em acção.

Porque aparece, pois, «O Jornal»?

- Porque o 25 de Abril veio encontrar os jornalistas amordaçados por uma censura brutal; e, assim, amordaçados, tiveram um duplo motivo para entusiasticamente aderir a um 25 de Abril para cuja edificação alguns, apesar de tudo, haviam tentado contribuir. Um duplo motivo por o 25 de Abril representar para eles uma dupla libertação: como cidadãos e como jornalistas.

- Porque assim se sentiram com especiais responsabilidades, desejando participar activamente na consolidação e desenvolvimento do processo democrático e revolucionário, para o qual pretendem contribuir eficazmente através de um exercício livre, esclarecido e criador da sua actividade profissional.

- Porque, porém, o entusiasmo necessário para levar a bom termo esta tarefa, na maioria dos casos, cederia a um certo desencanto, provocado por um conjunto de circunstancialismos de ordem profissional, política e económica, impedindo-os de contribuir, como era seu desejo, para a construção da pátria livre da tirania e da exploração do homem pelo homem – o País, enfim, que o M.F.A. e o Povo Português estão a erguer.

- Porque esses circunstancialismos avultam as estruturas pesadas, quando não anquilosadas e anquilosantes, das empresas ou dos jornais já existentes, as pressões de vária ordem exercida contra a independência necessária a quem quer contribuir livremente (como jornalista e, por isso, profissional da Informação e da Verdade), para a revolução portuguesa e não aviltar-se em servilismos de qualquer género, as intromissões na orientação dos jornais e no trabalho dos jornalistas (algumas vezes até com boas intenções, as quais porém, não chegam) de grupos a quem não se reconhece representatividade, nem competência e, por isso, legitimidade para o fazerem.

- Porque entendem o Jornalismo a sério, como grande tarefa colectiva, de equipa, uma aventura partilhada apaixonadamente – e isso só se consegue num clima de franca, aberta e leal amizade e camaradagem, ou mesmo fraternidade, que desaparece quando a indispensável consciência e militância política é substituída pelo fervor partidário, o qual leva a lutas e quizílias lamentáveis.

- Porque julgamos que só num jornal de jornalistas, em que estes sejam colectivamente os únicos responsáveis pela sua orientação e execução, se poderá concretizar o mais possível aquela aventura e se poderá o mais possível contribuir de modo criador para um processo revolucionário como o que hoje se vive em Portugal.

- E porque, sendo este – o de um jornal de jornalistas – um velho sonho dos profissionais, e nomeadamente de muitos que fazem agora «O Jornal», o 25 de Abril veio possibilitar que esse sonho se realizasse.

O que pretende «O Jornal»?

- «O Jornal» pretende, assim, também, que o seu apoio à proposta socialista do M. F. A. e dos partidos progressistas passe por uma posição crítica e um amplo debate de ideias, onde aos argumentos não se substituam os insultos, os ataques ou os slogans (como tantas vezes, infelizmente vem acontecendo), e que proporcione ao leitor pistas que alimentem ou conduzam a sua inventiva política e a sua consciência cívica.

- «O Jornal» pretende, por outro lado, estar bem recordado da especificidade e delicadeza do momento de transição que vivemos, e que a crítica não pode ser feita desgarrada da prática, nem de um contexto de análise cuidada e atenta da situação concreta e quadro social em que se insere.

- «O Jornal» pretende ainda dar ao leitor todos os dados e elementos para que ele possa optar – e não quer, passando-lhe um atestado de menoridade ou de indigência

mental, optar por ele, ou fornecer-lhe dados ou elementos viciados que o conduzam a optar num sentido pré-determinado.

- «O Jornal» pretende, não obstante fazer um jornalismo crítico e interveniente, considerar um princípio ético, deontológico fundamental, não misturar ou confundir o comentário e o juízo de valor com a informação e a notícia, antes deve ficar bem demarcada a fronteira entre esses dois campos.

- «O Jornal» quer fazer um jornalismo substantivo, e adjectivo, criar um estilo próprio que se caracterize pela vivacidade e pelo dinamismo, proceder à análise numa linguagem de síntese, encontrar um ritmo, uma respiração num jornal que se adeque ao ritmo e à respiração do novo processo revolucionário.

- «O Jornal» pretende, enfim, por tudo que justifique o seu aparecimento, e por tudo o que interessará justifique a substância, ser um jornal em que se faça um jornalismo independente, livre, vivo, criador, alegre, lúcido – apaixonado, que participe nesta apaixonante tarefa de ajudar a construir a nossa revolução democrática, socialista e portuguesa.

Em termos de Editorial (p.12) encontram-se igualmente explanados os pontos cardeais que irão marcar a actuação jornalística, sob o título: "Intérpretes da vontade colectiva". Segue-se, igualmente, a transcrição:

INTÉRPRETES DA VONTADE COLECTIVA

Acaba de cumprir-se um ano sobre a data que nos libertou do regime totalitário. Depois de 48 anos de sucessiva descrença nas nossas potencialidades, num país que nos era estranho e onde se aviltava constantemente a inteligência, não podemos deixar de olhar para o passado imediato e reconhecer que tarefas tidas como impraticáveis e outras como impensáveis são hoje uma indesmentível realidade.

Assim, podemos orgulhar-nos já, embora sempre mantendo tanto para o passado como para o presente um olhar crítico, de ligações de amizade com dezenas de povos do Mundo, de um processo de descolonização marcado pela originalidade de descobirmos que temos mais que nos una do que nos separe, desde que abolidas por completo as estruturas coloniais a que todos estávamos sujeitos, afinal.

No campo das reformas sociais, entravadas por diversas vezes por mentalidades retrógradas que foi preciso afastar ou que de motu próprio se afastaram do país que não pretendiam reconstruir mas que haviam ajudado a destruir, muitas vitórias foram alcançadas, no caminho hoje indesmentivelmente aceite, para uma sociedade sem classes, onde não existam exploradores e explorados.

Aparecida numa conjuntura mundial bem pouco favorável, com um país debilitado numa guerra injusta que consumiu energias e vidas, e esgotado por um fluxo emigratório, a revolução portuguesa tem de ser entendida dentro destas coordenadas e não vista à luz de utopias.

Queremos reconstruir, não queremos destruir para construir de novo. São perspectivas diferentes, são perspectivas de quem julga ser melhor encarar uma realidade, por muito incómoda que seja, do que perseguir vias que a nada conduzem. É neste estado de espírito que encaramos e empreendemos esta obra comum. É com a certeza de que nenhum Poder, mesmo por mais que encarne uma vontade colectiva, pode estar ao abrigo de falhar e, por isso, tem de contar com a colaboração sempre presente de um espírito crítico, auxílio dos reflexos de uma consciência comum na tarefa de que ninguém foi excluído.

Definida como um Poder entre os poderes tradicionais, a Imprensa, e neste caso

particular num país onde um Poder além do clássicos já foi afirmado – o militar – tem deveres a que não no devemos eximir. Esperamos que nos aceitem como somos, na medida em que vamos procurar sentir como todos, traduzindo dúvidas, pondo problemas, apontando caminhos – nesta tarefa em que apenas somos intermediários do Povo que nos lê e que nós ouvimos antes de escrever.

De igual modo, são explicitados os estatutos da redacção (p.12), os quais são transcritos na íntegra:

Estatutos da Redacção

O Jornal é um semanário de jornalistas que para tal se constituíram em sociedade, decididos a trabalhar por uma informação objectiva e esclarecedora, desligada das pressões de sectores económicos e da influência de quaisquer forças políticas, culturais ou religiosas, adoptando perante os acontecimentos uma posição crítica progressista, norteadas pelos princípios de isenção e de defesa do interesse público, que entendem ser impostos à sua função pelas regras deontológicas da Imprensa e pela sua ética profissional.

Os jornalistas subscritores deste estatuto declaram-se empenhados em exercer a profissão sem se limitar a vender a sua força de trabalho a uma empresa que os inclua na coluna dos «deve» e do «haver» - nem os faça entrar nos cálculos do preço de venda sem mesmo serem consultados -, pelo que se comprometem a oferecer a O JORNAL, mais do que a lealdade de uma colaboração ou a fadiga de uma profissão exigente de um esforço contínuo na construção de uma obra de serviço público e duradoura.

1. A informação de O JORNAL será livre, isenta, objectiva e verdadeira, sendo apresentada de forma escrupulosa e clara.

2. A opinião de O JORNAL deverá ser expressa [sic] sob a forma de editorial, cujo conteúdo será obrigatoriamente de aprovação pelo Conselho de Redacção, constituído por cinco elementos eleitos anualmente.

3. O Director de O JORNAL, bem como a chefia da Redacção, serão sempre eleitos de entre os jornalistas fundadores, através de sufrágio. O resultado destas eleições terá validade de um ano, podendo os eleitos ser ratificados ou substituídos nos seus cargos por meio de novos actos eleitorais a realizar anualmente.

4. Toda a colaboração de elementos não pertencentes à Redacção e destinada a publicação deverá, tal como a inserção de matérias publicitárias, ser aprovada por maioria simples do Conselho de Redacção.

5. No caso de empate em votações da Sociedade ou do Conselho de Redacção o director de O JORNAL exercerá voto de qualidade.

6. A orientação de O JORNAL no que respeita aos aspectos informativos, concepção gráfica, posições políticas e opiniões em geral será de exclusiva responsabilidade da Direcção e da Redacção, através das estruturas constituídas, estando excluídas, neste domínio, qualquer intervenção de outros detentores do capital da empresa constituída para a publicação de O JORNAL, que se norteará pela defesa intransigente das profundas aspirações do Povo português, na sua luta por uma total emancipação.

AS VÉSPERAS DA INDIGITAÇÃO

ÚLTIMA HORA

Eanes fala hoje

Na posse dos últimos dados sobre a actual crise política, o Presidente da República, fará, hoje, à noite, uma comunicação para anunciar a sua decisão ao País.

A 13 de Julho de 1979, o Presidente da República, General António Ramalho Eanes, transmitia ao país, numa comunicação televisiva, a sua decisão de dissolver a então vigente Assembleia da República; de marcação de eleições legislativas intercalares e de indigitar uma personalidade para o cargo de Primeiro-ministro com o objectivo primordial de organizar esse mesmo acto eleitoral, a par, obviamente, de responder às questões executivas.

O semanário *O Jornal*, na sua edição de sexta-feira 13 de Julho, consegue apenas uma chamada de atenção, na zona de notícias de última hora, para a comunicação que o Presidente da República faria nessa noite.

Após a formação de novo Governo (de gestão) haverá dissolução "au ralenti" e eleições intercalares

EM COMUNICAÇÃO ontem feita ao País, o Presidente da República, general Ramalho Eanes, informou que irá dissolver a Assembleia da República, formando, no entanto, antes da dissolução um novo Governo, isento parcial e não partidário, para gerir os assuntos correntes do Estado durante os próximos três meses. Governo este cujo "Programa" será submetido à presente Assembleia da República. Esperando o Presidente que ela o não venha a inviabilizar (a este compasso de espera já chamam alguns observadores dissolução "au ralenti").

A decisão presidencial pôs termo a uma longa crise governativa, e foi precedida de uma reunião do Conselho da Revolução, realizada ontem de manhã, e durante a qual este órgão concedeu um parecer favorável à dissolução da Assembleia da República.

Eanes: um discurso curto mas incisivo

A COMUNICAÇÃO do Presidente Ramalho Eanes aos portugueses foi bastante curta mas incisiva, e nela o Presidente da República retratou a crise política e económica vivida nos últimos dois anos e apontou para a necessidade do mínimo de estabilidade política necessária para a adopção de medidas sérias de recuperação económica. Explicou as razões pelas quais se goraram as hipóteses

titucional, e respondeu à crítica segundo a qual a sua decisão abriria um longo período de campanha eleitoral de cerca de um ano e meio, dizendo que o clima político não seria menos eleitoralista se o Governo em funções se baseasse num apoio parlamentar e nacional frágil e rapidamente deteriorável.

Considerou como vantagem do acto eleitoral uma possível al-

O Presidente Ramalho Eanes, antes de gravar a sua mensagem televisiva, cerca das 19 horas da tarde, (e durante a qual se enganou 5 vezes), recebeu o primeiro-ministro. O Presidente da Assembleia da República e o Presidente do Supremo Tribunal de Justiça, a quem informou, em primeira mão do conteúdo da comunicação que mais tarde faria ao País (e que foi transmitida cerca das 21 horas).

O EXPRESSO contactou o primeiro-ministro cessante, Mota Pinto, ao qual solicitou um depoimento acerca do momento político. Mota Pinto escusou-se, porém, de falar alegando que "na actual situação, devo manter uma grande parcimónia, para além das declarações respeitantes a actos de administração ou de governo".

Quem aceita ser 1º Min. do Governo de gestão?

MARIA de Lurdes Pintassilgo, Barbosa de Melo e Jacinto Nunes são os três nomes mais insistentemente falados para o cargo de primeiro-ministro do Governo que deverá apresentar o seu Programa à Assembleia da República, antes de esta ser dissolvida. Sobreretudo Maria de Lurdes Pintassilgo poderia suscitar uma "pont" no Conselho da Revolução com o chamado "sector melo-antonista", não suscitando também objecções

Se o novo Governo, de exclusiva iniciativa presidencial, vir o seu programa rejeitado pela Assembleia da República, o Presidente da República terá que reapresentá-lo mais duas vezes (ou em alternativa, formar mais dois Governos) para que, de acordo com a Constituição possa estar em condições de exercer vinculativamente o poder de dissolução da Assembleia da República. O Presidente Eanes recordou na sua comunicação ao

Entretanto, o Partido Socialista (tal como a UDP) atacou abertamente a decisão do Presidente Ramalho Eanes, apesar deste ter feito em declarar que as eleições são intercalares e que não haverá alteração da revisão constitucional. Elementos da ASDI formularam certos reparos à intervenção de Eanes.

Em contrapartida, dirigentes do PSD e do CDS (partidos que tiveram reunião conjunta com o PPM no seio da "Aliança Democrática" para a decisão do Presidente da República, tendo mesmo Horta declarado que se tratava de uma estrondosa derrota do PS)

A hora a que encerramos esta edição, ignorava-se ainda o comentário do PCP às palavras de Ramalho Eanes.

Decisão do CR: maioria quase total

O GENERAL Ramalho Eanes encontrava-se decidido a jogar o seu lugar em Belém, quando entrou no edifício do Conselho da Revolução, onde teria lugar a reunião (antecipada para essa manhã), desse órgão de soberania.

No entanto, segundo o EXPRESSO conseguiria apurar, tal atitude não chegou a ser tomada, uma vez que Ramalho Eanes viria afinal a obter uma quase total

o facto de se ter avistado que antecedeu a reunião do Conselho Marques II amigo de sempre, e n quem, como é sabido, o nutre grande simpatia.

Apesar da reunião de CR ter decorrido, ainda n nossas fontes, "em cordial e calmo". — entanto, a sua duração que a inicialmente previ

O Expresso, na sua edição de 14 de Julho, consegue trazer para 1ª Página os tópicos essenciais do conteúdo da comunicação presidencial:

Em comunicação ontem feita ao país, [13] Julho, [21 horas] o Presidente da República, General Ramalho Eanes, informou que irá dissolver a Assembleia da República, formando, no entanto, antes da dissolução um novo Governo, isento parcial e não partidário, para gerir os assuntos correntes do Estado durante os próximos três meses, Governo este cujo "Programa" será submetido à presente Assembleia da República. Esperando o Presidente que ela o não venha a inviabilizar (a este compasso de espera já chamam alguns observadores dissolução au ralenti).

Antes de ser público o nome da personalidade que haveria de aceitar tal mandato, o *Expresso* (14 de Julho) lançava a questão sobre quem poderia vir a representar a escolha do Presidente da República, General Ramalho Eanes. O nome de Maria de Lourdes Pintasilgo é, entre outros, mencionado, tal como se pode ler na 1ª Página:

Quem aceita ser 1.º Min. do Governo de gestão?

MARIA de Lurdes Pintasilgo, Barbosa de Melo e Jacinto Nunes são os três nomes mais insistentemente falados para o cargo de primeiro-ministro do Governo que deverá apresentar o seu Programa à Assembleia da República, antes de esta ser dissolvida. Sobretudo Maria de Lurdes Pintasilgo poderia suscitar uma "ponte" no Conselho da Revolução com o chamado "sector melo-antunista"

Se o novo Governo, de exclusiva iniciativa presidencial, vir o seu programa rejeitado pela Assembleia da República, o Presidente da República terá que reapresentá-lo mais duas vezes (ou em alternativa, formar mais dois Governos) para que, de acordo com a Constituição possa estar em condições de exercer vinculativamente o poder de dissolução da Assembleia da República. O Presidente Eanes

Maria de Lurdes Pintasilgo, Barbosa de Melo e Jacinto Nunes são os três nomes mais insistentemente falados para o cargo de primeiro-ministro [...]. Sobretudo Maria de Lurdes Pintasilgo poderia suscitar uma "ponte" no Conselho da Revolução com o chamado "sector Melo-antunista" não suscitando também objecções do PS e do PCP. Qualquer dos outros nomes não teria oposição provável de socialistas e comunistas.

Na semana seguinte, a 19 de Julho, fica-se a saber quem é a personalidade escolhida por Ramalho Eanes, para liderar o novo Executivo até às eleições legislativas intercalares. Maria de Lourdes Pintasilgo é, então, a figura escolhida para Primeira-ministra do V Governo Constitucional.

**MARIA DE LOURDES PINTASILGO,
1ª MINISTRA DO
V GOVERNO
CONSTITUCIONAL:
OS PRIMEIROS ECOS**

O Jornal, 20 de Julho
1ª Página

U J U I I U I

**A primeira (grande) entrevista
do novo chefe do Governo**



Lurdes Pintasilgo: “Quero dialogar com o povo”

O entendimento de *O Jornal*, acerca da decisão presidencial, pode ser lido no editorial com o título, (p.2):

Golpes baixos

A decisão do Presidente da República de optar pela dissolução da Assembleia, em detrimento da tentativa de formar um V Governo, foi, em nosso entender, a pior que o general Ramalho Eanes poderia ter tomado, [...] Tratou-se, no entanto, de uma decisão legítima, no quadro dos poderes que ao Presidente são constitucionalmente conferidos; e não temos dúvidas que Ramalho Eanes optou por ela, apenas por entender que essa seria a melhor solução para a democracia e para o País.

Isto é: não queremos crer que tal opção se tenha verificado por Eanes ceder [...] às «pressões da direita», nem que o tenha feito por calcular que, [...] à luz duma eventual recandidatura, essa fosse a decisão que mais lhe convinha.

Seja como for, repetimos, o Presidente decidiu nos termos dos poderes legítimos que

tem, [...] Tanto mais que o general Ramalho Eanes teve, enfim, o bom-senso e a coerência de deixar expresso, sem ambiguidades, [...], que respeitaria escrupulosamente a legalidade democrática e constitucional, e não aceitaria as teses e práticas a ela contrárias, propugnadas por forças declarada ou efectivamente de direita.

A interpretação de *O Jornal* relativamente às reacções dos partidos em virtude da decisão do Presidente da República:

Face a esta decisão presidencial, era de esperar (ou de desejar) que todos os partidos tivessem o mínimo de senso e de dignidade democrática [...] e não começassem com ataques inqualificáveis ou demagogias e mentiras inclassificáveis. Que nem o PS passasse a uma oposição sistemática e porventura destruidora contra o Presidente, nem que o bloco PSD/CDS/PPM fosse demasiado triunfalista por se ter ido para a solução que preconizava, embora dentro dos estritos limites constitucionais [...] Quanto ao PCP, como adoptou uma posição que durante a crise que dava para todas as saídas, o problema não se põe...

De novo, referências às reacções dos partidos, agora especificamente, da direita e reforço da defesa à decisão de Ramalho Eanes:

Ao invés, o bloco PSD/CDS/PPM não parece ter rejubilado tanto como se previa com a consagração da solução por si defendida, o que parece vir dar razão à tese de que ou não queria tanto as eleições como dizia, ou só as queria no quadro anticonstitucional e «golpista» a que o Presidente disse de modo inequívoco «não», fechando-lhe todas as possibilidades [...]

A posição de *O Jornal* face à figura de Maria de Lourdes Pintasilgo comentando, uma vez mais, as reacções oriundas da direita:

Finalmente, a indigitação para Primeiro-Ministro do próximo Governo de uma figura com a craveira intelectual e autoridade moral de Maria de Lourdes Pintasilgo, personalidade de indiscutível honestidade, isenção e independência partidária, fez que alguns dos mais desmiolados e demagógicos representantes dessa mesma (certa) direita e extrema-direita já tivessem irrompido em afirmações falsas, acusações vis e insinuações torpes. [...] essas forças estão a começar a demonstrar que temem eleições que se preveja imparcialmente conduzidas por um Governo sério e independente, [...].

O Jornal localiza a origem do rótulo "«melo-antunista»" e tece considerações políticas sobre o Verão de 1975:

A falta de honestidade e de vergonha de tal direita irá com certeza manifestar-se, assim, intensamente nos próximos tempos. Não faltarão os golpes baixos de que um dos mais óbvios e gastos, já começou, aliás, a ser utilizado: chamar «melo-antunista» ao indigitado Primeiro-Ministro. O que ou não é nada, para além do «slogan» usado por pasquins e entidades fascistas para sem argumento, atacar quem lhes convém ou dê na gana, ou só poderá ser a designação, aliás incorrecta, dada àqueles militares democratas e patriotas que libertaram Portugal da ditadura ao fazer o 25 de Abril, é depois, quando no Verão de 75 [...] se perfilarão perigos de ditadura [...] contra ela se bateram na primeira linha e a derrotaram, agrupando-se [...] em torno do «documento dos nove», que era chamado também, sobretudo por certa extrema esquerda de então, como documento dos «moderados» ou «melo-antunistas».

Conclui referindo-se ao percurso de Maria de Lourdes Pintasilgo na instituição católica e de novo uma qualificação às reacções da "tal direita":

Mas também estes golpes assim utilizados em relação a uma figura como o Primeiro-Ministro indigitado, que além do mais é, como todos sabem, uma personalidade muito ligada à Igreja, com um rico currículo em várias suas organizações e muito considerada dentro dela, até ao mais alto nível – só servirá para dar o retrato desses mesmos que não tendo escrúpulos nem vergonha se permitam auto-apelidar-se de democratas e às vezes falar em nome de interesses do povo português. Povo português que, decerto, os saberá julgar como merecem.

Quanto à entrevista *O Jornal* revela, em título, o seu orgulho de publicar, (p.2,3,4):

**A primeira entrevista do novo chefe do Governo
Maria de Lourdes Pintasilgo a *O Jornal***

Destacando um dos objectivos estruturais da Primeira-ministra nomeada:

«Tentarei criar um Governo com estrutura mais leve»

No texto introdutório, *O Jornal* destaca resumidamente o enquadramento, em que esta entrevista ocorreu, assim como um conjunto de informações que contribuem para o conhecimento do perfil de Maria de Lourdes Pintasilgo. Este semanário evidencia duas afirmações de Maria de Lourdes Pintasilgo directamente relacionadas com a sua indigitação. Uma delas aponta para a futura estrutura do Governo:

«Tentarei uma estrutura se possível mais leve do aparelho governativo, em que seja dado idêntico relevo às grandes áreas de coordenação da vida social, cultural e económica portuguesa.» - disse-nos, ontem à noite, o Primeiro-Ministro indigitado, Maria de Lourdes Pintasilgo, em entrevista exclusiva a *O Jornal*. Sentada numa sóbria mesa de trabalho do exíguo e simples apartamento da Alameda de Santo António do Capuchos onde desde há longos anos vive, em instalações compartilhadas com outras mulheres integradas no GRAAL (organização laica católica), embaixador de Portugal na UNESCO, depois de ter sido ministro dos Assuntos Sociais no II Governo Provisório, (ver «A figura da semana»), fala-nos compassadamente e confessa-nos o cansaço que as suas primeiras preocupações governativas, já lhe estão a provocar.

E a outra vai directamente ao encontro do motivo pelo qual Maria de Lourdes Pintasilgo aceitou levar a cabo tal dever, deixando claro que a carreira na política não se encontra nos seus horizontes:

«Foi essencialmente o desejo de responder ao momento histórico que vivemos que me levou a aceitar a incumbência de tentar formar o Governo de gestão, mas não será por isso que irei agora inflectir a orientação e a forma como tenho vivido a minha própria história que é tudo menos uma carreira» - dir-nos-ia ainda.

O Jornal informa que esta entrevista fora iniciada:

Onze dias antes, no seu confortável gabinete da Missão Portuguesa junto da UNESCO, no 6º andar do nº1 da villa de Segur, Maria de Lurdes Pintasilgo falava-nos outras coisas. Da sua actividade na UNESCO, da evolução política que Portugal sofreu depois do 25 de Abril, da Constituição, do referendo, dos partidos políticos, enfim dos problemas da comunicação social estatizada. E contava que gostaria imenso de ver o presidente da República na UNESCO quando da sua visita oficial a França e que tinha assegurado a realização no próximo ano em Portugal de um Simpósio Internacional sobre o Homem, o Oceano e a Ética, a maior realização deste biénio daquela organização.

Hoje já não é, portanto, o embaixador de Portugal junto da UNESCO mas sim o Primeiro-Ministro indigitado que fala a «O Jornal» na sua primeira grande entrevista aos órgãos de comunicação social.

Conclui a introdução à entrevista, valorizando-a e situando-a espacial e cronologicamente:

É essa importante e muito interessante entrevista, conduzida por Carneiro Jacinto, feita há onze dias em Paris e ontem, quinta-feira à noite em Lisboa, que apresentamos de seguida.

Fica-se então a saber que este trabalho jornalístico pretende reflectir tanto a recente nomeação de Maria de Lourdes Pintasilgo a Primeira-ministra, como os seus pontos de vista sobre a realidade portuguesa cinco anos passados sobre o 25 de Abril e a sua prestação na UNESCO. Constatam-se, assim, três tópicos essenciais. O primeiro grupo temático de perguntas aborda sobretudo o momento da indigitação, procurando expor a perspectiva de Maria de Lourdes Pintasilgo sobre a sua nomeação:

Maria de Lurdes Pintasilgo

Foi essencialmente o desejo de responder ao momento histórico que vivemos. É preciso que nesta caminhada de democracia o povo exprima livremente como quer determinar o seu modo de viver em sociedade. Se um Governo pode garantir instrumentos para que essa caminhada seja realizada na harmonia e com imaginação, estou disposta a ser parte integrante dele.

Sobre a arquitectura governamental:

P – Que tipo de estrutura de Governo pensa adoptar no seu gabinete?

R – É ainda muito cedo para poder falar de aspectos muito concretos. Tentarei tudo o que me for possível no sentido de explicitar na actuação que vou ter, as minhas ideias, de que teremos oportunidade de falar. [...] tentarei criar uma estrutura se possível mais leve do aparelho governativo, em que seja dado idêntico relevo às grandes áreas de coordenação da vida social, cultural e económica portuguesa. Decerto que haverá outras condições que terão de ser postas em marcha, mas essas teremos de as deixar para a surpresa do dia-a-dia.

Sobre a continuação ou não de elementos do Governo cessante, Maria de Lourdes Pintasilgo é claramente explícita sobre a natureza singular do seu mandato – dissolução da Assembleia da República – o que levará inevitavelmente a uma composição ministerial de cariz diferente.

P – Pensa convidar muitos dos actuais responsáveis do IV Governo para integrar o seu executivo?

R – Julgo que neste momento não posso dar uma resposta muito concreta à sua questão. Apenas queria acentuar o seguinte: o Governo que terminou agora o seu mandato e o Governo de que vou ser parte integrante, têm características completamente diferentes. O primeiro funcionou [...] com uma Assembleia da República, enquanto este funcionará para preparar eleições e na ausência da Assembleia da República. Ora, isso postula imediatamente uma diversidade de funções para o Executivo e possivelmente também diferenças de personalidades.

A importância do diálogo em Maria de Lourdes Pintasilgo:

**Quero contactar directamente
com o povo português**

«Quero contactar directamente com o povo português»

P – E o que é que a preocupa mais nesta altura que assume a responsabilidade de chefiar o Governo de gestão?

R – Compatibilizar a tarefa quotidiana da chefia do Governo com aquilo que me parece mais importante neste momento. Isto é, o diálogo que eu gostaria de instaurar não só com as forças organizadas, mas com o povo no seu conjunto, de modo a que a inovação [...] venha directamente até mim. Em meu entender ela não decorre do Governo, vem do povo e espero [...] que esteja em condições de disponibilidade de espírito para as poder captar e tentar dar-lhes a execução que for possível.

P – Como pensa passar essa ideia à prática?

R – Gostaria de ter um contacto muito frequente e directo com o povo português ao longo destes, no máximo 100 dias, que tenho na minha frente.

Os ecos sobre uma possível manutenção no espaço público da política. O interesse e curiosidade em saber se Maria de Lourdes Pintasilgo terá a intenção de continuar na vida política activa.

P – Não pensa que com essa ideia poderá vir a ser acusada de pretender fazer carreira política? Foi com essa ideia que aceitou ser Primeiro-Ministro?

R – Como pode verificar pelo meu currículo, a minha história é tudo menos uma carreira. Não será neste momento que irei inflectir a orientação e a forma como tenho vivido a minha própria história. Não penso que os portugueses ao ouvirem-me, e alguns ao lerem-me, vejam nisso uma promoção pessoal. Julgo que estou suficientemente sintonizada com aquilo que nos caracteriza como portugueses para poder ter o único diálogo de que sou capaz e que é o da procura e da franqueza total.

A pergunta inevitável, o assunto incontornável: a primeira mulher Primeira-ministra.

**Quero realizar a minha tarefa
na solidariedade com as outras mulheres**

«Quero realizar a minha tarefa na solidariedade com as outras mulheres»

P – A senhora engenheira é a primeira mulher a chefiar um Governo português. O que lhe parece que isso poderá significar para o conjunto das mulheres portuguesas?

R – Atribuo a esse facto uma importância simbólica. Há um tributo que fica

levantado e daqui para a frente já não será proibido uma mulher chegar a este lugar, será sempre possível. Isso é importante a nível desta função e é com certeza também importante a nível de muitas outras funções. Mas não considero que pelo facto de eu ser indigitada [...] fique resolvida a discriminação de que são vitimas as mulheres em muitas das funções que ainda exercem. A minha atitude neste momento como mulher é a de considerar que é na solidariedade com as outras mulheres que eu quero realizar esta tarefa. Sinto-me em convergência de situação e de aspirações com as mulheres do nosso país que querem encontrar uma forma de contribuir para a vida social.

P – Assusta-a [...] existirem certas forças que não vêm com bons olhos a sua escolha para Primeiro-Ministro do Governo de gestão?

R – O susto não é exactamente isso. Há um risco e o maior é o de verificar muitas vezes que forças que se podem mostrar contrárias à minha presença [...] o façam a partir de interesses que me podem levar [...] a uma atitude de cepticismo em relação às pessoas e à coisa pública. É isso que receio mais do que outra qualquer coisa.

O segundo momento: apreciação de Maria de Lourdes Pintasilgo sobre a realidade portuguesa depois do 25 de Abril.

«Enquanto as estruturas governativa e administrativa não corresponderem a novas perspectivas, tudo o resto são paliativos»

P – Passados cinco anos sobre o 25 de Abril, que leitura faz da actual situação [...] O que se fez de positivo e o que pensa que podia e devia ter sido feito?

R – [...] em termos de aplicação rigorosa da Constituição, se agarrarmos nela encontramos definidos os direitos e os deveres fundamentais dos cidadãos. Em termos institucionais nós não fomos ainda capazes de criar uma estrutura governativa que, de algum modo, responda às necessidades, direitos e deveres do próprio povo. [...] um Governo não é só um conjunto de ministros, que segundo um esquema tradicional, carregam cada um a sua pasta e resolvem cada um de forma sectorial, o seu conjunto de problemas. Um governo que hoje deve fazer face de maneira adequada aos problemas da sociedade tem, necessariamente, de ser estruturado de maneira diferente. [...] por exemplo, em Inglaterra, um pequeno gabinete coordenador das áreas-chave da actividade nacional. Julgo que [...] teríamos uma transformação institucional que me parece fundamental, e que estaria na sequência lógica das transformações que foram desejadas após o 25 de Abril.

Mas haverá ainda que dizer que em termos institucionais a Constituição está longe de ser cumprida no que diz respeito à regionalização da vida nacional.

É certo que A Lei das Finanças Locais deu um certo contributo para uma nova forma de encarar os ambientes de dimensões humanas [...] Mas estamos ainda longe de termos chegado a uma concepção do nosso espaço geográfico e humano, em que tenhamos ultrapassado o macrocefalismo que herdámos e em que possamos encontrar de novo um «policentrismo» em todas as áreas.

Isso julgo que responde à tão falada descentralização – que para alguns é apenas uma utilização de boas correias de transmissão, com o Governo situado no centro, com os seus órgãos intermediários e periféricos – mas também ao que se chama a desconcentração, o que quer dizer que os centros de decisão não têm de estar todos no mesmo local, nem no mesmo agregado, mas podem diversificar-se consoante a realidade geográfica e humana que servem.

Isto para mim é tão básico que enquanto a estrutura governativa e a [...] administrativa do país não corresponderem a estas perspectivas considero que tudo o resto são paliativos.



Legenda: Maria de Lurdes Pintasilgo na varanda do seu apartamento em Lisboa. «O único diálogo de que sou capaz é o da procura da franqueza total.»

«A constituição está longe de ser aplicada no que tem de mais inovador»

P – Não lhe parece portanto como hoje certos sectores defendem que a Constituição é a casa de todos os males?

R – Não, longe disso. A Constituição está longe de ser aplicada naquilo que tem de mais inovador. [...] O que ficou sempre na sombra é aquilo que na nossa Constituição pode ser caminho de resposta a aspirações que são próprias do nosso tempo [...].

«O referendo nesta altura é descabido»

P – Uma questão que anda no ar [...] proceder a um referendo que possibilite uma revisão global da Constituição. O que pensa a este respeito?

R – Parece-me que nesta altura o referendo é perfeitamente descabido. [...] podemos ver na História [...] cada vez que um referendo é utilizado, é-o, sobretudo, para dizer sim ou não a alguém. Aconteceu-me estar em França, quando em 69, o general De Gaulle pôs à consideração [...] o referendo e o texto de 29 páginas em que estavam os fundamentos da regionalização, que era a questão básica sujeita a referendo. Ora, esse texto raramente foi referido, quer na televisão quer na imprensa.

É claro que foi o general De Gaulle que pessoalizou o problema convertendo o referendo num sim ou não ao general. Mas se neste caso histórico o processo foi nítido, a mesma transparência não é evidente em todos os processos. Não julgo assim que o processo português tenha suficiente clarificação para, neste momento, pormos ao povo um referendo cuja matéria é de difícil descrição. Gostaria, aliás, de ouvir as figuras políticas portuguesas e os profissionais da Informação que afincadamente têm vindo a defender essa ideia, explicar as questões-chave do referendo ao povo, em qualquer situação...

«Dois factores para as crises sucessivas: excessiva ideologização e diversidade de estratos sociais»

P – Em sua opinião, e para além da necessidade que já apontou da reformulação de estrutura do Governo e de se avançar com uma verdadeira regionalização, a que é que atribui as sucessivas crises de Governo que temos vivido?

R – Estou longe de ter uma análise ainda que aproximada dessas crises...Mas penso

que há dois factores que pesaram muito na sua eclosão. O primeiro foi [...] a excessiva ideologização de todos os problemas. Vejo debaterem-se em termos de antagonismo ideológico, certas questões que a nível mundial se apresentam já como questões de civilização, de sobrevivência, mesmo da humanidade.

Esses antagonismos se não são superados numa síntese adequada, conduzem necessariamente a situações de ruptura.

O segundo factor é a própria diversidade dos estratos sociais portugueses e a dificuldade de compatibilizar soluções que respondam a essa diversidade. Daí a precariedade de soluções, a insatisfação nas camadas da população que se sentem preteridas e a conseqüente instabilidade governativa.

«Partidos reflectem as dificuldades de todos os outros regimes parlamentares dos países industrializados»

P – Parece-lhe que o mal estaria nos partidos políticos como alguns querem fazer crer? Isto é, parece-lhe que o facto de termos vivido muitos anos sem democracia e de termos partidos políticos novos que ainda estão a fazer a sua própria aprendizagem da democracia trará dificuldades e que a solução se encontrará fora deles?

R – Bem, ao argumento que quer responsabilizar unicamente os partidos, evidentemente que tenho de responder que não. Não são apenas os partidos a causa das crises, embora sejam os actores dominantes na cena política. Os partidos exprimem, necessariamente, uma realidade sociopolítica.

Quanto à argumentação que normalmente se segue e que se refere à nossa inexperiência da democracia, terei que responder de uma forma quase violenta. É que nós tivemos através daquilo que muita gente chama a agitação revolucionária do pós-25 de Abril, um período de «formação democrática acelerada».

O que é afinal a democracia? É a gestão das coisas pelo povo. Ora, o que é que nós tivemos durante esses dois anos? Tivemos uma irrupção enorme, a todos os níveis e em todas as estruturas sociais, da experiência do povo a gerir os seus próprios negócios e os seus próprios interesses. [...] durante aqueles meses, e eu diria mesmo durante aquelas três semanas que se seguiram ao 25 de Abril, deu um salto gigantesco em termos de democracia.

Julgo, aliás, que os partidos portugueses são talvez vítimas deste facto: é que, ao mesmo tempo que o povo fazia [...] um certo caminho para a democracia em termos que poderiam conter aspectos complementares das forças partidárias, os nossos partidos seguiram a sua lógica própria, à semelhança do que se passa nas democracias institucionalizadas.

Assim, ao actuarem no contexto de um povo em plena efervescência, os partidos portugueses reflectiram de forma mais aguda as dificuldades e a problemática que se levantam hoje em todos os regimes parlamentares dos países industrializados.

De facto, temos vindo a assistir, nos últimos dez anos, a realizações que são a expressão da necessidade que o povo hoje tem de se organizar para exprimir aquilo que deseja e para gerir aquilo que lhe diz respeito.

Toda a gente tem a aspiração, não só de exprimir as suas convicções, mas também de dar o seu contributo para a realização, mesmo sectorial, dos problemas que lhes dizem respeito.

O terceiro momento: a actividade de Maria de Lourdes Pintasilgo junto da UNESCO.

«Portugal teve contribuição decisiva para a definição de importantes teses na UNESCO»

P – Poderíamos agora falar da sua actividade na UNESCO [...].

R – Em primeiro lugar a minha actividade na UNESCO tem tido como objectivo a contribuição para a criação de um pensamento comum com as outras nações, de outros continentes e de outras convicções políticas.

[...] a UNESCO cobre vários sectores de actividade [...] agrupados em grandes áreas de interesse [...] a educação e a ciência, cultura e a comunicação. Essas áreas são basicamente as seguintes: a possibilidade de as sociedades de construírem o seu próprio modelo de desenvolvimento e fazerem face de forma criadora à sua própria história; a utilização da ciência e da tecnologia como factor determinante do tipo de sociedade, das relações entre as pessoas e das estruturas que a sociedade vai criar; a acção educativa, encontrando respostas para as aspirações dos indivíduos e para as necessidades das sociedades; o enquadramento do homem e das comunidades no seu meio-ambiente natural e cultural; e finalmente a comunicação entre os homens, entre os grupos e entre as nações. É em todas estas áreas que se processa a nossa contribuição.

Ao fazer o balanço deste três anos e meio de presença à frente da Missão Portuguesa Junto da UNESCO, julgo poder afirmar ter sido a nossa contribuição, embora modesta é certo, de algum modo decisiva para o procedimento de algumas teses [...] que nos parecem fundamentais. Nesse balanço, julgo que posso concluir ter sido importante o facto da cultura portuguesa aparecer como distinta, não só capaz de abarcar as realidades presentes mas também numa perspectivação para o futuro. Tudo isto com a imaginação e a flexibilidade que afinal a nossa história mostrou que nos melhores momentos somos capazes de ter...E pelos ecos que as nossas intervenções e a nossa acção têm tido na UNESCO, a imagem que eu capto, é a imagem de um realismo criador e ao mesmo tempo original. E por isso fico satisfeita.

«A noção de "acesso das massas à cultura»

P – Mas poderia referir alguns aspectos práticos e concretos da nossa intervenção na UNESCO, por seu intermédio?

R – Um aspecto muito importante, é o que diz respeito à cultura, em que nós tivemos uma influência decisiva. [...] processava-se na Organização toda uma orientação tendente a determinar as condições para o «acesso das massas populares à cultura».

A nossa intervenção [...] foi a de desmistificar a própria noção de «acesso das massas à cultura» e isto por duas razões: por considerarmos que o conceito de cultura subjacente [...] era uma cultura elitista, uma cultura depósito de saber acumulado que não é desprezível de modo algum, mas que não é a única cultura. Esse conceito deixa de lado a criação contínua do homem e de grupos face à história que estão a viver. Por outro lado a expressão acesso das massas tornavam o povo objecto dessa cultura, dependente de um centro em que se encontrará tal cultura.

Conseguimos transformar, no conteúdo e na formulação, essa recomendação em qualquer coisa de mais dinâmico relativamente à participação das massas culturais na vida cultural. Também temos tido uma contribuição muito importante no domínio da utilização da ciência e da tecnologia no desenvolvimento. [...] e perante as intervenções dos vários ministros de outros países europeus, apresentámos por assim dizer «a voz

do sul» dentro do Hemisfério Norte.

Pudemos apontar [...] o facto dos nossos jovens diplomatas participarem em cursos de pós-graduação e em particular em doutoramentos em outros países da Europa [...].

Todos esses jovens quando efectuam a sua tese estão a servir não à nossa política científica e tecnológica, mas a política dos países que os acolhem ou, ainda pior do que isso, dos professores que orientam as suas teses. E naturalmente quando regressam ao nosso país desejam, como é lógico, ter à sua disposição os instrumentos, o ambiente, o enquadramento estrutural, em que possam fazer render aquilo que aprenderam.

Ora isto (que é legítimo) traz um grande desperdício porque dadas as dimensões do nosso país, nós não podemos pretender dar escoamento e utilização a interesses tão diversificados como têm os países altamente industrializados. O facto de termos acentuado este aspecto provocou uma reacção extremamente positiva nos outros países de todas as tendências. [...] apenas alguns exemplos referirei o ministro da Ciência de Inglaterra, o vice-ministro da Ciência da União Soviética, o ministro da Energia e das Infra-Estruturas de Israel que foram os que entraram em diálogo connosco a partir da nossa tomada de posição para procurarem criar alternativas para a cooperação neste domínio.

P – E quais foram os resultados dessa decisão?

R – Não houve logo uma resolução, nem poderia haver, que tivesse uma intervenção directa nas políticas internas dos Estados, [...] as organizações internacionais limitam-se a fazer recomendações aos Estados membros. Que significa isto então? Significa que há um caminho aberto para outro tipo de acções... Este facto é um exemplo do que nós realizamos ao nível da UNESCO: criar uma compreensão para um certo número de problemas que não nos são próprios nem exclusivos, mas que nós sentimos de uma maneira clara e particular [...]. Penso, sobretudo, na reflexão interna de políticas que têm que ver com as questões que acabo de levantar.

**Não vim
para a UNESCO
para me sentar aqui
silenciosa**

«Não vim para a UNESCO para me sentar aqui silenciosa»

P – Sente que o seu trabalho na UNESCO tem sido apoiado e que o significado das decisões tomadas têm tido repercussões?

R – Eu creio que a minha resposta vai ser, necessariamente, ambígua. Não há dúvida que tenho recebido o apoio das mais altas autoridades do país, [...] e tenho tido a liberdade de tomar decisões e exprimir opiniões.

Como calcula não vim realizar esta tarefa para me sentar aqui silenciosa! Vim para tomar opções, atitudes claras e mostrar a fisionomia do nosso país e os seus problemas reais. Essa liberdade tenho-a tido e tem sido totalmente coincidente com a orientação dos vários Governos com os quais tenho tido que trabalhar.

Além disso, como sabe, o senhor Presidente da República interessa-se, também muito, pela nossa presença na UNESCO uma vez que compreende a importância de que se reveste esta plataforma [...] considerada, no conjunto das Nações Unidas como a «consciência ética» do sistema.

[...] No nosso país estamos tão atarefados com as negociações entre forças políticas, que tem sido muito difícil chegar-se a definir quais são os verdadeiros nós da transformação estrutural do nosso país. [...] era urgente ter clarificado aquilo a que chamo o «módulo» da estrutura social e que são as grandes questões, [...] decisivas e determinantes. Ora, isso não tem sido possível dada a preocupação por outro tipo de problemática.



Legenda: Maria de Lurdes Pintasilgo na sua casa das proximidades do Campo Santana. «Quero ter o diálogo da procura e da franqueza total.»

Maria de Lurdes Pintasilgo na sua casa das proximidades do Campo Santana
«Quero ter o diálogo da procura e da franqueza total»

P – Mas quais são, então, em sua opinião, essas grandes questões?

R – A verdade é que nós, até aqui, temos estado em termos da nossa estrutura interna, intensamente preocupados com o problema económico e financeiro. É certo que [...] é o que todos governantes sentem de imediato.

No entanto, ele não é de modo algum a base, mas sim a resultante, de um conjunto de esforços: da definição de uma política científica e tecnológica adequada; da definição de uma política cultural em que faço entrar toda a acção educativa e, diria mais, a rede de comunicação entre os portugueses.

«Nem sempre tive apoio porque não existem estruturas de coordenação»

Ora, não estando definido quem é o pólo que tem a responsabilidade última de cada uma destas coordenadas, necessariamente que a economia, [...] toma o 1º lugar e é praticamente impossível fazer introduzir algum factor de ordem externa de contribuição da comunidade internacional, [...].

Daí a ambiguidade da minha resposta, [...] Nem sempre tive o apoio que desejava, porque não existem as estruturas de coordenação necessárias para dar corpo às perspectivas abertas pela cooperação internacional.

A grande polémica na UNESCO em torno dos meios de comunicação social.

«O Governo não vai intervir na técnica do funcionamento da informação.»

P – De qualquer forma a sua presença na UNESCO ficou, sobretudo, assinalada pela grande discussão que se gerou em torno do debate da comunicação social. Agora que os ambientes serenaram, qual é a análise que faz de tudo, o que foi dito nessa altura?

R – Essa polémica transcendia os meios de comunicação e dizia respeito, fundamentalmente, ao diálogo Norte-Sul. [...] houve uma grande reticência [...] de alguns países altamente industrializados em aceitarem a definição de uma nova ordem económica internacional feita pela Assembleia Extraordinária das Nações Unidas, realizada em 1974.

O problema do papel dos meios de comunicação, relativamente à propaganda da guerra, do racismo, etc. e no aspecto positivo a sua contribuição para a cooperação internacional, tinha tido, à partida como ponto fundamental, a reivindicação feita pelos países do Hemisfério Sul (e de uma forma estruturada pelo «grupo dos 77») da necessidade de que a informação não fosse apenas veiculada pelas grandes agências internacionais – todas elas situadas no Hemisfério Norte, e não apenas no mundo ocidental – mas que fosse possível estabelecer também no Hemisfério Sul, infra-estruturas de comunicação, de tal modo que aquilo que lhe dissesse respeito não

fosse automaticamente filtrado pelo Hemisfério Norte. Essa foi a grande questão.

Mas a ela veio imediatamente sobrepor-se outra [...] Os países ocidentais interpretavam essas disposições como um atentado à liberdade de expressão.

Inversamente, outros países, em particular a União Soviética, insistiam em que uma cláusula deste tipo ficasse expressa. Este conflito Leste-Oeste veio excertar-se no conflito Norte-Sul, desviando as atenções para um aspecto unilateral do problema.

Mas houve um terceiro nível de problemática que foi, a meu ver, igualmente intenso. Os profissionais da informação consideraram que estava a ser posto em causa o seu estatuto socioprofissional e souberam servir-se desse mesmo estatuto para defender a sua «causa» o que [...] fez [...] aumentar a confusão.

Julgo que foram estes três problemas que acabaram por dar a noção de que se tratava de uma questão magna (e era realmente importante). Nós defendemos, [...], que o problema fundamental a resolver era o da injustiça entre o Norte e o Sul, que é flagrante.

O que acabámos por ver [...] fundiram-se duas resoluções: uma que vinha do «grupo dos 77» [...] e outra vinha dos Estados Unidos. A declaração acabou por ser aceite por aclamação!

O jornalista aproveita o tema que tem sido abordado – a discussão dos meios de comunicação social junto da UNESCO – para introduzir esta mesma temática no seio da realidade portuguesa:

«Essencial a reestruturação da comunicação social estatizada»

P – Falámos sobre o controlo do Estado sobre os meios de comunicação social, o que, como sabe, continua a ser tema escaldante da actualidade política nacional. Qual é a sua opinião sobre esta questão na perspectiva de Portugal?

R – Julgo que [...] deve [...] ser semelhante ao que se passa com qualquer indústria que esteja nacionalizada.

O Governo não vai interferir na forma como se produz ácido sulfúrico, portanto, não vai intervir na técnica de funcionamento da informação. Este é o problema fundamental. Não posso [...] deixar de referir duas questões [...] serem abordadas fora de toda a polémica partidária e ideológica.

A primeira: [...] estruturas que devem permanecer estatizadas: há ou não sentido para instituições concorrentes exactamente no mesmo domínio e todas elas financiadas pelo Estado?

Julgo que a reestruturação do sector é fundamental. E isto para bem da Informação, dos profissionais da Informação e do povo no seu conjunto, e já agora para salvaguarda da nossa economia também...

Mas há ainda outro problema [...] o problema da própria ética profissional. [...] É no processo técnico que eu situo o problema ético. Quer dizer, o jornalista [...] tem de saber que o rigor é um elemento fundamental, e é ponto de partida de toda actividade, e de modo muito especial quando essa actividade tem que ver com o direito fundamental [...] à liberdade de pensamento e da opinião dos indivíduos e do povo. Essa foi a nossa posição na UNESCO e defendemo-la até ao fim.

O problema da Informação hoje é de tal ordem, é de tal maneira invasor da vida psicológica e mental de cada um de nós que nem é sequer na escolha da parte do leitor ou telespectador, que o problema se situa. É ao nível da reformulação do quadro da ética profissional em que se movimentam os homens e as mulheres da Informação. E isto para mim é capital.

Seguidamente é apresentado um texto que descreve o perfil de Maria de Lourdes Pintasilgo, (p.4,5).

A figura da semana

Maria de Lurdes Pintasilgo



Com 49 anos de idade, pois nasceu em Abrantes no dia 18 de Janeiro de 1930, Maria de Lurdes Pintasilgo é a primeira mulher portuguesa a ocupar um dos mais altos cargos da hierarquia constitucional do Estado — o de Primeiro-Ministro. Formada em 1953, em Engenharia Químico-Industrial, pelo Instituto Superior Técnico de Lisboa, Lurdes Pintasilgo dedicou os seus primeiros anos de actividade ao domínio da engenharia, tendo sido sucessivamente investigadora da Junta de Energia Nuclear e membro do Departamento de Estudos e Projectos da CUF antes de frequentar estágios de Tecnologia Química e Investigação para a Indústria, em Geneve, Frankfurt e Columbus-Ohio.

Nos domínios social e cultural, esteve ligada ao lançamento e coordenação, no âmbito do Movimento do Graal, de projectos de acção sociocultural, com jovens e adultos de várias regiões do País; fez a coordenação, também a nível internacional, de projectos de «educação para o desenvolvimento», ainda no âmbito do Movimento do Graal, e foi presidente da Comissão Interministerial da política social relativa à mulher e membro do Conselho de Imprensa em 1975.

Militante católica do Movimento do Graal, esteve desde sempre ligada a diversas actividades no âmbito de organizações cristãs, tendo sido presidente da Juventude Universitária Católica Feminina, presidente do Movimento Internacional de Estudantes Católicos Pax Romana, vice-presidente do Movimento Internacional de Mulheres Cristãs-Graal e orientadora de cursos de extensão universitária no Instituto Católico de Paris.

Desde 1975, ocupava o cargo de embaixador de Portugal junto da UNESCO depois de, entre 1969 e 1974, ter sido procurador à Câmara Corporativa, na Comissão de Política e Administração Geral, membro da delegação portuguesa à Assembleia Geral da ONU e secretário de Estado da Segurança Social do I Governo Provisório e ministro dos Assuntos Sociais do II Governo Provisório.

Muito comunicativa, sincera e aberta, Maria de Lurdes Pintasilgo vive, há vários anos, num simples mas confortável apartamento da Alameda de Santo António dos Capuchos, com outras companheiras.

Com 49 anos de idade, pois nasceu em Abrantes no dia 18 de Janeiro de 1930, Maria de Lurdes Pintasilgo é a primeira mulher portuguesa a ocupar um dos mais altos cargos da hierarquia constitucional do Estado — o de Primeiro-Ministro.

Seguem-se referências às suas habilitações académicas e conseguintes cargos profissionais desempenhados:

Formada em 1953, em Engenharia Químico-Industrial, pelo Instituto Superior Técnico de Lisboa [...] dedicou os seus primeiros anos de actividade ao domínio da engenharia, tendo sido sucessivamente investigadora da Junta de Energia Nuclear e membro do Departamento de Estudos e Projectos da CUF [...]. [Frequentou] estágios de Tecnologia Química e Investigação para a Indústria em: Genève, Frankfurt, Columbus-Ohio.

Referência ao Graal num âmbito "social e cultural" e o percurso de Maria de Lourdes Pintasilgo enquanto católica:

Nos domínios social e cultural, esteve ligada ao lançamento e coordenação, no âmbito do Movimento do Graal, de projectos de acção sociocultural, com jovens e adultos de várias regiões do País; fez a coordenação, também a nível internacional, de projectos de «educação para o desenvolvimento», [...] e foi presidente da Comissão Interministerial da política social relativa à mulher e membro do Conselho de Imprensa em 1975.

Militante católica do Movimento do Graal, esteve desde sempre ligada a diversas actividades no âmbito de organizações cristãs, tendo sido presidente da Juventude Universitária Católica Feminina, [...] do Movimento Internacional de Estudantes Católicos – Pax Romana, vice-presidente do Movimento Internacional de Mulheres Cristãs – Graal e orientadora de cursos [...] no Instituto Católico de Paris.

Segue-se o seu trajecto em termos de cargos políticos:

Desde 1975, [...] o cargo de embaixador de Portugal junto da UNESCO [...] entre 1969 e 1974 [...] procurador à Câmara Corporativa, na Comissão de Política e Administração Geral, membro da delegação portuguesa à Assembleia Geral da ONU e secretário de Estado da Segurança Social do I Governo Provisório e ministro dos Assuntos Sociais do II Governo Provisório.

A sua ligação ao movimento do Graal e explicado, agora, o carácter religioso deste:

Muito comunicativa, sincera e aberta Maria de Lurdes Pintasilgo, vive, há vários anos, num simples mas confortável apartamento [...] com outras companheiras do Movimento Graal, a que está profundamente ligada.

O Graal é um movimento internacional de mulheres cristãs que tem por objectivo essencial uma inserção activa na sociedade.

Tendo surgido em Portugal por volta de 1957, o Graal não obriga a votos como nas ordens e congregações religiosas nem os seus membros têm de viver em comunidade. Pelo contrário, o Graal acolhe no seu seio mulheres de várias classes sociais, dos diversos estados e de inúmeras profissões.

Em Portugal, e por circunstâncias que se torna desnecessário referir, o Graal é, na prática, um movimento de mulheres católicas, mas noutros países, a designação de cristão tornou-se, desde há muito, justificada.

A sua perspectiva face aos meios de comunicação social:

Muito amiga dos homens da informação, para quem tem sempre uma palavra e uma atenção, apoiou o Sindicato dos Jornalistas nas vésperas da realização do Encontro de Jornalistas de Língua Portuguesa, e embora fortemente censurada (sem razão, como se poderá ver pela entrevista que nos concedeu), assumiu atitudes importantes e claras na grande discussão na UNESCO sobre os meios de comunicação social. [...]

As suas amizades políticas: Melo Antunes referenciado.

Muito atacada por certos conservadores, sectores designadamente do PSD e CDS, e considerada como «melo-antunista», Maria de Lurdes Pintasilgo trabalhou com Melo Antunes, Rui Vilar e Victor Constâncio, entre outros, no plano Económico de Emergência. [...] as suas relações de amizade com Melo Antunes consolidaram-se e Pintasilgo passou a ter grande consideração por aquele conselheiro da Revolução com quem troca impressões amiudadas vezes.

Grande amiga do Presidente da República a quem não se cansa de elogiar pelo apoio que lhe tem prestado na sua missão na UNESCO, Maria de Lurdes Pintasilgo foi apon-tada diversas vezes como candidata a Primeiro-Ministro dos Governos independentes. A este respeito disse-nos que «como não vejo a coisa política em termos de estratégia, interessa-me mais no presente ver quais são as forças em presença, que elementos de-

terminantes existem nesta crise do que ser Primeiro-Ministro». Por isso, [...] começará amanhã mesmo a contagem decrescente dos cem dias que pensa estar à frente do Governo Português. Depois, será o regresso à UNESCO e à defesa dos valores sociais e culturais do povo português.

No primeiro embate com os homens da informação, quando, ontem, deixava o Palácio de Belém, depois de ter aceitado a incumbência de tentar formar o Governo de gestão, impressionou toda a gente. Até os homens da televisão que a entrevistaram em diversas línguas (Francês, Inglês e Alemão) para a Eurovisão.

É este o retrato breve da primeira mulher a chefiar um Governo português. Retracto incompleto, pois a sua acção dirá certamente muito mais do que todas estas palavras.

Segue-se um artigo, da autoria do jornalista Carneiro Jacinto, que relata o processo de escolha de Maria de Lourdes Pintasilgo. Apresenta como antetítulo e título, (p.5):

A escolha do Primeiro-Ministro

Um candidato verdadeiro e seis a fingir

Carneiro Jacinto

**A escolha do Primeiro-Ministro
Um candidato verdadeiro e seis a fingir**

Maria de Lurdes Pintasilgo, ontem à noite indigitada Primeiro Ministro do Governo de gestão, foi a única das sete personalidades que constavam da lista na terça feira apresentada por Ramalho Eanes aos partidos políticos, com quem o Presidente da República discutiu a possibilidade de assegurar a chefia do Executivo que irá preparar as eleições intercalares. Com efeito, nenhuma das outras seis personalidades que constavam da lista referida por Eanes aos partidos, chegou a ser contactada ou formalmente sondada para vir a ocupar o cargo [...].

A escolha de Maria de Lurdes Pintasilgo, segundo «O Jornal» apurou, terá ficado decidida logo após Eanes haver deliberado o recurso a eleições intercalares. No sábado passado, poucas horas após a sua comunicação ao País, Eanes encarregou o ministro dos Negócios Estrangeiros, Freitas Cruz, de telefonar à embaixadora de Portugal junto da UNESCO, pedindo-lhe que viesse o mais rapidamente a Lisboa, e se possível «sem dar nas vistas», a fim de falar com o Presidente sobre a situação política do País. Maria de Lurdes Pintasilgo (o apelido escreve-se neste caso só com um "s"), com quem Eanes já havia conversado telefonicamente [...] chegaria a Lisboa na segunda-feira, à tarde, [...].

Nesse mesmo dia Eanes jantaria em Belém com Maria de Lurdes Pintasilgo, e nos dias seguintes recebê-la-ia na mais absoluta confidencialidade. Pode dizer-se que quando abandonou na quarta-feira de manhã o Palácio de Belém, depois de ter conversado «particularmente» com Eanes durante uma hora e meia, Maria de Lurdes Pintasilgo era já o Primeiro-Ministro indigitado. A confirmação só surgiria, no entanto, ontem de manhã, depois de nova audiência, e num momento em que já começavam a surgir os primeiros clamores contra a indigitação daquela personalidade.

O cerne do texto:

Em termos absolutos e de facto, Maria de Lurdes Pintasilgo foi desde sempre, e até à sua indigitação, o único e verdadeiro candidato ao cargo de Primeiro-Ministro do Governo de gestão.

A arquitectura governamental:

Um programa e uma estrutura governativa simples

Maria de Lurdes Pintasilgo deve ter o seu gabinete formado no final da próxima semana, podendo nessa altura, ou o mais tardar no início da primeira semana de Agosto, estar empossado o Governo. [...] Maria de Lurdes Pintasilgo pensa criar uma estrutura mais leve, podendo algumas pastas [...] a Comunicação Social, ficar sem titular. Neste caso os assuntos deste «quentíssimo» pelouro podiam ser tratados pelo próprio gabinete do Primeiro-Ministro e as grandes questões seriam resolvidas no plenário no Conselho de Ministros.

As primeiras referências ao conteúdo programático:

[...] Sob um ponto de vista de programa, é quase certo que Maria de Lurdes Pintasilgo submeterá à Assembleia da República um texto curto onde se indiquem as questões essenciais que terão de ser tratadas durante os próximos três meses, [...]. Por outro lado, o programa deverá incluir o desejo do Governo de fazer tudo para conseguir congregar os portugueses em torno das tarefas da reconstrução nacional e do apego à democracia, com especial relevância para um apelo à participação maciça no acto eleitoral. Nesse sentido, o próprio Primeiro-Ministro irá tentar o mais possível um contacto frequente com o povo.

O Governo seria, pois, de acalmia e mobilizador das vontades dos portugueses.

E os partidos?

PSD e CDS reagem mal

A grande questão está em saber como irão reagir os partidos à indigitação e de que forma se comportarão na discussão do programa do Governo.

A avaliar pelas declarações já conhecidas de diversos responsáveis, os partidos da Aliança Democrática serão os maiores contestatários. [...] A inviabilização deste Governo significará, em princípio, o adiamento «sine die» das eleições e uma confrontação clara com o Presidente da República, que lhes afirmou parecer-lhe que o Programa deste Governo não deverá ser inviabilizado. [...] O PSD como o CDS, que já haviam ficado satisfeitos com a dissolução «au ralenti» da Assembleia da República, [...] deverão acentuar agora os seus ataques sobre o Presidente da República, e o seu próximo acto político poderá ser até a apresentação de uma moção de rejeição do programa do Governo.

Quem apoiará então Maria de Lurdes Pintasilgo? Atendendo às posições definidas pelo PCP, é de admitir que os comunistas façam tudo para viabilizar este Governo, o mesmo não se podendo dizer do PS, não porque discorde da indigitação de Maria de Lurdes Pintasilgo, mas porque a sua estratégia anti-Eanes a isso conduz.

De qualquer forma, e atendendo a que só com o voto de uma maioria absoluta dos deputados [...] uma moção de rejeição poderá ser aprovada, é muito natural que Maria de Lurdes Pintasilgo tenha, em meados de Agosto, o programa do seu Governo aprovado.

Convirá, no entanto, sublinhar ainda que, se o perfil do novo Primeiro-Ministro agradou a uns e defraudou outros, o mesmo poderá suceder com a escolha das personalidades que irão integrar o Governo. E a este respeito pode dizer-se que no equilíbrio é que estará o ganho, e uma boa escolha poderá querer dizer que temos Governo.

Um artigo, de Cáceres Monteiro, que aborda as reacções partidárias à nomeação de Maria de Lourdes Pintasilgo e comenta o perfil da mesma, (p.5).

Governo de gestão levanta novos ventos

Governo de gestão levanta novos ventos

A decisão presidencial de nomear Maria de Lurdes Pintasilgo para o cargo de Primeiro-Ministro poderá produzir alguns fenómenos políticos novos, gerar alguns «ventos» de efeitos por enquanto imprevisíveis, que envolverão riscos para qualquer dos blocos em que de momento se cinde o nosso universo político.

Os portugueses, já confusos, poderão assistir ao espectáculo de uma direita que tanto clamou por eleições e pela nomeação de um Governo de gestão votar contra Maria de Lurdes Pintasilgo, enquanto os socialistas (apesar de todo o furor contra tal fórmula) não irem além de uma abstenção – caso seja apresentada uma moção de rejeição pelo «bloco conservador».

[...] A opinião pública poderá aceitar tanto pior a «birrite» de PSD e CDS, quanto é certo que Maria de Lurdes Pintasilgo tem características pessoais (de que Nobre da Costa também dispunha, mas faltavam a Mota Pinto) para se impor contra o clamor que a Imprensa de direita e alguns órgãos de Informação estatizados (como se está a ver, através da redacção da Informação da RDP) vão empreender.

O facto «refrescante» de se tratar de uma mulher, e de uma mulher inteligente, energética e convincente, poderão dar a Maria de Lurdes Pintasilgo um favor da opinião pública revelando-se impotente ou mesmo contraproduzentes [sic] os ataques da direita. É preciso, sobretudo, atender ao facto de o País estar cansado da polémica, tantas vezes estéril, em termos de direita e esquerda, mas ser permeável ao impacto de uma personalidade forte e comunicativa.

Eanes terá contado com isso.

O facto de o Primeiro-Ministro ser Maria de Lurdes Pintasilgo está já a ter efeitos importantes.

Assim, o PS [...] reconhece que um Governo presidido por Maria de Lurdes Pintasilgo se enquadra nos requisitos que o próprio PS reclama.

A importância do apoio político prévio:

Embora, as partes mantenham o mais completo sigilo, é quase certo que o novo Primeiro-Ministro, antes de aceitar o cargo, se terá certificado, junto de Mário Soares, com o qual, de há muito, mantém boas relações, que o PS não o deixaria isolado, entregue à complacência apenas do PCP. [...] Assim, Maria de Lurdes Pintasilgo, e os partidos que mais se poderão sentir identificados com a sua orientação, não deixarão ignorar que as tarefas que esperam este Governo são difíceis.

A interrogação face à constituição ministerial:

[...] as incógnitas são ainda muitas para que se possam tecer grandes previsões. Falta até saber quem Maria de Lurdes Pintasilgo vai meter no barco que está a armar para navegar em tão grande porcela. [sic]

Na rubrica 'Periscópio', constituída habitualmente por textos de cariz humorístico, pode ler-se o seguinte, (p.14):

Bochechas ao poder

Mal Maria de Lurdes Pintasilgo foi indigitada Primeiro-Ministro, logo um redactor de «O Jornal», concluiu que o PS teve uma aproximação...

É que o novo Primeiro-Ministro, eng.^a Maria de Lurdes Pintasilgo, embora não tenha filiação partidária, e seja de facto independente tem uma certa semelhança com o secretário-geral do PS, Mário Soares: «as bochechas»...

A finalizar esta edição, *O Jornal* publica mais um artigo de Cáceres Monteiro que, de novo, sublinha o encontro prévio com o secretário-geral do PS, Mário Soares e reforça determinadas características políticas sobre o perfil de Maria de Lourdes Pintasilgo, (p.40).

jornal do dia



Soares na conferência de Imprensa
Satisfeito com o perfil de independência.

Nomeação de Lurdes Pintasilgo faz evoluir opinião de Soares

Interrogado, ontem de manhã, por *O Jornal* sobre qual será o comportamento do seu partido face ao anunciado governo de gestão, Mário Soares diria que Maria de Lurdes Pintasilgo «corresponde ao perfil de independência que o PS define, mas o grupo parlamentar decidirá.»

Esta declaração foi feita em conferência de Imprensa [...] repleta não só de jornalistas como de alguns políticos mais em evidência do seu partido.

Para muitos deles, [...] o tom de tal declaração constituiu uma surpresa. [...] Numa primeira fase, Mário Soares desejou mesmo a realização de manifestações para protestar contra a decisão do Presidente da República.

Porém, o facto de o Primeiro-Ministro escolhido ser Maria de Lurdes Pintasilgo, não somente porque é uma personalidade de uma área progressista moderada, mas porque é uma pessoa com quem o dr. Mário Soares há muito mantém relações de amizade, terá refreado a disposição do secretário-Geral do PS.

Maria de Lurdes Pintasilgo, aliás, não tomou a decisão da aceitação antes de visitar Mário Soares na sede da Rua da Emenda (visita que não acontecia, de resto, pela primeira vez).

Muitos membros do Governo cessante poem sérias reticências à aceitação de convites para o V Governo constitucional

SEGUNDO fontes bem informadas, Maria de Lourdes Pintassilgo poderá ter formado o seu Governo (o V Governo Constitucional para todos os efeitos) até ao fim da próxima semana, apesar de deparar com fortes dificuldades na constituição de um novo elenco do Executivo.

Com a excepção de Loureiro dos Santos, Gonçalves Ribeiro e Freitas Cruz, parece desenharem-se uma orientação comum aos membros do Governo cessante no sentido de não aceitarem passar para o V Governo Constitucional.

As mesmas fontes consideram, no entanto, que Maria de Lourdes Pintassilgo está optimista e conta proceder a ampla renovação de nomes, conta ainda com o clima favorável de Belém, apesar de todos os acessos do Presidente (com excepção de Silva Costa, ausente) se terem pronunciado desfavoravelmente à sua indigitação para primeiro-ministro.

Um dos departamentos "quentes" por sua própria natureza é o Ministério da Agricultura e Pescas, para o qual o Presidente da República insistiria em manter uma orientação política próxima da de Vaz Portugal.

Para tanto, poderia tentar proceder a diligências pessoais junto de José Manuel Casqueiro para que a CAP maleabilizasse as suas posições perante a designação de Maria de Lourdes

Discussão em C. de Ministros

Às 16 e 30 da passada quarta-feira, circulou entre os elemen-

tos do Executivo Mota Pinto, reunidos na sua habitual sessão plenária, o telegrama da ANOP, que denunciava a indigitação de Maria de Lourdes Pintassilgo para o cargo de Primeiro-Ministro.

Pintassilgo. A atitude da CAP, parece, contudo, não ser passível de tal maleabilização.

Outro departamento "quente" é o da Comunicação Social, para o qual poderia vir a ser escolhido um militar da confiança do Presidente da República.

A alternativa seria a da extinção do lugar de ministro da Comunicação Social, ficando o departamento correspondente afecto à Presidência do Conselho de Ministros, e sobretudo, em estreita ligação com o Palácio de Belém.

Outro sector importante no Governo é o do Trabalho, para o qual é falado o nome de Luís Morales, especialista em matéria de contratação colectiva de trabalho.

O EXPRESSO não conseguiu, porém, confirmar qualquer convite, e muito menos a aceitação por parte de Luís Morales relativamente à sua integração num Executivo presidido por Maria de Lourdes Pintassilgo.

Uma preocupação é apontada pelos observadores nesta fase de constituição do Governo: o estreito acompanhamento efectuado pela Presidência da República, revelador do empenho posto pelo general Ramalho Eanes naquele que poderá vir a ser o V Governo Constitucional e III de inspiração presidencial.

Vários dos membros do Governo presentes manifestaram, desde logo, a sua perplexidade perante a escolha do Presidente da República. Alguns deles, que, até aí, se mostravam dispostos a prosseguir no Governo, não se coibiram mesmo de, em voz alta, afirmarem aos colegas junto dos quais se sentavam que não alinhariam num Governo presidido por Lourdes Pintassilgo.

É no mesmo sentido que, ontem à noite, alguns ministros e secretários de Estado do IV Governo Constitucional se reuniram informalmente para analisarem a situação resultante da indigitação de Pintassilgo e para procurarem encontrar uma solução de conjunto acerca da posição que adoptarão relativamente a uma eventual presença no Governo dos 100 dias.

Reunião informal

Entre os membros que se mostram pouco dispostos a eventuais solicitações para permanecerem no

A excepção dos ministros militares, Loureiro dos Santos (Defesa) e Gonçalves Ribeiro (Administração Interna), que estarão mais dependentes de directivas do Presidente da República, e de Freitas Cruz (Negócios Estrangeiros), que eventualmente não se recusará a ficar, vai-se consolidando, assim a hipótese de uma negativa quase total dos membros do IV Governo perante a eventualidade de um convite de Maria de Lourdes Pintassilgo para permanecerem nos seus cargos.

Note-se, no entanto que, por seu lado, o Primeiro-Ministro indigitado, conforme resulta da curta entrevista que nesta página publicamos, não parece interessado em manter a maior parte dos elementos que pertenciam ao anterior Governo. Pintassilgo preferirá manter uma maior liberdade na escolha do seu futuro Gabinete e, para tal não tentar exercer, provavelmente, grande pressão sobre os ministros cessantes.

PORQUÊ? PARA QUÊ?

O GOVERNO DOS 100 (ou mais?) DIAS E O SEU PRIMEIRO-MINISTRO

Porque terá EANES escolhido PINTASSILGO?



Dúvidas quanto ao Executivo antes e depois da discussão do Programa na AR

HISTÓRIA BREVE DE UMA INTELIGÊNCIA (PERIGOSA?)

- Do "Graal" à UNESCO
 - De Marcello Caetano a Eanes
- Págs. 1-R a 7-R

ANÁLISE por Marcelo Rebelo de Sousa

3 PERGUNTAS a M. LOURDES PINTASSILGO

"Diferença de Governo traduzirá diferença de personalidades"

MARIA DE LOURDES PINTASSILGO está, por motivos vários, na ordem do dia. Nas páginas 1-R a 7-R, o EXPRESSO analisa os porquês e os para quês do Governo dos 100 dias e do seu indigitado Primeiro-Ministro.

A seguir publicamos as respostas que, ontem à tarde,

O *Expresso* ocupa dois terços da primeira página com matérias relacionadas com o termo e reacções oriundas do IV Governo e também, em forma de questões, perspectiva o porquê e para quê do próximo Executivo, assim como uma curta entrevista de três perguntas a Maria de Lourdes Pintassilgo.

No primeiro terço na zona central, destaca-se o título: "Muitos membros do Governo cessante poem [sic] sérias reticências à aceitação de convites para o V Governo constitucional". O respectivo texto desta notícia encontra-se completo na primeira página e onde pode-se ler as alegadas "reticências" de "membros do Governo cessante" em integrar o Governo de Maria de Lourdes Pintassilgo, assim como, as reacções de "perplexidade" que "vários membros do Governo" tiveram em pleno Conselho de Ministros:

Alguns deles, [...] não se coibiram mesmo de, em voz alta, afirmarem aos colegas junto dos quais se sentavam que não alinhariam num Governo presidido por Lourdes Pintassilgo.

[...] Maria de Lourdes Pintasilgo [...] conta ainda com o clima favorável de Belém, apesar de todos os acessórios [sic] do Presidente (com excepção de Silva Costa, ausente) se terem pronunciado desfavoravelmente à sua indigitação para primeiro-ministro.

Aborda-se também o entendimento próximo de Ramalho Eanes com Maria de Lourdes Pintasilgo visto como “uma preocupação [...] nesta fase de constituição de Governo” e “revelador do empenho posto pelo general Ramalho Eanes naquele que poderá vir a ser o V Governo Constitucional e III de inspiração presidencial.” A substituição, ou não, das personalidades à frente dos ministérios mais complexos, “quentes”, nomeadamente: Agricultura e Pescas; Comunicação Social e Trabalho. Ainda nesta primeira página existe uma coluna, localizada no canto superior direito, com uma pequena foto de Maria de Lourdes Pintasilgo, que evidencia em títulos as matérias que serão desenvolvidas na revista. Esses títulos manchete são:

PORQUÊ E PARA QUÊ?

O GOVERNO DOS 100 (ou mais?) DIAS E O SEU PRIMEIRO-MINISTRO

Porque terá Eanes escolhido PINTASSILGO?

Dúvidas quanto ao Executivo antes e depois da discussão do Programa na AR

HISTÓRIA BREVE DE UMA INTELIGÊNCIA (PERIGOSA?)

Do «Gaal» à UNESCO

De Marcello Caetano a Eanes

Numa outra caixa de texto, sem foto, localizada no segundo terço, destaca-se na forma de antetítulo: “3 PERGUNTAS a M. LOURDES PINTASSILGO ” seguido do título citação: “Diferença de Governo traduzirá diferença de personalidades ”. Do breve lead destaca-se a frase introdutória: “Maria de Lourdes Pintasilgo está, por motivos vários, na ordem do dia.”

Trata-se de uma curta entrevista de três perguntas colocadas directamente [no dia anterior, sexta-feira, 20 de Julho] a Maria de Lourdes Pintasilgo, e que percorrem assuntos como: o curto espaço temporal deste mandato; a questão da continuidade ou não de elementos da cessante equipa ministerial, e uma pergunta que confronta Maria de Lourdes Pintasilgo com as reacções dos partidos da “Aliança Democrática ”.

A primeira pergunta remete-nos para determinadas declarações que a mesma fizera à ANOP¹. O *Expresso* cita então Maria de Lourdes Pintasilgo no que diz respeito ao seu imperativo de “«aliar a criatividade e a iniciativa potencial do povo» ao exercício do poder pela chamada «classe política»” e coloca a primeira questão:

Em que termos pretende estruturar o seu Governo? Acredita que vale a pena alterar a estrutura governativa por um tão curto período de tempo?

Ao que Maria de Lourdes Pintasilgo responde:

—Entre o que eu gostaria de fazer e o que, provavelmente, me será dado a fazer, há como deve imaginar, uma grande distância. Quando falo em aliar a «iniciativa e a criatividade potencial do povo» ao exercício da classe política, tenho em mente o reforçar das estruturas que, a todos os níveis, possibilita a expressão e a participação de todos os portugueses, na tomada das decisões que lhe dizem respeito. Mas é evidente que não posso pretender que um Governo de três meses consiga quaisquer resultados palpáveis a esse nível...

¹Agência Noticiosa Portugal, actual LUSA.

A seguinte confronta Maria de Lourdes Pintasilgo com o que:

[...] consta nos bastidores políticos, que poucos ministros do actual Executivo terão possibilidade de passar para o seu. É verdade?

E Maria de Lourdes Pintasilgo esclarece:

Como já tive ocasião de dizer o que está em causa, para mim, não é a substituição de pessoas, é o carácter especial que assumirá o novo Governo. Entre um Governo normal, que funciona em conjugação com o Parlamento, e um Governo chamado a preparar eleições, no quadro da dissolução da Assembleia, há uma grande diferença. É natural que essa diferença se traduza também numa alteração de personalidades.

A última questão pretende obter uma reacção de Maria de Lourdes Pintasilgo face às reacções vindas de partidos de direita.

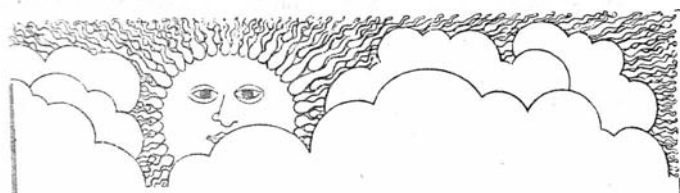
Como é que se sente perante a hostilidade manifestada pelos partidos da "Aliança democrática"?

E Maria de Lourdes Pintasilgo afirma:

Não posso deixar de lamentar o «preconceito de hostilidade» que sinto, da parte de certos sectores, que, conhecendo-me relativamente pouco, parecem não estar dispostas a conceder-me à partida, pelo menos o «benefício da dúvida». Conto, porém, com a abertura e a integridade moral de algumas pessoas da "Aliança Democrática", com quem até já trabalhei de perto, para ousar esperar que, para além dos «ismos» com que ultimamente tenho sido rotulada a sinceridade das minhas intenções venha a ser reconhecida.

**“para além dos “ismos”
com que tenho sido
rotulada”**

Ainda na 1ª Página, no rodapé:



***Cabimento
no poleiro nacional***

CANTEM OS ROUXINÓIS. Alegrem-se as andorinhas, esvoacem as toutinegras. O tempo bom chegou e poderá ficar. Tempo quente, sereno, nada ventoso, bem próprio de uma época em que o escudo está forte, os preços baixam, as forças aumentam e, em Belém e em São Bento, a estabilidade vence sobre a mudança. Vivemos no melhor dos países do mundo. Com este Verão tão esperado, todas as aves do céu rejubilam e cantam hossanas às felicidades de Portugal. O nosso país está a transformar-se no reino ideal da ornitologia. Vivam os pintassilgos! Abaixo os pintos!

Todos os seres que não têm asas e andam com os pés no chão não têm cabimento no poleiro nacional.

Cabimento no poleiro nacional

[...] Com este Verão tão esperado, todas as aves do céu rejubilam e cantam hossanas às felicidades de Portugal. O nosso país está a transformar-se no reino ideal da ornitologia. Vivam os pintassilgos! Abaixo os pintos! Todos os seres que não têm asas e andam com os pés no chão não têm cabimento no poleiro nacional.

Marcelo Rebelo de Sousa assina a sua coluna 'Análise Política', (p.2). O presente texto reflecte a sua leitura política sobre a decisão do Presidente da República e a sua presença no futuro executivo de Maria de Lourdes Pintasilgo:

Do terceiro Governo presidencial às opções da "Aliança Democrática" **I- Terceiro Governo presidencial**

Depois de um longo "intermezzo" político, [...] em que o Presidente da República acabou por optar pela dissolução "au ralenti" [...] foi finalmente indigitada para o cargo de Primeiro-Ministro Maria de Lourdes Pintasilgo.

Com a sua indigitação começa a delinear-se o terceiro Governo de inspiração presidencial, e provavelmente o mais presidencial de todos os Executivos presidenciais.

Não admiraria nada que com este Executivo três características tendessem a avultar:

1ª O novo Governo sob a orientação energética de Maria de Lourdes Pintasilgo, se vir o seu Programa passar em S. Bento, deverá querer assumir em plenitude todos os seus poderes, demonstrando aquilo que o Governo de inspiração presidencial chefiado por Mota Pinto não teria para muitos revelado: que em 100 dias consegue fazer aquilo que os Governos de base partidária não logram executar em 500. Desde longa data que o Presidente Eanes secretamente vem aspirando por essa resposta aos partidos – a resposta da eficácia, da homogeneidade, da estabilidade.

Com Nobre da Costa, os partidos não o permitiram. Com Mota Pinto, a resposta presidencial falhou.

Maria de Lourdes Pintasilgo representa um ensejo único. Único porque o Parlamento está dissolvido. Único porque os partidos, em principio, estão ocupados com a luta eleitoral recíproca. Único porque Maria de Lourdes Pintasilgo não tem perfil de um Primeiro-Ministro de apagada gestão e vil tristeza.

2ª O Governo deverá ter em lugares-chave elementos da confiança e da escolha pessoal do Presidente da República. Não será assim de estranhar que departamentos ministeriais, como os Negócios Estrangeiros, a Administração Interna, a Comunicação Social e a Defesa Nacional, fiquem entregues a personalidades que representam a presença visível do Presidente Eanes. [...].

3ª [...] Com todas estas características, não admirará a ninguém que o Governo presidido por Maria de Lourdes Pintasilgo possa vir a durar mesmo mais do que os 100 dias aproximados que decorrem dos prazos constitucionais e legais relativos à marcação de novas eleições parlamentares. Não admirará igualmente a ninguém que o Governo seja mesmo concebido para essa eventualidade. [...] Isto quer dizer, que, se passar em S. Bento, o Governo de Maria de Lourdes Pintasilgo deverá durar praticamente dois meses. O que não é tão pouco como isso – corresponde à média de duração de um Governo de 1974 a esta parte.

2 Dois problemas para a Aliança Democrática

A atenção dos observadores, mal foi conhecida a indigitação de Maria de Lourdes Pintassilgo, foi atraída para as reacções da "Aliança Democrática", relativamente a um nome que, há cerca de um ano, já tinha suscitado objecções nos mesmos sectores políticos. [...] a posição do Governo de Maria de Lourdes Pintassilgo (designadamente no tocante a uma inflexão para a esquerda relativamente ao Governo Mota Pinto) – a "Aliança Democrática" defronta, neste momento, opções politicamente significativas e complexas.

Antes de mais, que fará a "Aliança Democrática" no que concerne ao debate parlamentar do Programa de Governo a apresentar por Maria de Lourdes Pintassilgo?

De novo Melo Antunes:

As primeiras reacções oficiais vindas dos sociais-democratas e dos centristas foram bastante desfavoráveis para a escolha do general Ramalho Eanes, sobretudo alegando uma identificação do novo Primeiro-Ministro com algumas das teses de política externa perfilhadas pelo conselheiro da Revolução e presidente da Comissão Constitucional, tenente-coronel Melo Antunes. [...].

No fundo, as justificações para este endurecimento do PSD e do CDS são essencialmente três:

1ª – A "Aliança Democrática" pretende manifestar a sua não aceitação quanto ao processo seguido no anúncio da dissolução da Assembleia da República, sem marcar qualquer prazo para a sua efectivação, e, ao mesmo tempo, pretende criticar a interpretação presidencial, segundo a qual, o Governo de Gestão terá de submeter o seu Programa à Assembleia cuja dissolução já foi anunciada.

2ª – A escolha de Maria de Lourdes Pintassilgo vem confirmar para os sectores sociais-democratas e centristas mais radicalmente antieanistas a tese da influência melo-antunista no general Ramalho Eanes, e sobretudo vem corroborar o entendimento segundo o qual o Presidente Eanes nunca aceitará patrocinar ou ligar-se, mesmo que indirectamente ao projecto da "Aliança Democrática".

3ª – Por último, a "Aliança Democrática" não esconde a jogada táctica de identificar o novo Governo com a área política da "Maioria de Esquerda", e em particular do PS (tal como o PS e o PCP fizeram num passado recente, quanto ao Governo chefiado por Mota Pinto). [...]

O Editorial, (p.10):

A abertura da caça

Mais do que a decisão presidencial de dissolver a Assembleia da República, foi a escolha de Maria de Lourdes Pintassilgo para Primeiro-Ministro que desencadeou a abertura plena das hostilidades, num mundo político que se encontrava algo estagnado pelo prolongamento excessivo da crise subsequente à exoneração do IV Governo Constitucional. [...].

Expresso, 21 Julho
revista

revista

EXPORTAÇÃO - IMPORTAÇÃO
NAVEGAÇÃO
LISBOA • AÇORES • NEW YORK •
NEW ORLEANS • USA • LONDRES

TRANSPORTES
INTERNACIONAIS
LISBOA • LEIXÕES • AÇORES

AGENTES DE NAVEGAÇÃO

O GOVERNO DOS 100 (ou mais?) DIAS E O SEU PRIMEIRO-MINISTRO

PARA UNS, é a decisão mais enigmática de Ramalho Eanes. Para outros, é a confirmação de uma estratégia presidencial de desertificação progressiva da vida política portuguesa. Para outros ainda, é a prova do perigoso isolamento de um Presidente que já se vê obrigado a recorrer aos amigos e só a eles. Em qualquer caso, a indignação de Maria de Lourdes Pintassilgo para Primeiro-Ministro de um Governo de 100 dias, que poderá durar mais e não se sabe bem com



que poderes, é um facto político que abalou as estruturas já conturbadas do nosso confuso quotidiano.

Nesta página e nas seguintes, o EXPRESSO procura, uma vez mais, ir mais longe, averiguar os motivos e as finalidades da indignação de Pintassilgo, estudar os problemas levantados pela constituição do seu futuro Governo, descrever a vida e a obra da primeira mulher portuguesa que ascende à chefia do Executivo.

Porque terá EANES escolhido PINTASSILGO?

Sob o título temático, "PORQUÊ PARA QUÊ? O GOVERNO DOS 100 (ou mais?) DIAS E O SEU PRIMEIRO-MINISTRO" o *Expresso*, publica no seu caderno adicional – revista – os seguintes títulos, subtítulos e respectivos textos:

Porque terá EANES escolhido PINTASSILGO? - Exclusão de partes não chega para explicar (p.1,2,3).

Surgem dúvidas quanto ao Executivo antes e depois da discussão do Programa na AR, - "Guerra santa" de partidos não parará (p.3,4,5).

História breve de uma inteligência (perigosa?) chamada Maria de Lourdes Pintassilgo (p.5).

Do "Graal" à UNESCO: do micro-social ao macro-social (p.6).

De Marcello Caetano a Eanes: da esperança frustrada à fé convicta? (p.7).

Assim, nesta 1ª Página, pode-se ler o início, com continuação nas páginas 2 e 3:

PARA UNS, é a decisão mais enigmática de Ramalho Eanes. Para outros, é a confirmação de uma estratégia presidencial de desertificação progressiva da vida política portuguesa. Para outros ainda, é a prova do perigoso isolamento de um presidente que já se vê obrigado a recorrer aos amigos e só a eles. Em qualquer caso, a indigitação de Maria de Lourdes Pintassilgo para Primeiro-Ministro de um Governo de 100 dias, que poderá durar mais e não se sabe bem com que poderes, é um facto político que abalou as estruturas já conturbadas do nosso confuso quotidiano. Nesta página e nas seguintes, o EXPRESSO procura, uma vez mais, ir mais longe, averiguar os motivos e as finalidades da indigitação de Pintassilgo, estudar os problemas levantados pela constituição do seu futuro Governo, descrever a vida e a obra da primeira mulher portuguesa que ascende à chefia do Executivo.

Porque terá Eanes escolhido Maria de Lourdes Pintassilgo para Primeiro-Ministro do Governo, já conhecido como o Governo dos 100 dias, cujo Programa será em breve debatido pela Assembleia da República?

O Presidente da República indicou o nome do Primeiro-Ministro que acaba de indigitar entre vários outros. Lourdes Pintassilgo era acompanhada na lista dos primo-ministeriáveis por Nobre da Costa, Almeida Ribeiro, Santos Martins, Isabel Magalhães Colaço e Ferrer Ferreira, e ainda por Jacinto Nunes.

[...] A gama de eventuais candidatos era, assim, bastante vasta, [...].

As posições e as razões dos partidos

Porquê, então, Maria de Lourdes Pintassilgo?

O PSD e o CDS mostraram à priori, a sua discordância, relativamente a Pintassilgo, não revelando oposição declarada a qualquer dos outros nomes...

Por seu lado, o PS não se manifestou claramente contra Lourdes Pintassilgo, mesmo que alguns sectores do partido o desejassem fazer.

Quanto ao PCP, dentro da escolha hierárquica tentada (e permitida), o nome do Primeiro-Ministro indigitado aparecia como o mais favorável.

Os motivos da oposição dos dois principais partidos da Aliança Democrática filiar-se-ão na necessidade de assegurarem um Governo que, durante a fase que antecede as eleições, lhes ofereça garantias de imparcialidade. Para eles, Maria de Lourdes Pintassilgo representa, em termos de opinião pública, um determinado esquerdismo independente que não corresponde à neutralidade exigida pelo PSD e pelo CDS.

O PS estará, até certo ponto, oficialmente satisfeito com a indigitação de Pintassilgo.

(p.2) No entanto, sabe que corre o risco de vir a ser progressivamente conotado com o futuro Governo, visto que os seus adversários políticos não deixaram de estabelecer ligações entre os socialistas e o Primeiro-Ministro indigitado.

[...] (PS que, apesar da sua componente ex-GIS, talvez não tenha sobre Maria de Lourdes Pintassilgo o controlo que muita gente julga.)

No que respeita ao PCP, o apoio à indigitação de Pintassilgo não tem sido escondido. Elucidativo de tal apoio era, por exemplo, o hábil jogo antetítulo/título do "Diário de Lisboa" na passada quarta-feira (antes, portanto, da indigitação): «Maria de Lourdes Pintassilgo está em Lisboa – Eanes já escolheu Primeiro-Ministro».

Três teses de bastidor

Perante a negativa do PSD e do CDS, o à vontade apenas relativo do PS e o suporte do PCP, porque recaiu sobre Maria de Lourdes Pintassilgo a escolha de Ramalho Eanes?

[...] várias teses circulam [...], talvez com o parcialismo próprio de quem defende distintas ideologias políticas ou interesses pessoais, explicar uma escolha em princípio inexplicável:

- De um lado, fala-se da necessidade que Eanes teria sentido de acordar com o grupo dito melo-antunista a escolha do futuro Primeiro-Ministro [...] (são conhecidas as ligações entre Melo Antunes e Lourdes Pintassilgo). [...].

- Outros sectores admitem que Eanes escolheu Pintassilgo por considerar que [...] essa escolha acabaria por prejudicar o PS e, assim, contribuir para a descida eleitoral deste partido.

- Uma terceira tese é a dos que defendem que o Presidente da República optou deliberadamente pela única personalidade rejeitada pelo PSD e pelo CDS para se descolar dos dois partidos principais da Aliança Democrática e afectar a campanha eleitoral que eles farão. O discurso político do Primeiro-Ministro indigitado não é coincidente com o dos centristas, nem mesmo com o dos sociais-democratas, e, em Portugal, há uma tendência clara para, em caso de dúvida, se votar com o poder, poder que, no momento eleitoral será o Executivo presidido por Maria de Lourdes Pintassilgo. Além disso, o Governo não deixará de ter influência em certos sectores, como o da Comunicação Social ou o da Administração Interna e a utilização que fizer dessa influência poderá ser decisiva antes e durante a campanha eleitoral.

Os mesmos desígnios de modo menos ostensivo

Seja qual for a tese verdadeira – e outras existirão – uma sombra começa a pairar, derivada da escolha presidencial, [...] se adensam as dúvidas sobre as intenções finais de Ramalho Portugal. Por outras palavras: a desertificação da vida político-partidária parece acentuar-se, não apenas pela escolha de Maria de Lourdes Pintassilgo ter sido feita aparentemente contra a vontade da maioria dos partidos, mas também porque, simultaneamente recomeça a tomar corpo a ideia do partido presidencial, em cujo crescimento o Governo dos 100 (ou mais) dias poderia ter papel fundamental.

Mas, se fossem estes os objectivos de fundo, para 1980 e para 1981, do actual Presidente da República, a indigitação teria de recair obrigatoriamente sobre Pintassilgo? Entre os nomes referidos por Eanes [...] não haveria outros que pudessem servir os mesmos desígnios de modo menos ostensivo? [...]

(p.3) Encontro de dois misticismos

Maria de Lourdes Pintassilgo não foi escolhida, contudo por mera exclusão de partes. Porquê, concretamente, foi ela a pessoa indigitada para Primeiro-Ministro?

Pintassilgo é, desde, pelo menos, 1976, um dos principais conselheiros do general Ramalho Eanes. Tem sido inúmeras vezes chamada a Lisboa pelo Presidente da República, para trocas de impressões informais sobre os mais variados assuntos. Mesmo em viagens presidenciais, como sucedeu na deslocação à Alemanha Federal, a embaixadora de Portugal na UNESCO foi solicitada para se deslocar ao país onde o Presidente da República se encontrava em visita oficial.

Eanes aprecia e admira Maria de Lourdes Pintassilgo. Ouve-a frequentemente e a personalidade imaginativa, culta e algo irreverente do Primeiro-Ministro indigitado exerce algum fascínio sobre o temperamento sério, ascético e curioso do Presidente. Não deixa de ser interessante notar que uma das razões dadas aos partidos, na quinta-feira, [19Julho] quando da comunicação oficial da indigitação, foi a de que, na impossibilidade de escolha de um militar, haveria que optar por uma pessoa que da justiça não tivesse apenas uma interpretação e uma razão jurídica, mas também uma vivência religiosa.

Para além, todavia, do possível encontro de dois misticismos de génese e características distintas, existirão motivos políticos concretos por parte de Ramalho Eanes para escolher Pintassilgo. Resultem eles de acordos pré-estabelecidos ou sejam determinados pela prossecução de finalidades ainda não suficientemente claras, o certo é que ao optar pela embaixadora de Portugal na UNESCO, o Presidente da República praticou um acto político cujas consequências marcarão mais acentuadamente do que se possa pensar os tempos pré-eleitorais e eleitorais que se avizinham.

Ainda na página 3, encontra-se sob o título, "Surgem dúvidas quanto ao Executivo antes e depois da discussão do Programa na AR", outro texto que aborda as questões político-constitucionais dos trâmites do Programa governativo:

O Programa do Governo presidido por Maria de Lourdes Pintassilgo poderá principiar a ser debatido na Assembleia da República, na semana que principia a 30 de Agosto. [...].

De acordo com o *Expresso*, este procedimento é motivo de "dificuldades de ordem jurídica e de ordem prática" e é levada a cabo uma análise:

O Presidente da República [...] entendeu que o Executivo [...] deve apresentar à Assembleia o seu Programa, como sucedeu com os quatro Governos Constitucionais anteriores.

A alternativa a esta decisão presidencial:

[...] o PSD e o CDS consideravam possível e desejável: a dissolução da Assembleia, seguida da nomeação de um Governo da responsabilidade e iniciativa presidenciais.

Com o subtítulo, "Para quê fazer Programa e apresentação à AR", o *Expresso* aborda a questão dos ganhos políticos da decisão presidencial:

- Podem ser várias as razões que levaram Ramalho Eanes [...]
- Uma delas será a de proporcionar ao Parlamento a possibilidade de uma reconciliação [...] com a opinião pública, como com o Presidente da República.
 - [Ramalho Eanes] [...] não querer dar a impressão de que dissolvendo a Assembleia, sem, previamente, a consultar sobre o próximo Executivo, Eanes estava a vingar-se do insucesso parlamentar dos III e IV Governos [...].
 - [...] no desejo do Presidente de, apesar de tudo, não se ligar demasiado ao Governo Pintassilgo e, por isso mesmo, querer atribuir à Assembleia da República a responsabilidade pela sua passagem.

**"Guerra santa" de partidos não parará.
E se o Programa for rejeitado?**

[...] às objecções levantadas por alguns sectores à pessoa do primeiro-ministro indigitado, pode, no entanto, levantar problemas.

Antes de mais, não é inteiramente certo que o Programa do Governo Pintassilgo seja aprovado na Assembleia da República. [...]

Que poderes?

[...] (CDS, PSD) que mais atacam o "modus facienti" presidencial e a escolha do primeiro-ministro não parecem querer complicar as coisas, até porque são os que mais interessados se manifestam na rápida efectivação das eleições. O mais natural é que, com maiores ou menores manifestações partidárias de repúdio ou de desinteresse, não surjam moções de rejeição, nem o Governo apresente uma moção de confiança, pelo que o Executivo Pintassilgo deverá passar em moldes semelhantes aos do I Governo Constitucional. [...]



(p.4) Legenda: "António Ramalho Eanes – Quais as intenções reais?"

Quais as intenções do PR?

Nesta matéria, haverá ainda que ter em conta duas questões suplementares:

- [...] intenções reais do Presidente da República quanto à duração real do Governo Pintassilgo. Serão de facto os anunciados 100 dias ou o objectivo verdadeiro será prolongar a permanência do Governo durante o máximo tempo possível: 5 ou 6 meses?

- [...] qual o papel de que Ramalho Eanes, apesar das suas tentativas formais de distanciamento, tenciona assumir na gestão dos negócios públicos, durante o período que medeia entre a dissolução da Assembleia e a tomada de posse do Governo pós-eleições. [...] (p.4)

inteligência (perigosa?)

Ainda sob o título condutor, "O Governo dos 100 (ou mais?) dias e o seu Primeiro-Ministro", o *Expresso* apresenta o perfil de Maria de Lourdes Pintasilgo com o título, "História breve de uma inteligência (perigosa?) chamada Maria de Lourdes Pintasilgo".

Inicia o texto com uma referência à participação de Maria de Lourdes Pintasilgo no número dois de o *Expresso*, (p. 5, 6 e 7):

Para o EXPRESSO, Maria de Lourdes Pintasilgo não é um nome novo – é mesmo quase tão antigo como a fundação do próprio jornal: no nº2 do Jornal, de 13 de Janeiro de 1973, Maria de Lourdes Pintasilgo é um dos primeiros políticos a inserir a sua colaboração opinativa.

Segue-se o subtítulo, "Um vulto da «catolaica» " e respectivo texto, onde é exposto uma descrição factual das várias vertentes da vida de Maria de Lourdes Pintasilgo: Idade; Habilitações Académicas; Presidente Nacional da Juventude Universitária Católica Feminina, onde trava conhecimento com Adérito Sedas; Presidiu à secção nacional da Pax-Romana – Movimento Internacional dos Estudantes e Intelectuais Católicos.

Um vulto da «catolaica»

[...] Lourdes Pintasilgo foi Presidente Nacional da Juventude Universitária Católica Feminina e, nessa qualidade também presidiu, com Adérito sedas Nunes, ao I Congresso da JUC.

Pertenceu, assim, à geração que nos anos 50 desbravou novos caminhos dentro da Igreja Católica em Portugal com particular incidência nos sectores universitário e das profissões liberais.

Ainda nos meios católicos, Lourdes Pintasilgo presidiu à secção nacional da Pax-Romana – Movimento Internacional dos Estudantes e Intelectuais Católicos, sendo depois designada Presidente Internacional do mesmo movimento.

Finalmente, este vulto rapidamente destacado do que muitas vezes foi denominado de "catolaica" (sectores laicos de católicos progressistas, com ampla actividade nas décadas de 50 e de 60) pertenceu e pertence ao movimento "Graal" que reúne em Portugal mulheres e raparigas católicas.

O "Graal" mobilizou muitas figuras conhecidas de intelectuais católicas, algumas das quais viriam a abandoná-lo posteriormente, como foi o caso de Manuela Silva (constando no momento da sua saída a existência de alguns atritos de personalidades com Maria de Lourdes Pintasilgo e com Teresa Santa Clara Gomes).

O "Graal" lançaria em Portugal várias experiências de desenvolvimento comunitário em que veio a lume uma das opções de fundo de Lourdes Pintasilgo: a sua crença na descentralização e numa certa iniciativa popular basista no enfrentar das questões económicas e sociais que se colocam a uma colectividade. A par de uma funda preocupação pelo "social" (subalternizando as questões político-institucionais de superfície) o do desenvolvimento participado e descentralizado marcou até hoje a carreira humana (e política) de Pintasilgo. Dizia ela, em 26 de Agosto de 1978, a Maria Elisa numa entrevista – exclusivo que então deu ao EXPRESSO: «Considero

realmente a descentralização um elemento indispensável da efectivação de qualquer política-social, económica e cultural. Mas é preciso entender essa descentralização no seu sentido mais amplo e mais correcto. Não se trata apenas de fazer chegar a todas as zonas do país as decisões tomadas normalmente no centro mas de multiplicar os centros de decisão. Como dizemos muitas vezes na UNESCO, só quando «a periferia passa a ser centro» é que uma sociedade atinge a maioria política.».

Com o subtítulo "A aposta no "marcelismo" " observam-se referências à sua estadia na CUF, ao seu lugar de investigadora na Junta de Energia Nuclear e à crescente importância dos movimentos católicos:

Profissionalmente, Maria de Lourdes Pintassilgo foi membro do departamento de Estudos e Projectos da CUF e investigadora da Junta de Energia Nuclear. Mas, progressivamente o empenhamento nos movimentos católicos foi ocupando o seu tempo e as suas preocupações prioritárias. No geral, acompanhou a evolução dos sectores em que se integrava no desencanto e crítica frontal ao regime salazarista. Fê-lo, contudo, menos preocupada em posições políticas sonantes do que com o trabalho de base que dela fez uma figura "adorada" pelas suas pupilas do "Graal".

Alusões aos seus laços de amizade com Marcello Caetano, com quem: "tinha já há muitos anos (quase desde a Faculdade) mantido laços de amizade com o novo Presidente do Conselho decidiu "apostar" a fundo na liberalização que ele prometia."

[...] aliás conjuntamente com outros jovens procuradores "heterodoxos" para os cânones da Casa, provocaria algum reboliço.[...] Considerada de propensão "socializante e basista" pela maioria dos patriarcas da Câmara Corporativa, Lourdes Pintassilgo manteve sempre profunda admiração por Marcello Caetano e acreditaria quase até ao fim na possibilidade de, por dentro, introduzir fundas alterações no regime. [...] E, em Novembro de 1973, é nomeada formalmente presidente da Comissão para a Política Social da Mulher, na sequência da função que já anteriormente exercera de coordenadora (com a categoria de director-geral) de um grupo de trabalho para o mesmo tema, directamente dependente do ministro das Corporações e da Saúde, Baltazar Rebelo de Sousa. Também com este ministro mantinha Lourdes Pintassilgo laços de amizade e de estreita colaboração.

A Comissão a que presidia lançou o estudo da alteração da legislação de trabalho no tocante à mulher, e ainda os primeiros passos para a abolição de discriminações legislativas genéricas entre o homem e a mulher.

A partir de 1971, o próprio Presidente do Conselho, que tudo indica reconhecia a inteligência e a vivacidade de Maria de Lourdes Pintassilgo, indicou-a para a delegação de Portugal à Assembleia Geral da ONU. [...]



(p.6) Legenda: Marcello Caetano escolheu Maria de Lourdes Pintassilgo para as delegações à ONU em 1971 e 1972.

O contacto de Lourdes Pintassilgo com as Nações Unidas proporcionou-lhe longos períodos de reflexão distanciada do país, e sobretudo nela criara a convicção clara da prioridade do "problema ultramarino" e da necessidade de uma solução política para ele. [...] A publicação do livro de Spínola [...] entusiasmá-la-ia. Mas a demissão de Costa Gomes e de Spínola assinalaria a sua funda e irreversível ruptura interior com a linha seguida por Marcello Caetano.

O retrato de Maria de Lourdes Pintasilgo continua, agora com o grande, título "Do "Graal" à UNESCO: do micro-social ao macro-social" e o subtítulo: "A experiência da governação", (p.6):

Uma "força da natureza" como muitos a consideravam – solteirona, "de pelo na venta", rapidíssima a equacionar problemas e a propor-se resolvê-los – Lourdes Pintassilgo é um nome logo apresentado para o elenco do 1º Governo Constitucional.

Tinha muitos companheiros de velhas lutas na SEDES que aparecia nesse Governo através de vários elementos ainda tentando uma posição autónoma entre o PS e o PPD, e tinha também outros companheiros nestes dois partidos, sobretudo no segundo [...] Por isso Lourdes Pintassilgo surgiu no Governo Palma-Carlos apoiada por um largo leque político e sem objecções do PCP. [...] e quando Vasco Gonçalves assumiu o cargo de Primeiro-Ministro Lourdes Pintassilgo que fora secretário de Estado da Segurança Social (departamento que conhecia desde que vinha trabalhando no anterior Ministério das Corporações e da Previdência Social), ascendeu a ministro dos Assuntos Sociais. Neste cargo permaneceria [...] nos 2º e 3º Governos Provisórios presididos por Vasco Gonçalves.

É durante esse período [...] que Lourdes Pintassilgo é considerada pelos observadores como "inflectindo à esquerda", ganhando a simpatia do PS e até do PCP e a reserva do PPD.

As explicações na época conjecturadas foram múltiplas, mas mais rigoroso será talvez dizer que Lourdes Pintassilgo não mudara – apenas manifestara porventura de forma mais agressiva uma propensão socializante e uma preocupação por mutações socio-económicas de estrutura que sempre tinham constituído a sua motivação prioritária.

É nesta fase que Maria de Lourdes Pintassilgo conhece de perto o então major Melo Antunes, e pode colaborar intensamente com ele no chamado "Plano Melo Antunes" preparado entre o fim de 74 e o começo de 75.

A inteligência de cada qual sensibilizaria o outro e começam para certos observadores, a definir-se afinidades de Projecto para Portugal.

Respondendo a Maria Elisa, em Agosto de 1978, Lourdes Pintassilgo dava grandes traços desse projecto, que se foi adensando com o tempo: «Em primeiro lugar a criação de condições para a efectiva igualdade de oportunidade para todos os portugueses, no contexto das necessidades colectivas. Quer isto dizer que os direitos sociais entendidos como satisfação das necessidades básicas, terão de ser olhados como prioritários e não apenas como correctivos das desigualdades económicas.

Em segundo lugar, está a dinamização de todo o potencial humano da nação para a elaboração do seu próprio projecto de sociedade. Isto decorre da convicção de que a maior riqueza de uma nação está nos homens e nas mulheres que constituem e que é nesse capital humano que o país deve fazer os seus maiores investimentos. Decorre daqui que a matriz educacional e cultural do povo é a charneira do projecto que tenho em mente.

Em terceiro lugar, está em causa o modelo de desenvolvimento que orientará a nossa evolução histórica, em termos de independência nacional e do papel que podemos desempenhar no mundo. A forma como decidimos utilizar a ciência e a tecnologia determina não só a médio prazo a nossa auto-suficiência económica, como pode tornar paradigmática, a longo prazo, a transformação da sociedade que conseguirmos operar.

Evidentemente que tudo isto é encarado como um processo aberto, de aproximações sucessivas, sem modelos definidos. É porque acredito na criatividade e na iniciativa potencial do povo de que faço parte que um tal projecto não é para mim mera utopia mas, como diria Paulo Freire, um "inédito viável" ao nosso alcance.»

Por outro lado, o fascínio pelo repto o "Terceiro Mundo" que Lourdes Pintassilgo já experimentara na ONU (em 71 e 72) também a aproximara de Melo Antunes na visão de muitos dos problemas à escala universal.

Com o 11 de Março de 1975, o Governo é remodelado, [...] e Lourdes Pintassilgo não cabe nessa aritmética complicada e sai. Mas sai apreciada pelo PS e respeitada (quando não admirada) pelo PCP, além de conceituada em diversos meios militares e independentes.

O desenho do seu perfil continua, agora com o título, "De Marcello Caetano a Eanes: da esperança frustrada à fé convicta?", e o subtítulo, "UNESCO e Eanes", cujo texto descreve a sua entrada na UNESCO e quando trava conhecimento com Ramalho Eanes, (p.7):

Saída do Governo (onde criara a Comissão da Condição Feminina), Pintassilgo foi cooptada para o Conselho de Imprensa como representante da opinião pública. [...] passa por uma certa penumbra política até ser nomeada embaixador de Portugal junto da UNESCO.

Começa nova fase controversa da ascensão de Maria de Lourdes Pintassilgo.

Na UNESCO, onde é membro permanente do Comité Executivo é rodeada de um halo de admiração e simpatia. Segundo a Reuter, um porta-voz da UNESCO teria afirmado designadamente: «Possui o género de carisma que faz amigos ao ritmo de mil por minuto. Ganhou rapidamente a reputação de ser embaixador de primeira classe e participou em todos os géneros de discussões de mesa redonda. O seu particular interesse era a nova ordem económica internacional (esforços para ajudar o equilíbrio do poder económico entre os países industrializados e o Terceiro Mundo), e estava a organizar um debate de mesa-redonda sobre este tópico, em Lisboa, neste Outono. Ficámos extremamente satisfeitos por a ter na UNESCO e lamentamos perdê-la.»

- Em Portugal diversos sectores políticos perfilham da mesma opinião (em particular sectores socialistas e comunistas). Já totalmente oposta e, por exemplo a reacção de meios próximos do PSD e do CDS.

Os sectores críticos apontam o facto de ainda não ter sido constituída a Comissão Nacional para a UNESCO, o alinhamento com o "bloco de Leste" e o "Terceiro Mundo" [...] e uma certa passividade quanto à consagração oficial da língua portuguesa.



(p.7) Legenda: "Melo Antunes – Afinidades quanto a uma nova "ordem internacional".

No fundo verberam uma linha de política externa [...] e que é qualificada de «excessivamente terceiro-mundista ou Melo-antunista».

Lourdes Pintassilgo com o ataque-identificação a Melo Antunes. Antes responde convicta: «Não sei se existe uma linha melo-antunista, mas verifico que o Major Melo Antunes tem consciência, como eu – e muitas outras pessoas que conheço pelo mundo fora – de que os modelos de sociedade considerados paradigmáticos, os das sociedades do Hemisfério Norte, estão a ser radicalmente postos em questão não só pela dinâmica das relações Norte-Sul, mas pela própria lógica ao seu hiperdesenvolvimento. As implicações que esta tomada de consciência tem para a nossa sociedade são múltiplas. Daí a afinidade que poderá ter sido revelada entre as acções do major Melo Antunes e as minhas ao nível da intervenção política nacional e internacional. Aquilo a que aqui, provincianamente, se chama "melo-antunismo" não é senão uma expressão de valores reconhecidos e aceites no contexto das Nações Unidas, como parte do movimento mundial para uma nova ordem internacional baseada no desenvolvimento endógeno de cada sociedade.»

Mas, 1976, 1977 e 1978 marcam a grande descoberta de Eanes por Pintassilgo e a de Pintassilgo por Eanes.

O Presidente português não esconde a sua admiração pela política sagaz, revela conhecer os "dossiers" da UNESCO, defende acaloradamente Pintassilgo ponto por ponto, parece sentir nela uma identidade de pontos de vista em vários domínios, em especial o da política externa. [...].

Maria de Lourdes Pintassilgo sente em Eanes uma atracção pessoal e política enorme. É ela que o diz: «Dir-lhe-ei que a personalidade do Presidente da República me surge como uma personalidade complexa na sua aparente simplicidade. Não é fácil captar, e muito menos transmitir, em poucas palavras os contornos preciosos do seu modo de ser. A reserva e a distância que lhe têm sido atribuídas são, no convívio, quebradas não só por uma atitude aberta e comunicativa como por um sentido de humor que, em clima de amizade, tem o sabor de fina ironia. Talvez seja por isso que, [...] ainda não me foi possível distinguir o momento em que a sua escuta sempre atenta prepara uma decisão a tomar ou é a verificação (positiva ou negativa) da decisão tomada. Por outro lado, tem sido para mim motivo de constante admiração a capacidade que o General Ramalho Eanes tem de olhar e discutir empenhadamente questões de fundo no meio das maiores crises conjecturais. [...] Daí a garantia pessoal,

[...] o vincula ao projecto de sociedade para que aponta a nossa Constituição.»

Primo-ministeriável no verão de 1978 Lourdes Pintassilgo é Primeiro-Ministro indigitado no Verão de 1979.

Primeira mulher que chegou a procurador à Câmara Corporativa, primeira mulher que foi ministro, primeira mulher que atinge o lugar de Primeiro-Ministro - Lourdes Pintassilgo tem batido todos os máximos políticos concebíveis.

Inteligente e arguta - alguns dirão «perigosamente inteligente» - com a presença obsessiva de um sentido de missão que a torna utópica aos olhos de muitos.

Socializante para não dizer de perfil socialista, desenvolvimentista preocupada pelo "social" e defensora da participação comunitária intensa. Lutadora por uma nova "ordem internacional" que transforme a produção e o trabalho, e a opinião pública através de uma "insurreição total das consciências do Ocidente".

Insensível às questões de superfície política, talvez por isso prezando pouco os direitos políticos que encara como mais ou menos formais, quando comparados com os direitos económicos, sociais e culturais. [...] desconfiada perante os partidos e muito reticente perante o parlamentarismo.

Já o era nos tempos do marcelismo. Não mudou também aí com o tempo. São suas estas palavras: «A meu ver, o sistema parlamentar, quando dominado pelo partidarismo corre facilmente o risco de se converter em sistema nivelador das necessidades locais e regionais. Não posso, aliás, isolar a nossa situação da crise das democracias parlamentares europeias, onde verifico ser inevitável esse tal afastamento entre os eleitos e eleitores. Afastamento que será cada vez maior, traduzindo-se na criação de uma classe política que troca de lugares, que faz entre si um certo número de alianças, mas que permanece como classe profissionalmente política, distanciada da sociedade a que pertence. O jogo parlamentar de que fala tem, a meu ver, de ser completado pela expressão, institucionalizada ou não, de outras formas de exercício da vontade popular.»

Esta mulher com este perfil será apenas um Primeiro-Ministro de transição para as eleições, de um intervalo sem Parlamento?

Pode ser que sim. Mas Maria de Lourdes Pintassilgo parece acreditar na missão de contribuir para construir um projecto nacional para Portugal.

Para uns o projecto afim do de Eanes. Para outros o projecto afim do de Eanes e de Melo Antunes. Para terceiros, o seu projecto pessoal, amadurecido numa vida experiente e esforçada que funcionou como laboratório microscópico no plano político e social.

Conseguirá esta "força da natureza", que apostou em Marcello Caetano - e perdeu -, que governou com Vasco Gonçalves - e saiu -, ganhar agora com Eanes?

É bom não subestimar o "élan" criativo de Lourdes Pintassilgo. Ele é por si só, capaz de arrastar o espírito mais hesitante e dubitativo do mundo. Fá-lo-à com êxito? Pode ser que não. Mas poderá fazê-lo com carisma, com o carisma que tanto poderá galvanizar o país, como poderá nele acentuar as marcas findas e duradouras da bipolarização, que foi rejeitada pela porta, e acabaria por entrar pela janela...

**CONTINUAÇÃO
DO RETRATO DE
MARIA DE LOURDES
PINTASILGO**

O Jornal, 27 de Julho
1ª Página

Ano V n.º 222
De 27 de Julho
a 2 de Agosto de 1979
Preço: 15\$00

Semanário
sai às sextas-feiras

Director
José Carlos de Vasconcelos

Director adjunto
José Silva Pinto

13. SET. 1979

DEP. LEG. I

o jornal

No Graal ela é

Simplemente Maria...

**Repórteres de "O Jornal" desvendam
segredos de Lurdes Pintasilgo**

- A infância e juventude de uma mulher sem rótulos
- Ataques surpreendem hierarquia católica • Uma crónica de Maria Velho da Costa

págs. 2/7



Ocupando dois terços da 1ª Página, destaca-se em manchete, "No Graal ela é Simplemente Maria..." e uma fotomontagem acompanhada dos subtítulos:

- Repórteres de "O Jornal" desvendam segredos de Lurdes Pintasilgo
- A infância e juventude de uma mulher sem rótulos
- Ataques surpreendem hierarquia católica
- Uma crónica de Maria Velho da Costa

No final da página, encontra-se um título citação de Gonçalo Ribeiro Teles, com pequena fotografia, "«Eanes enfiou-nos um grande barrete»". Esta frase é retirada de uma entrevista que *O Jornal* levou a cabo ao líder do PPM, na sequência de uma prévia entrevista televisiva a Maria de Lourdes Pintasilgo. Aí, sugere-se que Maria de Lourdes Pintasilgo terá suscitado alguma "coincidência de posições entre M. L. P. e o PPM sobre a sociedade pós-industrial". *O Jornal* destaca esta afirmação de Ribeiro Teles que faz referência às decisões políticas do Presidente da República, General Ramalho Eanes.

O Editorial, (p.2):

A direita perdeu a vergonha?

A indignação de Maria de Lurdes Pintasilgo para Primeiro-Ministro desencadeou da parte das forças mais à direita do espectro político português, uma campanha dementada e desonesta que lamentamos e tememos seja um retrato fiel, e triste, daqueles que estão a promover.

Do ponto de vista político, parece-nos evidente que tal campanha só pode favorecer [...] as forças de esquerda, mormente numa perspectiva eleitoral. E se a direita chegar ao ponto de propor e votar uma moção de rejeição ao novo Executivo (o que aliás é legítimo e normal em democracia: o que não é, por moralmente condenável, são mentiras, difamações ou insinuações) parece-nos também evidente que só se estará a queimar cada vez mais e perderá francamente em termos eleitorais e de opinião pública. [...].

Só que, se a nossa posição ideológica se situa numa esquerda democrática independente e – assim o queremos e o cremos – inteligente e realista (a que alguns talvez chamem moderada), e por isso tais desvios e desmandos da direita, pelas suas consequências, nessa perspectiva, só nos podiam satisfazer, e a verdade é que para além de esquerda e direita há outros valores que os sobrelevam e para nós são mais caros.

E, entre estes valores, estão os do patriotismo e da democracia, estão princípios morais ou éticos que gostaríamos regessem todos os domínios, mormente o político, da vida portuguesa. Ora, o primado de tais valores leva-nos a desejar antes que a direita (pois a extrema-direita, as forças fascistas, temos uma experiência dura de 48 anos que nos ensina que não há nada a fazer...) respeite tais princípios.

E a verdade é que claramente não os está a respeitar quando lança sobre uma mulher de reconhecidos méritos como M. L. Pintasilgo os labéus com que a tem mimoseado; quando diz que ela não dá garantias de isenção ou independência para o exercício do cargo; quando chega ao cúmulo de, na mais baixa demagogia e fazendo apelo a invencionices e aos fantasmas de um passado pidesco e censório, lhe dar o imbecil e desonesto rótulo de "melo-antunista" (que pelas razões aqui expostas há uma semana [...] ou não significa nada ou só pode ser, para qualquer democrata, um elogio) ou de marxista, (trazendo sempre implícita a ideia de comunista...) a quem tem um currículo de actividade intensa como cristã e católica. Cristã e católica muito influenciada pela sua mais moderna doutrina social, e que tem ocupado altos lugares com ela relacionados, a nível nacional e internacional, como largamente se documenta neste número de O Jornal.

Democrata e cristã, que fora de dúvida é, com provas dadas numa e noutra qualidade, mormente na segunda (que quando vivida a sério, não pode deixar de incluir a primeira), como pode por exemplo um partido que exactamente se reclama da democracia-cristã atacá-la ou pôr em causa da forma como alguns seus dirigentes já fizeram?

E como se compreende, por razões semelhantes ou até por maioria de razão, que um partido que se reclama da social-democracia, embarque em tais processos e ataque uma mulher que antes deles descobriram o humanismo personalista, já era nitidamente influenciado por Mounier², como ressuma de tantos dos seus escritos ao longo dos tempos? Ou será que aparecer-se como desejando uma efectiva transformação da sociedade, num sentido de uma mais limpa e completa liberdade, e de uma maior justiça social, o não se aceitar pacificamente a divisão do mundo em blocos, o defender-se uma autêntica independência nacional e uma nova ordem política e económica internacional,

²Emmanuel Mounier, (1905-50), filósofo francês que introduziu o conceito de "personalismo".

são pecados graves para "sociais-democratas"? Ou será que quando se julga colherem-se [...] dividendos eleitorais, vale tudo, e não há escrúpulos, vale tudo, incluindo o regresso ao mote do Presidente da República desejar impor um socialismo militar e presidencialista – esse mesmo presidente que tomou a decisão que eles queriam, ao optar pela dissolução da Assembleia da República e marcação de eleições, em vez da constituição de um V Governo...

Enfim, o que se está a verificar é muito triste e desgostante – e revoltante também. [...] deixemos expressamente consignado que o que entendemos assim lamentável, e até inqualificável, é a forma como tal direita, seguindo as pisadas neste aspecto da extrema-direita ou dos fascistas (só com uma linguagem menos violenta), está a atacar o Primeiro-Ministro indigitado – e nunca a crítica que entendem dever fazer à escolha do Presidente da República e à própria Maria de Lurdes Pintasilgo. Tais críticas devem ser inteiramente livres, como são integralmente legítimas. Mas uma coisa é matéria de opinião, outra é de invenção de factos ou de atributos, outra é dizer sobre pessoas coisas que são mentiras óbvias, e com as quais se pretende apenas atingir demagogicamente certos fáceis e baixos efeitos políticos.

Aliás, em matéria de opinião, até nós talvez sejamos dos que entendem que Maria de Lurdes Pintasilgo não devia ser escolhida para chefiar este Governo (de gestão) – porque, a avaliar por algum passado que lhe conhecemos e pelas suas primeiras declarações, é boa de mais para isto. Quer dizer: demasiado criativa e imaginativa, talvez talentosa, desejando melhorar e moralizar as coisas neste País para um governo de 100 dias. Também aqui Eanes chegou tarde ou foi atrás: uma mulher como M. L. Pintasilgo devia ter sido escolhida para o lugar não agora, mas muito mais cedo, pelo menos em vez de Mota Pinto. Embora admitamos que haja quem diga que "mais vale tarde que nunca" ...

Ainda irá tal direita, e outras forças que, afirmando não se situar nesse sector, actuam como tal, alterar tal conduta, como desejaríamos, ou terá perdido, em definitivo, a vergonha? [...].

O Jornal destaca sob o título temático, "Lurdes Pintasilgo: quem foi, quem é, que pode esperar-se dela", um conjunto de artigos, cujo objectivo central é o de descrever o perfil de Maria de Lourdes Pintasilgo.

Texto introdutório:

Tem 49 anos, estava na UNESCO como nosso embaixador, já pertencera a Governos Provisórios: subitamente, o Presidente da República indigitou-a para Primeiro-Ministro de um precário Governo e gestão e as pessoas descobrem à boca do Verão que nada sabiam de substancial sobre esta mulher que os amigos classificam como afável competente e carismática. Engenheira química diplomada pelo IST, católica praticante confessa, tudo nela é um misto (inesperado) de tentada eficácia e crença pertinaz em forças que se situam muito além do homem quotidiano. Mística, Maria de Lurdes Pintasilgo? Eis o que pode falsear um perfil para o ano dramático de 1979, marcado pela crise energética e pela desdramatização da função papal, para só citarmos dois vectores deste último e crucial quarto de século. Mulher de acção, a todo o preço? A ilusão pode sair cara: são 100 dias, pouco mais, que ela vai estar activa no mini-palacete de São Bento. Mas os amargos de boca de um IV Governo Constitucional pior que a encomenda fazem da activista do Graal uma pessoa de esperança, uma imagem de tempos novos e justos. O Jornal procurou, em jeito de *puzzle*, reconstituir aqui o rosto de Maria de Lurdes Pintasilgo, tentando contar o que ela foi, apontar como é e deduzir o que talvez venha a ser (e a pôr em prática) até Outubro – pelo menos...

De autoria de José Silva Pinto, intitulado, "Uma mulher sem rótulos", (p.2,3):

«Difícilmente vejo alguém ser inimigo de Maria de Lurdes Pintasilgo. Por isso me espanta a campanha que contra ela tem sido conduzida, nos últimos dias...». Quem me diz é um velho conhecido e amigo da primeira mulher que em Portugal foi escolhida para chefiar um Governo, que desde o princípio desta semana-está a procurar formar, com a «capacidade de dinamização, entusiasmo e comunicabilidade» que dela fazem uma personalidade verdadeiramente excepcional, não só no nosso acanhado meio, mas também nos círculos internacionais que frequenta desde muito nova.

S. o meu amigo, fala-me com entusiasmo desta sua antiga colega no Técnico, evoca sua parte de «raciocionar [sic] fora das ideias feitas», que mesmo na conversa mais comum é sempre capaz de «trazer ideias que fazem ver mais fundo», sublinha seu «gosto pelo trabalho em equipa», salienta sua «visão universal do mundo em que vivemos», ou «o optimismo e alegria que respira e é capaz de insuflar nos que com ela trabalham.»

[...] haveria o testemunho daquela figura da UNESCO que, prestando homenagem a Maria de Lurdes Pintasilgo, dela dizia, há dias, que possui um carisma capaz de fazer mil amigos por minuto...

Quem é, pois, esta mulher de 49 anos cujo invulgar apelido é ainda mais fora do comum, por se escrever apenas com um «s»?

Do pai, Jaime de Matos Pintasilgo, [...] herdaria, [...], o feitio comunicativo, a alegria de viver. Da mãe, Amélia do Carmo Ruivo da Silva, ficar-lhe-ia o pendor religioso, que nela é algo de "fisiológico", indissociável da sua maneira de estar no mundo.

De Abrantes cedo veio para Lisboa, com a mãe e o único irmão [...]. Foi um tio materno, major do Exército, quem se encarregou da educação dos sobrinhos. [...] Maria de Lurdes pouco se dedicava às bonecas: preferia ler Charlotte Bronte, Pearl Buck, os principais autores portugueses. Apesar das tendências literárias, aliás patente na forma como escreve, cedo [...] decidiu que seguiria um curso de Ciências, por ser mais difícil para as mulheres do que para os homens. Na hora da decisão tinha apenas 11 anos de idade.



M.L. Pintasilgo, aos 28 anos
Engenheira, com 18 valores

Fez o liceu, no Filipa de Lencastre, com fama de melhor aluna da escola. Depois o Técnico. Aos 22 anos era engenheira químico-industrial, com média final de 18 valores. Desde muito cedo ligada à Acção Católica, foi presidente da JUCF (Juventude Universitária Católica Feminina). Logo aí começou uma carreira internacional, que a levaria a tornar-se, rapidamente, a primeira portuguesa presidente da Pax Romana, uma organização fundada em 1921.

Legenda: M.L. Pintasilgo, aos 28 nos. Engenheira, com 18 valores.

(p.3) «Reuniões internacionais ou regionais sobre a vida apostólica, a missão da Universidade, o apostolado intelectual, arte moderna, problemas da empresa, responsabilidade política, energia nuclear, medicina e direito, a Universidade como centro de cultura – são alguns exemplos de uma actividade intensa e fecunda», como o descreve a própria Maria de Lurdes Pintasilgo, em artigo publicado no número de Março de 1958 do "Encontro", jornal universitário católico, em que colaboraram

alguns futuros "cérebros". deste país. «Pax Romana - continuava M L Pintasilgo – tem colaborado no estudo de vários problemas expostos pela ONU, como as medidas discriminativas, a condição da mulher, os problemas demográficos, os direitos do homem, as questões sociais».

«Ela visa muito alto...»

«A Maria de Lurdes está sobretudo interessada na edificação de uma sociedade muito difícil de construir» - explica-me ainda S. - «Ela visa muito alto, o ultrapassamento de soluções precárias, a procura de algo do que já existe». Mas tudo isto a partir de um conhecimento muito concreto da realidade – e sempre numa perspectiva cristã. Escrevia ela, no mesmo artigo de 1958: «...Quando em Lisboa ou em Nova Iorque, em Manila ou Achimota, um universitário católico, consciente da sua responsabilidade de católico e da sua missão apostólica, se debruça sobre os problemas dos seus companheiros de estudo e lhe procura a solução mais plenamente humana, ou analisa profundamente os problemas sociais e culturais do seu tempo e do seu país, na perspectiva dum catolicismo vivo e profundo, inserido numa competência técnica de primeira qualidade – então esse estudante está já, talvez sem o saber, a viver do ideal de Pax Romana. Porque é nesse esforço árduo e exigente da inteligência a exercer-se sobre os grandes problemas do homem e da sociedade, nessa angústia positiva e actuante da salvação dos outros, nessa luta serena mas constante pela cristianização da Universidade – é aí que Pax Romana enraíza a sua própria vida».

Da Pax Romana saíam algumas grandes figuras da Cultura mundial [...] Daí que não seja de espantar que, com o seu profundo traquejo internacional, também Maria de Lurdes Pintasilgo tenha alcançado além fronteiras um nome e uma projecção que a fazem apreciada de personalidades [...]. [MLP] [...] membro, a título pessoal, do conselho executivo da UNESCO, para o qual foi eleita com os votos de 123 países. Daí também que não admira demasiado vê-la tornar-se o alvo (difícil, como suponho que em breve se verá...) dos nossos pigmeus da política de trazer por casa, mais apetrechados para o "slogan" do que do que para a acção... (Enquanto, entre nós, ela é alvo de uma campanha soez[sic], da Itália chegou o abraço de felicitações de uma democrata-cristã – a responsável pelo Ministério da Saúde...)

Também no Graal – outra organização católica internacional, esta abrangendo mulheres de todas as condições sociais – Maria de Lurdes Pintasilgo atingiria as máximas posições.

A sua maneira de ser impele-a para uma pratica política subordinada ao que se pode considerar a não violência activa. [...] esteve próxima dos movimentos católicos progressistas, sem contudo, neles participar directamente. Ela sabe que a opção política de um cristão tem de ser pelos pobres – e que os pobres, actualmente, são sobretudo, os homens, as mulheres e as crianças do Terceiro Mundo. É porventura por isso que desde há muito se tornou advogada da teologia da libertação, do alemão Leonard Bohf. E que entre as figuras que mais preza se contam homens como D. Hélder Câmara e Paulo Freire (foi, aliás, o Graal que introduziu em Portugal o método Paulo Freire para aprendizagem de leitura, na década de sessenta, no distrito de Portalegre).



Legenda: Maria de Lurdes Pintasilgo, aos 49 anos: "Um feitio comunicativo, uma grande alegria de viver."

Maria de Lurdes Pintasilgo, aos 49 anos
Um feitio comunicativo, uma grande alegria de viver

Pontes para o diálogo

Psicologicamente liberta, ela escapa a todos os rótulos. Meloantunista? Marxista? Terceiromundista? São palavras. No Verão passado, num "brain storming" realizado em Lisboa, enquanto os outros participantes alinhavam problemas relativamente fáceis Maria de Lurdes Pintasilgo fazia uma análise global de sociedade, [...] com o fito de dar um sentido novo ao que já existe.

[...] Dizia ela, em substância: «se cada uma das famílias hoje existentes no mundo pudesse ter um frigorífico, uma máquina de lavar roupa, um fogão, um automóvel, enfim os benefícios comuns da civilização moderna, nem todo o ferro existente no planeta chegaria para os fabricar... Por isso, sendo certo que todos os homens têm direito a esses benefícios, bom seria que fôssemos pensando em criar um tipo novo de solidariedade, capaz de levar as pessoas a prescindir do seu equipamento individual, para o colocar ao serviço dos outros, em associações de moradores, em estruturas de base cimentadas num largo espírito de entreajuda.»

Serão estas ideias, este tipo de visão mais largo, esta crença na solidariedade humana, aquilo que Lucas Pires, um homem (marialva?) sem dúvidas capaz de tiradas oratórias brilhantes, chamava de «neo-gonçalvismo rococó de saias»? Ou serão, antes, a manifestação de um optimismo que não impede que se sofra com todos os problemas que no mundo representam opressão?

Os que conhecem Maria de Lurdes Pintasilgo sabem que ela não discute de forma a cortar o diálogo. Pelo contrário, são unânimes em frisar que sempre procura pontes que alimentem o raciocínio e o prazer do diálogo. A sua grande criatividade intelectual faz com que fale de todos os grandes problemas universais [...]. É desse modo apaixonado, crítico e criador ao mesmo tempo, que ela discute, por exemplo, os

problemas da nova ordem internacional [...].

Maria de Lurdes Pintasilgo é o que se pode considerar uma pessoa pública por excelência. [...] diz-me S.. O "hobby" desta mulher verdadeiramente fascinante, que os portugueses se habituarão a conhecer melhor [...] – os seus «cem dias» – é o que se passa no mundo da Igreja.

Católica, é-o de uma ortodoxia absoluta. Seu pensamento e sua maneira de ser, de modo nenhum se podem considerar ligados a manifestações de carácter contestatário. O cardeal Cerejeira, [...] diferiu durante muito tempo a autorização do Graal em Portugal, mas nunca Maria de Lurdes Pintasilgo desistiu de lutar por ela. E, ainda agora, antes de aceitar o convite do Presidente Eanes, uma das três pessoas, com quem se aconselhou foi o cardeal António Ribeiro.

Saúde frágil

«É talvez a mulher com saúde mais frágil que conheço, mas nunca a vi com ar doente. Ao contrário, sempre evidencia um gosto de viver extraordinário...» - confidenciam-me.

Na juventude, alguns rapazes se interessaram por ela, mas talvez se tenham atemorizado com a sua forte personalidade. Chegou mesmo a gostar de um deles, mas, afinal, o seu destino era outro. E ficou solteira. [...]

Isso não a impede de ser extremamente feminina. Muitos dos que, [...], a viram na TV, entrevistada por Maria Elisa, colheram, talvez, a ideia de uma mulher maternal, mas decerto não "maternalista". [...] era proverbial o cuidado com que estudava todos os "dossiers" preparados para cada reunião dos Conselhos de Ministros [...] nos Executivos provisórios, após o 25 de Abril.

Diz-me S. :«Se procurássemos uma definição de Maria de Lurdes, talvez pudéssemos concluir que ela é, sobretudo, uma pessoa com uma grande pureza de intenção, sem quaisquer manhas...»

Poderemos dizer o mesmo dos que a atacam?

Segue-se um texto, não assinado, com o título "Hierarquia católica surpreendida com ataques" que dá eco às reacções provenientes dos partidos da Aliança Democrática, (p.4):

Mais importante do que a posição da hierarquia católica em relação à eng. Maria de Lurdes Pintasilgo terá sido a surpresa com que foram recebidas as recentes declarações de dirigentes de partidos da «Aliança Democrática»

Apesar de gozar de um certo prestígio junto da hierarquia católica, que admira e respeita o seu valor intelectual, Lurdes Pintasilgo preferiu adoptar uma atitude prudente.

Foi assim que, antes de aceitar o convite do Presidente da República, solicitou uma audiência ao Cardeal Patriarca de Lisboa, D. António Ribeiro, com quem terá procurado aconselhar-se.

[...] A indigitação de Lurdes Pintasilgo parece, também, ter suscitado reacções positivas junto de largos sectores do clero mais aberto, bem como de muitos leigos. [...] as críticas que lhe foram dirigidas por determinados sectores políticos afectos à «Aliança Democrática». Classificadas de «injustas», «insustentáveis» e mesmo «insultuosas e caluniosas», essas críticas – bem como a campanha de imediato lançada por determinados órgãos de Informação – tiveram o condão de transformar a simpatia inicial em atitudes que, aqui e além, se aproximaram do apoio e da defesa e que chegaram a ser publicamente expressas (ainda que de uma forma indirecta) em algumas igrejas.

Aliás, círculos católicos que nos merecem o melhor crédito deram-nos conta da estupefacção com que alguns membros da hierarquia receberam as afirmações proferidas no passado fim-de-semana pelo líder social-democrata Sá Carneiro e, sobretudo, pelo dirigente centrista Lucas Pires. Não admira, pois, que os sectores políticos que mais se reclamam da doutrina da Igreja venham a moderar, por uma questão táctica, a sua linguagem relativamente à personalidade do Primeiro-Ministro indigitado. Uma preocupação deste tipo terá já atingido o CDS, onde alguns dos seus mais altos dirigentes têm lamentado o "tom infeliz" do discurso do delfim Lucas Pires.

Por outro lado, há uma certa curiosidade em torno das posições que poderão vir a ser tomadas pelo polémico Arcebispo de Braga, D. Eurico Dias Nogueira. Observadores admitem que aquele prelado deverá certamente moderar o tom habitualmente contundente das suas prédicas, confrontado que está com um primeiro-ministro que é do seu conhecimento há muitos anos e com quem trabalhou intensamente nos seus tempos de assistente do CADC de Coimbra [...] Até porque não é crível que alguém ainda possa vir a por em causa a sinceridade e a solidez do catolicismo da eng.^a Lurdes Pintasilgo, bem como de muitos dos seus colaboradores mais directos.

Um outro artigo assinado por A. P. [sic] e intitulado, "Profunda cultura teológica", p.4:



Legenda: Maria de Lurdes Pintasilgo, lendo um texto. Cultura teológica em consonância com o Evangelho.

Maria de Lurdes Pintasilgo, lendo um texto
cultura teológica em consonância com o Evangelho

«E aí está o nosso programa... Mudar as estruturas, as mentalidades, os valores, as experiências, a sociedade, a Igreja – mudar tudo, mudando também a nossa vida. Não é isso, numa palavra, ser "sal da terra"?»

Estas palavras não pertencem a um programa de governo. Mas são assinadas por Maria de Lurdes Pintasilgo e foram publicadas em Janeiro de 1958, no nº1 do mensário "Mudar a Vida", publicação do Graal, dirigida por Maria Teresa Santa Clara Gomes. Escrevendo sobre «A única mudança real», Maria de Lurdes Pintasilgo sintetiza as

linhas de força daquele movimento de mulheres cristãs que surgiu na Holanda em 1921 e em Portugal apenas em 1957, precisamente por sua iniciativa e de Maria Teresa Santa Clara Gomes, ainda hoje apontadas como as "mulheres fortes" do Graal do nosso país.

[...] «Os textos da eng^a Maria de Lurdes Pintasilgo revelam sempre uma cultura teológica profunda, em perfeita consonância com o Evangelho e com a doutrina da Igreja», assinalou a «O Jornal» uma fonte próxima do Episcopado que apontou o Graal como um «movimento de leigos, integrado na Igreja, uma linha de reflexão avançada dentro da Igreja, se se preferir». Surgem-nos, assim, sem fundamento e visando apenas fins políticos, os artigos e notícias publicados em alguns jornais a pôr em causa a ortodoxia do Graal e da eng.^a Maria de Lurdes Pintasilgo.

[...] Militante católica profundamente comprometida com a sua fé, Maria de Lurdes Pintasilgo fundou, em 1957, com Maria Teresa Santa Clara Gomes, o Graal no nosso país e no âmbito deste movimento tem desempenhado uma actividade que, em sectores ligados à Igreja, é considerada «notável». [...] os mesmo sectores fazem questão em assinalar a «profunda cultura teológica» da eng.^a Maria de Lurdes Pintasilgo, o que já levou alguns a supor que ela teria um curso de Teologia. [...].

Um artigo, de José Pedro Castanheira, com o título "JUC está presente em todos os partidos" que dá conta da influência deste movimento católico na formação dos actores políticos. A partir do texto introdutório ficam claros os motivos de interesse deste trabalho jornalístico, (p.4):

Desde a indigitação da eng.^a Maria de Lurdes Pintasilgo [...] que os órgãos de Informação não têm cessado de falar no que classificam de "retorno" dos católicos ao poder. No entanto, os cidadãos de que ultimamente mais se tem falado a esse propósito, para além de terem tido, na sua generalidade, uma formação católica, têm ainda um outro ponto em comum: o de haverem pertencido, na sua maioria, à Juventude Universitária Católica. No entanto, e segundo um rápido levantamento que fizemos, a JUC parece ter fornecido quadros políticos a quase todos os partidos.

Transcrições do corpo do texto:

Com efeito, e a começar pela própria eng.^a Lurdes Pintasilgo [...] membros do staff do Primeiro-Ministro indigitado [...] ou simples amigos e conselheiros – pertenceram, nos seus tempos de universitários, à JUC.

[...] Uma análise mais detalhada permite-nos, contudo, descobrir antigos membros da JUC em praticamente todos os quadrantes da vida política, económica, social e cultural portuguesa. De facto, a JUC moldou quase toda a chamada «intelligentsia» católica portuguesa desde a II Guerra Mundial, ultrapassando, aparentemente, a influência da «Opus Dei», a que nunca esteve ligada. Com características específicas consoante as gerações de estudantes e a situação da Igreja, da Universidade e do próprio país, a JUC formou quadros de inegável valor e em quantidade apreciável.

É assim que se explica que, [...] encontrássemos antigos militantes da JUC em partidos que vão desde a extrema-direita parlamentar até à esquerda revolucionária, com uma maior incidência no PS e na ASDI – pelo menos em termos de quadros mais conhecidos.

[...] não podemos deixar de referir o nome de Manuela Eanes, a quem tem vinda a ser atribuída uma importância decisiva na recente decisão do Presidente da República.

Manuela Eanes, que conhece de há longa data o Primeiro-Ministro indigitado, foi presidente nacional da JUC em 1965, na altura da fusão dos dois movimentos universitários católicos.

E, ainda, a relação da JUC com Maria de Lourdes Pintasilgo num texto intitulado "Presidente do I Congresso da JUC (1953)", (p.5):

Desde muito jovem que Lurdes Pintasilgo se empenhou em organizações católicas. Ainda estudante liceal pertenceu à JEC – Juventude Escolar Católica. Posteriormente, e uma vez estudante de Química no Instituto Superior Técnico, entrou na Juventude Universitária católica Feminina – JUCF, onde militou desde 1947 e 1953, tendo chegado a desempenhar o cargo de presidente nacional.

[...] Foi no último ano da estada de Lurdes Pintasilgo na JUCF que se realizou o I Congresso Nacional da Juventude Católica. [...] [Maria de Lourdes Pintasilgo] apresentou uma tese de cerca de 60 páginas subordinada ao tema "A mulher na Universidade". [...].

Um marco

Este I Congresso Nacional – em que, sublinhe-se, Lurdes Pintasilgo teve um papel de relevo e porventura decisivo – foi marcante a diversos níveis. [...] Depois de 1953 [...] Lurdes Pintasilgo passou a dedicar-se essencialmente à Pax Romana e ao Graal.

Segue-se um artigo de Maria Velho da Costa (p.5) que de forma arguta consegue verbalizar o pensamento dominante, mas escondido ou dissimulado nos discursos dos considerados intervenientes e actores do palco político.

Salve Maria
*Ucellino com potente você
di aquila ma aquila tremante*³
Pasolini. RIFACIMENTO

Salve Maria

Maria Velho da Costa*

*ucellino
con potente voce di aquila
ma aquila tremante*

Pasolini. RIFACIMENTO

Durante cem dias de poder tão relativo porque tão provisório, esperam de ti que concilies, que pacifiques, que restabeleças o crédito retirado pelo homem comum a uma democracia trémula. Que nada ou muito pouco

nos aconteceres assim tão no intervalo, assim tão, Pega lá na criança ao colo, tão enfezada e birrenta, a democracia parlamentar portuguesa, muda-lhe a fralda, varre a cozinha, enquanto a gente vai lá para dentro agucar o argumento, reforçar o empréstimo, programar a institucionalização definitiva da crise, do debate ideológico, do desastre quotidiano.

Durante cem dias de poder tão relativo porque tão provisório, esperam de ti que concilies, que pacifiques, que restabeleças o crédito retirado pelo homem comum a uma democracia trémula. Que nada ou muito pouco mudes em termos de poderes e instituições, que tudo mudes em termos de atitudes. Preparar o caminho a que senhores?

Chama-se uma mulher para que aguente um pouco, um pouquinho, o leme da barcaça das iras e das cinzas e a faça sulcar, qual donairoza gôndola, o mar crespo de um período pré-eleitoral acaso mais rosnante que qualquer outro dos anteriores. Afastar o cinzento, a poluída bruma nacional, a poder de sorriso e instaurar o cor-de-rosa das

³ Tradução livre: "Passarinho com voz poderosa de águia, mas águia trémula"

meninas de coro como pano de fundo da batalha do voto. Às urnas, às urnas, enquanto a tua mão embalaria o berço.

Disseste Fiat. Alegrementemente como a tudo aquilo em que te metes, da cozinha à rua, o que é muito difícil de entender para quem só retira prazer da opressão que suporta ou inflige a outros. Tu vives com a alegria. E eu exultei, e espero que comigo, divertidamente, muitos mais. Todos os de boa vontade. Todos os que podem e, num país destes, sabem que devem, ser pobretes mas alegretes, que é como quem diz empenhados na construção de uma sociedade – nacional e internacional – que para ser mais justa não se deva mais soturna. Os que a contradição não enraivece ou envilece de mais porque têm consigo ainda algum amor e humor, que é como quem diz sentido de tempo.

É que estão nas tuas mãos cem dias portugueses de imprevisível diferença. Não só por ti, imprevisível, mas pelo jogo de ti com este corpo social. Porque és mulher, sim, num país em que governam homens. Porque és engenheira, pois, num país em que há muitos anos decisivos para o desenvolvimento, torto embora, do restante Ocidente, o discursivismo estéril e obscurantista dos púlpitos e dos bacharéis em direito, o guincho puritano de uma burguesia caquética e assustadiça, se sobrepuseram sempre à imediata necessidade de palavra-em-acto dum povo que se estropiou na subalimentação e na guerra, que emigrou mal, que empobrece mais e mais.

E, diferença ainda, essa a mais secreta e também a mais evidente para quem (te) vê – tu és um poeta. Como se diz na tropa e como se diz na alma, de alguém que é luminosamente confiante e até com os desaires vai medrando. E és cristã. Isto é, alguém que crê que é no quotidiano dos corpos humanos, no seu prazer e pena, aqui e agora, próximos – que está o sentido. És daqueles, raros, para quem a Encarnação nunca precisou de ser dogma.

Coisa de sorrir, pois, esta de nos aconteceres assim tão no intervalo, assim tão, Pega lá na criança ao colo, tão enfezada e birrenta, a democracia parlamentar portuguesa, muda-lhe a fralda, varre a cozinha, enquanto a gente vai lá para dentro aguçar o argumento, reforçar o empréstimo, programar a institucionalização definitiva da crise, do debate ideológico, do desastre quotidiano.

Mas acaso foi a canseira do jogo político aqui, acaso foi a seca do crónico maldizer d'Este País, [...] acaso foi o lento e crescente desaire do dizer sem fazer, ou fazendo mal, [...] que os levou, para lá da atitude explícita de nomear-te, de aceitar-te ou denegar-te que os levou a propor-te ou a exigir de ti apenas a construção de uma serenidade que não seja, fosse, polémica. A ti, de quem ouvi há meses, diante de pacatos gestores portugueses, pudicamente atónitos, engravatadamente extasiados, o apelo à insurreição total de todos nós.

Não seria antes que o que de facto te pedem uns e proíbem outros, é a restauração da crença e do entusiasmo das grandes massas no seu próprio fazer de si mesmas, que a uns falece sustentar e a outros ameaça? Esperam de ti que o homem de rua – ainda que pelo aguilhão da mulher e seu cabaz vazio, que tão fraternamente entenderás, não mais diga, Quero lá saber. e diga de novo, Quero saber. e quando ele e ela, pelo exercício da franqueza total, estiverem prontos para essa preprimária do civismo de que já descrêm, será que te dirão, Chega filha, agora nós dizemos como, Vai, vai para a UNESCO como portuguesa de primeira que és, produto de exportação?

Escondo na manga e mostro, femeamente, dois secretos trunfos porém, meus, teus, de quem tiver ainda um pouco de graça e coração imaginoso para apoiar-te – a confiança na tua imensa vitalidade, que te leva, como todos souberam sempre e só por hipocrisia lêem de outro modo, a quebrar protocolos e precedências, não por avidez de poder, mas porque simplesmente maçam quem não é estúpido e empatam quem quer fazer.

Outro trunfo será a diferenciação que de facto faço, fazemos, entre as forças sociais mais profundamente em jogo e que demarca linhas claras entre os partidos, dentro dos partidos – os que lutam pelo (pleno) emprego e os que lutam pelo pluriemprego de alguns; os que lutam pela dignidade do corpo, nos afectos, no local de trabalho e na escola onde ele deve tomar voz, na comunidade internacional, e os que lutam pelo fechamento unilateralmente dependente, mais imediata e perversamente rentável; os que são aquilo que já deram à comunidade a que pertencem, por mais ignorada, por mais ignorados, e aqueles que julgam ser o que dela tiram.

Nesta Europa descalça, residual de um III Reich onde não se queimaram corpos mas se reduziram corpos e consciências, e é ser disso, portuguesa, que te faz «terceiro mundista», nossa negrinha de Deus, nesta horinha mal-mariânica, dão-te cem dias. É de mais para uma aparição, por mais brilhante que seja a senhora, de menos para uma gravidez a termo, por mais valorosa a mulher, Eu sei, hão-de ver-te em trabalho, gestante. Mas já te mordem a direita dos direitos ó tão individuais e tristes e a extrema esquerda dos direitos ó tão colectivos mas poucos. O resto amua ou espera, um bocado emburrado. É porém muito possível que sejas amada e escutada pela gente anónima e pelos poetas de todos os mestres, que sabem que em política o que é, é. Que sabem muito mais que o que parece.

Que sabem que os que te chamam comunista e meloantunista te estão só a chamar nomes que acham feios, sinal certo de raiva impotente. Que sabem os que te apontam como grave senão de cristã o apoio à legalização do aborto, empurrariam de bom brado a filha solteira para a clínica em Londres ou despediram já por levantada a criada grávida. [...].

Parecerá isto um canto de louvor enquanto é tempo, quase póstumo. Ou um aviso a essa tua navegação useira e vezeira em deixar-te ir na confiança até escolhos perigosos na manipulação de outrem – por causa do teu encanto, em detrimento do teu desígnio. Será também.

Mas é mais, muito mais, um aceno À tua viagem de coração cheio, a anticarreira até aqui. [...] a tua passagem, avezinha grande.

E não serei eu a desafiar-te ao desafio que de ti esperam, acaso todos esperam. Sem grande esperança ou fé, e muito menos caridade, muitos dos que detêm poderes ou os recuperaram, esperam. Mas os desalojados da paz podre e da mudança incumprida, as bases do edifício, esses podem já escutar-te, escutam-te. Não haverá maior desafio.

Dou-te pois com eles a salvação. E o meu apoio e confiança e comoção, de mulher e de cidadã, inteiros. E possas tu deixar neste povo ao menos a memória de uma hora curta de verdade plena, de boa vontade límpida, de inteligência e sensibilidades novas, nossas. Porque nem sempre é a integridade de um dirigente e o seu gosto pela vida o que faz mover as massas humanas. Mas é sempre o que elas esperam, o que veneram quando reconhecem, o que rememoram como sinal, só sinal, da sua própria vitalidade e grandeza.

Bem-vinda pois, com o teu nome e trato de pássaro robusto, rústico e cantador e o teu sorriso de menina boa sem tolice ou toleima. Essas coisas contam. * - Escritora. «Prémio Cidade de Lisboa» de romance (1977). Anterior presidente da Associação portuguesa de Escritores.

Da autoria de Pedro Vieira, o artigo no qual se encontra a frase que serve de manchete à 1ª Página desta edição, (p.6):

**Cimeira do Graal à espera de Lurdes Pintasilgo
Para companheiras de outros países ela é simplesmente Maria**

«...E o que pensa sobre Maria de Lourdes Pintasilgo?»

[...] Mulheres vindas de diversos pontos do mundo falavam-me da experiência viva do Graal, nome que quase de um dia para o outro entrou no quotidiano dos portugueses pelo simples facto de Maria de Lurdes Pintasilgo, escolhida para formar Governo, ser um membro destacado desse movimento.

[...] «O que significa para o Graal a nomeação de um dos seus membros para o cargo de Primeiro-Ministro de um país?»

Esta, [...] ou outras perguntas no mesmo sentido não obtêm respostas muito concretas. A maior parte das vezes as mulheres estrangeiras falam simplesmente de Maria, visto que na altura em que Maria de Lurdes Pintasilgo ingressou no Graal, não havia no movimento outras «Marias» destas paragens.

[...] recortes de jornais em inglês e italiano, afixados no átrio das instalações do Centro e aludindo á nomeação de Maria de Lurdes Pintasilgo, atestam que o Graal vive um acontecimento pouco comum, na sua história de seis décadas. Acontecimento que é sublinhado pela coincidência de a assembleia internacional do Graal, que se efectua de quatro em quatro anos, ter como cenário, pela primeira vez, o nosso país.

[...] segundo nos diz a egípcia Simone Tagher, presidente do Graal. [...] «O movimento – afirma – acredita profundamente que a mulher tem uma contribuição a dar na sociedade e na Igreja. A mulher não se pode limitar à casa e ao seu pequeno mundo, mas tem que contribuir para transformar o mundo.»

[...] «Ela é muito humana», disse-nos Teresa Garuba para caracterizar a personalidade do Primeiro-Ministro indigitado. [...] Teresa mostrou-se confiante na capacidade de decisão livre e independente de Maria de Lurdes Pintasilgo. [...].

Ao longo destas cinco semanas, apenas, neste número de O Jornal pode ler-se algo relacionado com a forma feminina ou masculina de tratamento da palavra Primeiro Ministro, ou Primeira Ministra. Na realidade, não deixa de ser notícia a reflexão sobre o uso do feminino, quanto aos cargos tradicionalmente ocupados por homens, embora no corpo textual seja salientado que este não é um grande problema. Diz então assim o título e respectivo texto seleccionado, (p.6):

"Primeiro" ou "primeira"?

A indigitação da eng.^a Maria de Lurdes Pintasilgo para o cargo de primeiro-ministro veio trazer um problema que, não sendo importante, parece estar a preocupar muita gente. Como se deve dizer, neste caso: primeiro-ministro ou primeira-ministra?

Ainda não há muito, lê-se no «Prontuário da Língua Portuguesa», de F. Xavier Roberto e Luís de Sousa (Ed. «O Século», 6ª edição, Lisboa, 1974) – apenas havia o médico, o engenheiro, o arquitecto, o campeão; a mulher, hoje rivala [sic] do homem, e [é] médica, engenheira, arquitecta, campeã.»

«Por outro lado – diz ainda o «Prontuário» – a mulher, emancipando-se, torna-se tão rival do homem que já por vezes o iguala; e a linguagem, reconhecendo inoportuna a distinção de géneros, diz que a mulher é ministro, deputado, capitão, chefe e campeão como qualquer homem.»

Parece poder concluir-se, assim, que, por analogia (médica, engenheira, arquitecta, etc) deveria dizer-se ministra e, por conseguinte, primeira-ministra, se não quisermos levar em conta a inoportunidade da distinção de géneros.

Contactado por "O Jornal", um professor da Faculdade de Letras assinalou que «não repugna nem é atropelo à índole da língua dizer primeira-ministra», embora, por analogia, talvez seja mais correcto dizer «primeiro-ministro». Deve acentuar-se,

no entanto, que não é erro, até porque a língua tem de acompanhar a evolução da sociedade e quem faz a língua é o povo e não os gramáticos.

De qualquer modo, recorda-se que no seu «Vocabulário da Língua Portuguesa», o prof. Rebelo Gonçalves não regista a forma feminina de primeiro-ministro, mas, em contrapartida, regista, a par das formas masculinas, femininos como primeira-bailarina, primeira-conservadora, primeira-escriturária, primeira-secretária, primeira-bibliotecária, etc.

Também os dicionários não registam «ministra» na acepção que, neste caso nos interessa, o que é aliás assinalado pelos autores do «Prontuário». Segundo o «Dicionário Prático Ilustrado», ministro é «aquele que tem um cargo, ou até incumbido de uma função» e ministra é uma «pessoa do sexo feminino ou coisa do género feminino que concorre para determinado fim» (Ex: «A fé e a esperança são ministras da paz da consciência»). Ainda para ministra, os dicionários indicam, como sinónimo, «mulher de ministro».

É possível que, após estas considerações, o leitor fique sem saber qual é a fórmula mais correcta. Mas, enfim, pensando ter dado uma ajuda para resolver o problema (pouco importante), recordamos que Maria de Lourdes Pintasilgo foi a primeira (mulher) ministro (ocupou a pasta dos Assuntos Sociais desde meados de Julho de 1974 até Março de 1975) e é agora, também, a primeira primeiro-ministro.

Sob o título "A "semana mais longa" de Lourdes Pintasilgo" C.J. assina o próximo artigo, (p. 7):

Raras vezes a formação de um governo, seja ele constitucional ou provisório, se terá revestido de tanto sigilo como aquele que o primeiro-ministro indigitado, Maria de Lourdes Pintasilgo, deverá apresentar ainda este fim-de-semana ao Presidente da República. Esta terá sido com certeza a "semana mais longa" da vida da primeira mulher portuguesa encarregada de chefiar um Governo.

Dá-se conta de todo um conjunto de factores políticos e até de alguma mudança de atitude por parte de Maria de Lourdes Pintasilgo, que envolveram a preparação da equipa ministerial:

[...] contente, bem disposta e muito loquaz nos dias e nas horas que antecederam a sua indigitação, ela sente hoje a responsabilidade e o peso da tarefa de que foi incumbida; não é insensível nem aos ataques de certas forças e organizações políticas, nem às campanhas de certa imprensa, ao abordar os homens da informação, fá-lo agora com excessiva prudência e o seu sorriso vai-se esbatendo. [...] duas razões fundamentais para o sigilo [...] por um lado, isso terá derivado do facto de Lourdes Pintasilgo ter encontrado dificuldades, em alguns casos inesperadas, para convencer certas personalidades a integrar o seu Gabinete, sobretudo com receio de se "queimarem politicamente" com um «Governo de 100 dias» de horizonte e acção limitados; por outro a dificuldade que os jornalistas sentiram em adiantar mais do que a informação oficial [...] também será resultado, em grande parte, do próprio carácter reservados das personalidades contactadas, na sua maioria de formação católica e amigos pessoais do primeiro-ministro indigitado.

[...] Como se já não lhe bastassem as dificuldades normais para constituir o seu Governo, Maria de Lourdes Pintasilgo teria ainda que aguentar esta semana os ataques dos partidos, designadamente do PSD e CDS. Sá Carneiro falaria longas horas na

televisão para, à custa do primeiro-ministro indigitado, atacar o Presidente da República, e Lucas Pires levaria longe de mais a sua "irreverência" ao afirmar que, com Lurdes Pintasilgo, se faz reviver um certo neogonçalvismo.

Segue-se a crónica semanal de Augusto Abelaira com o título "Regresso do Brasil", (p.9):

Escrever na água



Augusto Abelaira

Aparentemente, as coisas existem consoante os jornais falam delas. E em Fortaleza, onde estive oito dias, os jornais ignoraram a crise portuguesa, pelo que, para mim, ela deixou praticamente de existir. Quando muito, certo dia, [...] em cinco linhas fui informado de que o general Eanes dissolver [sic] o Parlamento. Portugal voltava a existir, enfim! [...] De qualquer modo, só quando cheguei a Lisboa pude conhecer os capítulos seguintes do folhetim. [...] Mas sabia eu bem quem é Maria de Lurdes Pintasilgo? Os jornais. Num deles, um rótulo divertido: «Marxista neotomista». Rótulo cuja intenção, se bem percebi, era de denegrir Maria de Lurdes Pintasilgo. E no entanto... Será preciso dizer que, independente de tal rótulo não ter qualquer sentido, [...], há nele a sugestão de que a "acusada" não se deixa encerrar em sistemas ideológicos incomunicáveis, revela abertura em várias direcções?

[...] Duas ou três entrevistas, nos jornais, na TV, com Maria de Lurdes Pintasilgo. Entrevistas que naturalmente não se destinam à História do Matoso nem lembram a tradição da sebenta coimbrã.

[...] De qualquer modo, [...], direi que ao ouvir Maria de Lurdes Pintasilgo senti prolongar-se o clima intelectual que presidira à 31ª reunião anual da Sociedade Brasileira para o Progresso das Ciências a que eu acabava de assistir [...] em que tudo (das ciências da natureza às ciências humanas) se discutira com espírito aberto e uma inesperada liberdade [...]

Em resumo: [...] entre aqueles universitários [...] Maria de Lurdes Pintasilgo estaria em sua casa e poderia discutir de igual para igual [...] sinto pena que Maria de Lurdes Pintasilgo não tenha participado nessa discussão porque, precisamente, pelo tom das suas entrevistas me ficou a ideia de que ela saberia apostar nesse futuro. Digo «saberia»? Porque não dizer «saberá»? visto que, muito provavelmente, será o nosso novo primeiro-ministro.

A rubrica semanal, 'Discurso Directo', que proporciona a leitura da frase de Lucas Pires, (p.17):

Discurso directo	
«Eanes divorciou-se da maioria que o elegeu para arranjar outro amor.» (Rui Oliveira)	agente político.» (A. L. Sousa Franco, no «Diário de Notícias»)
«Portugal está numa fase de neogonçalvismo rococó, de saias e espartilho.» (Lucas Pires)	«Se o presidencialismo socialista-militar, o eanismo, triunfar, a democracia não passará de fachada.» (Francisco Sá Carneiro, no «Povo Livre»)
«Não se combate a direita recuando, mas avançando.» (Manuel Alegre)	«Mesmo em listas conjuntas é problemático que a 'Aliança Democrática' alcance a maioria dos deputados à Assembleia da República. Com listas separadas, o problema está resolvido por si mesmo: não alcança certamente.» (Marcelo Rebelo de Sousa, no «Expresso»)
«Regressaremos ao poder e governaremos mesmo.» (Mário Soares)	
«Só apanhei um único táxi na vida: o da democracia.» (Ramalho Eanes)	
«Em toda a parte, a imprensa, «quarto poder», se comporta como grande cacique colectivo; entre nós, porém, é mais, pois comporta-se directamente como	«A Constituição não prevê nem permite nenhum governo de gestão» (Arnaldo Matos, num comício, em Lisboa)

«Portugal está numa fase de neogonçalvismo rococó, de saias e espartilhos» (Lucas Pires)

Como referido, no último terço da 1ª Página lêem-se respectivamente os antetítulo e título "Gonçalo Ribeiro Teles a "O Jornal" «Se o novo Governo não é de gestão digam-nos desde já o que será» ", (p.21). Esta entrevista, decorre como o próprio jornal escreve:

[...] pela "deixa" de Maria de Lurdes Pintasilgo, na entrevista que concedeu a Maria Elísa, na RTP. A coincidência de posições entre M. L. P. e o PPM sobre a sociedade pós-industrial parecia estar em desacordo com as violentas críticas que lhe dirigiam os da Aliança. Foi nesta óptica que [...] Pedro Vieira entrevistou [...] Gonçalo Ribeiro Teles. Para ele, se o que se perfila [...] não é governo de gestão é urgente que se diga então o que será.

Seguem-se apenas as transcrições onde Maria de Lourdes Pintasilgo é focada.

P. – Apoiar as críticas feitas por personalidades de PSD e do CDS, contra a decisão do general Eanes de indigitar a eng.^a Maria de Lurdes Pintasilgo, mesmo no que respeita ao seu perfil?

R. – Partilho de todas as críticas possíveis, porque considero que o general Eanes ou não sabe o que é um governo de gestão ou está a «enfiar-nos» um grande «barrete» [...] Se é um governo de gestão, e não haverá um programa de fundo para a eng.^a Maria de Lurdes Pintasilgo, então ela não tem possibilidade de desenvolver as suas

ideias, o que é pena, e com certeza triste para ela, a ser transformada num mero Primeiro-Ministro de um governo de gestão. Mas é o que ela terá de ser se, de facto, houver honestidade no processo. Se não há honestidade no processo e o governo da eng.^a Lurdes Pintasilgo não é um governo de gestão, então, estão-nos a ocultar qualquer operação mais complicada, [...] De resto, tenho toda a consideração pela eng.^a Lurdes Pintasilgo. Acho-a uma pessoa cheia de ideias. Ela até diz que comunga muitas das minhas posições [...] se comunga dessas ideias e se as conhece, sabe perfeitamente que, num governo de gestão de 100 dias, não pode fazer coisa nenhuma [...] Mas, nesse caso, diga-se já o que é, pois não entendemos democraticamente um governo deste tipo, cujo Primeiro-Ministro declara que «não vai fazer gestão». [...] encontrei-a muitas vezes. Tenho uma grande admiração pelas suas ideias que, no fundo, são as minhas [...].

P. – Disse, há algum tempo, que o PPM é o segundo partido de muitos portugueses?

R. – Sim, e é, também, o segundo partido da eng.^a Maria de Lurdes Pintasilgo! Isso verifica-se, e é uma realidade.

Sob o título "Governo terá "executivo" central com cinco membros" O Jornal concentra a atenção num núcleo fulcral de gestão governativa, que acredita estar em formação, (p.39):

O Governo de Maria de Lurdes Pintasilgo deverá ter muito provavelmente um executivo central de cinco membros, formado por ela própria e, ainda, Teresa Santa Clara Gomes, [...] Henrique Santa Clara Gomes (mas também é citado o nome de Bruto da Costa), [...] Corrêa Gago [...] e Adérito Sedas Nunes.

Também o Presidente da República é referido no que diz respeito ao seu:

[...] interesse em que os ministérios da Defesa e da Administração Interna continuem ocupados, respectivamente, pelo coronel Loureiro dos Santos e pelo tenente-coronel Gonçalves Ribeiro, [...] Eanes terá manifestado, também interesse (mas menos insistente) na nomeação de Freitas Cruz para os Negócios Estrangeiros e do major João Figueiredo para secretário de Estado da Comunicação Social.

Expresso, 28 Julho
1ª Página

EVORA

Expresso

DIRECTOR: FRANCISCO PINTO BALSEMÃO

SUBDIRECTORES:
AUGUSTO DE CARVALHO / MARCELO REBELO DE SOUSA

Rua Duque de Palmela, 37-2.º, Dt.º
telef. 53 59 68/9-57 25 69 - 1296 Lisboa

A ÚLTIMA TENTATIVA PRESIDENCIALISTA DE EANES?

NOVO PARTIDO POLÍTICO DEPENDERÁ DO ÊXITO DO GOVERNO PINTASILGO Págs. 1-R e 2-R

EANES: PRESIDENTE-REI SEM PRESIDENCIALISMO
por José António Saraiva — págs. 2-R e 3-R



O EXPRESSO abre "dossier-debate" sobre o Serviço Nacional de Saúde em Portugal: O QUE É? PARA QUE SERVE?
Págs. 4-R e 5-R

MANUELA MORGADO: UM ANO DE ECONOMIA PROGRAMADO COM O FMI

Do global para o sectorial, do quantitativo para o qualitativo; do presente para o futuro (conclusão) Pág. 6-R a 8-R

3 depoimentos acerca de um 1.º Ministro controverso

- Joaquim Pinto Machado
- Teresa Santa Clara Gomes
- Maria João Seixas

Págs. 16-R e 17-R



Lurdes Pintasilgo apresenta hoje em Belém o seu Governo completo

É HOJE que o primeiro-ministro indigitado, Maria de Lurdes Pin-
Morales, este último um com-
Investigação Científica (possivel-
mente entregue a Adérito Sedas

Lei da amnistia:

Não haverá reintegrações sem parecer dos C. de Disciplina

Dedica um terço, do total da 1ª Página, a títulos e duas pequenas fotos de Maria de Lourdes Pintasilgo. Na zona central lê-se: "A ÚLTIMA TENTATIVA PRESIDENCIALISTA DE EANES? E, NOVO PARTIDO POLÍTICO DEPENDERÁ DO ÊXITO DO GOVERNO PINTASILGO". Sob o título "Lurdes Pintasilgo apresenta hoje em Belém o seu Governo completo" é possível ler a totalidade do texto na 1ª Página:

É hoje que o primeiro-ministro indigitado, Maria de Lurdes Pintasilgo apresenta o elenco completo do seu V Governo Constitucional, ao Presidente da República [...] durante uma audiência que terá lugar no Palácio de Belém. [...] deverá ser marcada a data definitiva da posse do novo Governo, que não ultrapassará, em qualquer caso, o termo da próxima semana.

O *Expresso* não deixa de referir a data do último Conselho de Ministros, do Governo de Mota Pinto, que será "na terça-feira que vem". Baseado nas suas "fontes bem informadas", o *Expresso* escreve que:

Maria de Lurdes Pintasilgo poderia alterar a orgânica do Governo, agrupando as diversas pastas em três sectores fundamentais: um respeitante aos Assuntos Sociais e à Educação e Investigação Científica [...] outro reunindo os departamentos respeitantes

a matéria económica [...] e um terceiro no qual o primeiro-ministro seria assessorado por um adjunto. [...] e, para já, a grande novidade do elenco governativo reside no facto de não se confirmar um número apreciável de mulheres na sua composição, ao contrário do que chegou a ser noticiado. Concretamente poderá mesmo não haver para além de Maria de Lurdes Pintasilgo, outra mulher a desempenhar funções ministeriais.

No canto superior direito, com pequena foto de Maria de Lourdes Pintasilgo, destacam-se as matérias desenvolvidas na revista:

3 depoimentos acerca de um 1º Ministro controverso
Joaquim Pinto Machado
Teresa Santa Clara Gomes
Maria João Seixas

Como sempre, o artigo de Marcelo Rebelo de Sousa, (p.2):
De um Governo que dá que pensar ao ataque de Mário Soares a Ramalho Eanes

De um Governo que dá que pensar ao ataque de Mário Soares a Ramalho Eanes

Um Governo que dá que pensar

AQUILO QUE se sabe já do Executivo presidido por Maria de Lurdes Pintasilgo dá muito que pensar aos observadores políticos da cena nacional.

Dá que pensar, antes de tudo o mais, porque a sua formação comprovou aquilo que aqui dissemos acerca do perfil psicológico de Maria de Lurdes Pintasilgo: não pertencendo a nenhum partido, encontrando-se em Paris há vários anos, não tendo nenhuma máquina política organizada de apoio, Lurdes Pintasilgo conseguiu fazer Governo em menos de duas semanas, ou seja, em menos tempo



"parangonas", como poucas vezes o fizeram no passado. Ou seja, é de esperar deste

bleia da República em funcionamento. O facto de o Presidente da

Só que o tempo dirá como é que em Portugal dois galos podem ocupar o mesmo poleiro.

Se as coisas não correrem de feição, é natural que o general Ramalho Eanes não tenha outro remédio senão aceitar a inevitabilidade de um Primeiro-Ministro que, interna e externamente, poderá ser mais dinâmico do que ele próprio.

Por seu turno, se as coisas correrem pelo melhor, é natural que Maria de Lurdes Pintasilgo não tenha outro remédio senão aceitar a inevitabilidade de um Presidente da República que, interna e externamente, é o penhor do apoio das Forças Armadas, da unidade do Estado, e sobretudo de uma legitimidade originária do voto maioritário em 1976. E como, a contar a tudo isto, existe uma

políticos portugueses, sem que isso tenha impedido choques mais tarde ou mais cedo. O caso de Mota Pinto é apenas um entre muitos.

É verdade que, para o Presidente Eanes, o Governo Pintasilgo é uma hipótese a não perder a nenhum custo. E, para Maria de Lurdes Pintasilgo, este ensejo tem um significado pessoal porque representa uma ocasião única para dar o seu contributo num processo com o qual se sente profundamente solidária, mas não será fácil, na prática política de dia a dia, a compatibilização entre duas personalidades complexas e vigorosas, uma e outra situadas no topo do poder político.

O ataque



Primeiros-Ministros e de Governo de iniciativa presidencial, o difícil será depois, mesmo psicologicamente, o retorno à experiência de um Governo parlamentar partidário. Há hábitos, trabalho que são complexos terar.

Numa palavra, Mário Soares

I Um Governo que dá que pensar

Aquilo que se sabe já do Executivo presidido por Maria de Lurdes Pintasilgo dá muito que pensar aos observadores políticos da cena nacional.

Dá que pensar, antes de tudo o mais, porque a sua formação comprovou aquilo que aqui dissemos acerca do perfil psicológico de Maria de Lurdes Pintasilgo: não pertencendo a nenhum partido, encontrando-se em Paris há vários anos, não tendo nenhuma máquina política organizada de apoio, Lurdes Pintasilgo conseguiu fazer um Governo em menos de duas semanas, ou seja, em menos tempo do que Nobre da Costa e Mota Pinto.

Isto diz qualquer coisa sobre o grau de determinação desta mulher.

Dá que pensar também porque Maria de Lurdes Pintasilgo, baseou, em larguíssima medida, a composição do Governo em dois vectores fundamentais: os nomes que o Presidente queria que ficassem, e os nomes que representam uma solidariedade e uma camaradagem pessoal e de ideais que já vem de há muitos anos a esta parte.

Isto diz qualquer coisa sobre o empenho que o Presidente da República neste

Governo, e sobre o conjunto de amizades, de solidariedades, de fidelidades com que Lurdes Pintasilgo joga nesta sua intervenção política.

Dá finalmente que pensar a campanha, a uma primeira vista não orquestrada, que se traduz numa certa viragem de vários órgãos de informação, que, depois de terem encarado de forma negativa a indigitação de Pintasilgo, começam a esboçar sinais de simpatia para com ela. Isto para já não falar naqueles jornais que nela têm apostado todas as suas "parangonas", como poucas vezes o fizeram no passado.

Ou seja, é de esperar deste Primeiro-Ministro cheio de capacidade persuasiva e de simpatia pessoal, uma operação "charme", de efeitos muito mais profundos do que muitos pensariam duas semanas atrás.

Relativamente a Maria de Lurdes Pintasilgo, enganar-se-ão os que pensam que ela não seria um "osso duro de roer". É uma daquelas personalidades que, quando apostam, apostam tudo. Por isso, quando ganham, ganham a dobrar. E quando perdem, arrastam consigo muito mais gente do que se pensa.

2 Um presidente que pensa poder governar à vontade?

Mas, para além desse novo fenómeno político que cumpre acompanhar com atenção, e que se chama Maria de Lurdes Pintasilgo, uma outra realidade está sob a mira dos observadores mais atentos: a possível actuação do Presidente da República, general Ramalho Eanes, no período durante o qual não haverá Assembleia da República em funcionamento.

O facto de o Presidente da República muito provavelmente passar a acompanhar certos domínios governativos de forma intensa e constante, o facto de poder contar com a estreita fidelidade pessoal do Primeiro-Ministro indigitado, e o facto de a Assembleia da República não poder tolher a actividade governativa – tudo isto pode em princípio permitir ao Presidente da República a perspectiva de um larguíssimo campo de manobra nos três meses que se avizinham.

Porque, não o esqueçamos, o V Governo Constitucional, se passar na Assembleia da República, como parece provável, terá todos os poderes constitucionais de um qualquer Executivo.

A Constituição não prevê a figura do Governo de Gestão, [...] pelo que ninguém se poderá admirar com o desejo do general Ramalho Eanes e de Maria de Lurdes Pintasilgo retirarem da próxima experiência governativa todas as potencialidades que ela jurídica e politicamente encerra.

Só que o tempo dirá como é que em Portugal dois galos podem ocupar o mesmo poleiro.

Se as coisas não correrem de feição, é natural que o general Ramalho Eanes não tenha outro remédio senão aceitar a inevitabilidade de um Primeiro-Ministro que, interna e externamente, poderá ser mais dinâmico do que ele próprio.

Por seu turno, se as coisas correrem pelo melhor, é natural que Maria de Lurdes Pintasilgo não tenha outro remédio senão aceitar a inevitabilidade de um Presidente da República que, interna e externamente, é o penhor do apoio das Forças Armadas, da unidade do Estado, e sobretudo tem a legitimidade [...] voto maioritário em 1976. E como, a somar a tudo isto, existe uma forte amizade e solidariedade – se tudo correr bem, é possível que o Presidente Eanes pense ter encontrado o seu Adolfo Suarez, bastante mais á esquerda e mais tecnocrata, e Maria de Lurdes Pintasilgo pensa poder realizar a missão da sua vida servindo um Juan Carlos republicano, beirão, sibilino e distante, que em seu entender encarna as qualidades essenciais de um Chefe de Estado.

[...] É verdade que não há Assembleia da República para atrapalhar excessivamente

a actividade do Governo, mas, nem por isso, os partidos, lançados em campanha eleitoral, vão poupar o Governo Pintasilgo.

É verdade que os laços pessoais entre o Presidente e o Primeiro-Ministro são um magnífico antecedente para um bom trabalho de equipa, [...]

É verdade que, para o Presidente Eanes, o Governo Pintasilgo é uma hipótese a não perder a nenhum custo. E, para Maria de Lurdes Pintasilgo, este ensejo tem um significado pessoal porque representa uma ocasião única para dar o seu contributo num processo com o qual se sente profundamente solidária, mas não será fácil, na prática política de dia a dia, a compatibilização entre duas personalidades complexas e vigorosas, uma e outra situadas no topo do poder político.

3 O ataque de Soares a Eanes

[...] Mário Soares antevê o que poderá ser a popularidade de um Primeiro-Ministro, que não é partidário, que é tudo menos parlamentarista, e que irá tirar todo o proveito possível das suas qualidades de simpatia e comunicação pessoais.

O Editorial, (p.10):

Radicalização indesejável

Os últimos tempos da actualidade política portuguesa têm sido assinalados por uma radicalização de estilo e até mesmo de conteúdo, que nem por ser previsível deixa de ser indesejável. [...]

Não admirará portanto a ninguém que a radicalização tenha subido de tom.

Alguns dos ataques movidos, de zonas mais à direita, a Eanes e ao primeiro-ministro indigitado têm sido excessivos na forma e imponderados no conteúdo.

Alguns dos panegíricos do novo primeiro-ministro indigitado, feitos com coloração de esquerda, têm sido igualmente excessivos na sua forma e imponderados no seu conteúdo. [...]

Para outros, a campanha eleitoral parece apresentar-se como uma espécie de "cruzada redentora", e a explicação mais óbvia que ocorre para o comportamento do Presidente da República ou do primeiro-ministro indigitado é que eles estão a executar um plano maquiavélico, que integra tudo o que aparece como perfidamente de esquerda, desde Álvaro Cunhal a Maldonado Gonelha, passando por Melo Antunes, Sousa Franco e Vitorino Magalhães Godinho. [...]

revista

DEPARTAMENTO DE MUDANÇAS INTERNACIONAIS
Austrian MAYFLOW INTERNATIONAL
Indianapolis, Indiana, USA
CROWN PACIFIC, Tokio, Japão
FINK, S. A. Rio de Janeiro, Brasil
INTERDEAN, Bruxelas, Bélgica
TELEF. 20017-30007
TELEX 12412 NAVCOR P-LIBROA

A ÚLTIMA TENTATIVA PRESIDENCIALISTA DE EANES?

NOVO PARTIDO POLÍTICO DEPENDERÁ DO ÊXITO DO GOVERNO PINTASILGO



A terceira tentativa num ano?



Uma imagem que ainda perdura viva e forte. Demasiado forte?



Acreditou em excesso que seria o "pai" do novo partido



Um Governo de solidariedades militantes do passado



O referendo é tema em que Eanes não deu luz verde



Cansado de dar "cobertura" política a Eanes pela direita

Legenda à foto de Maria de Lourdes Pintasilgo: Um Governo de solidariedades do passado.

Sob o antetítulo "A ÚLTIMA TENTATIVA PRESIDENCIALISTA DE EANES?" e o título temático "NOVO PARTIDO POLÍTICO DEPENDERÁ DO ÊXITO DO GOVERNO PINTASILGO" são publicados um conjunto de textos ao longo das páginas 1,2 e 3, que perfazem as leituras e interpretações de o *Expresso*. Como legenda à foto de Maria de Lourdes Pintasilgo lê-se: "Um Governo de solidariedades militantes do passado."

Quando muitos observadores esperariam que o Governo cuja constituição está a ser ultimada por Maria de Lourdes Pintasilgo representasse, de alguma maneira, o abandono da ideia, tantas vezes falada, do aparecimento de uma nova formação política próxima de Belém, novos dados surgem a lume demonstrando que o Presidente da República, general Ramalho Eanes continuaria a considerar possível e desejável esse aparecimento, e pensaria mesmo mais que ele é compatível com o Governo de Lourdes Pintasilgo, podendo inclusive ser facilitado pela sua actuação.

Nova tentativa de aglutinação

[...] Talvez daí que para o Presidente seja sobretudo importante ir "alimentando", por um lado, a dinâmica do sector da ASDI que preparam o lançamento de novo partido, e, por outro lado, ir mantendo em ligação política e/ou pessoal a si os reformadores e os sociais-democratas independentes desgostosos com a experiência da ASDI.

Explicar o Governo Pintasilgo

[...] são estes últimos aqueles que o Presidente mais tem de cativar, porque menos dispostos se mostraram a «engolir» quer a escolha de Maria de Lurdes Pintasilgo, quer a posição presidencial que afasta o recurso a qualquer referendo. [...] Eanes teria sido claro numa coisa: na necessidade do aparecimento de um novo partido. Também teria sido claro ao advogar a tese de que esse novo partido não tem nada a perder, antes pelo contrário, com a experiência do Governo de Maria de Lurdes Pintasilgo.

Com o subtítulo "O terceiro "round" de um combate" o texto continua na página 2:

[...] Para Eanes, Maria de Lurdes Pintasilgo seria um possível terceiro passo no processo de crescente afirmação presidencial, simultâneo com eleições que pouco alterariam o sistema partidário vigente e permitiriam o lançamento de um novo partido político.

Sabedoria ou ingenuidade política?

Para muitos observadores, Eanes tem conseguido praticamente tudo o que quer: o apoio silencioso porque confiante das Forças Armadas [...] Só ainda não teria encontrado o Adolfo Suarez capaz de mobilizar uma maioria político-partidária à medida das suas necessidades e dos seus desejos.

[...] Maria de Lurdes Pintasilgo, por razões de afinidade de pensamento, de amizade e até de fidelidade pessoal, pode ter aparecido como a solução ideal para catalizar um "elán" presidencialista que falhou das outras vezes. Mulher num país que pesa decisivamente o eleitorado feminino. Católica activista num país considerado tradicionalmente católico. Não alinhada com os partidos políticos e muito pouco crente no parlamentarismo. Capaz de reunir em torno de si uma verdadeira saga de políticos e técnicos idealistas, congregados de acordo com um critério que tem, muitas vezes, menos a ver com a sua situação política presente do que com a camaradagem militante do passado.

Numa palavra, este perfil de primeiro-ministro parece oferecer mais possibilidades para que Eanes possa jogar todo o seu peso presidencial quando ficar claro que os dados da situação política portuguesa não só não se alteram como até se deterioram com as eleições intercalares. [...].

Ainda na revista (p.16,17) podem ler-se três testemunhos de personalidades próximas de Maria de Lourdes Pintasilgo, com o título "3 depoimentos acerca de um 1º Ministro controverso: Joaquim Pinto Machado Teresa Santa Clara Gomes Maria João Seixas".

Texto introdutório:

Quem é Maria de Lurdes Pintasilgo? Que é o Graal? Que pensam do novo Primeiro-Ministro indigitado alguns daqueles que consigo cooperaram num passado mais ou menos próximo?

Numa curta entrevista, Teresa Santa Clara Gomes explica o que é o Graal, de que é dirigente conhecida.

Num depoimento singelo Maria João Seixas – companheira de Lurdes Pintasilgo em lides recentes – define o perfil do Primeiro-Ministro do V Governo Constitucional.

Numa carta discreta, Joaquim Pinto Machado diz da sua impressão pessoal sobre a entrevista de Pintasilgo à RTP.

Três depoimentos que dão um contributo para uma imagem controversa que é notícia em Portugal, no fim de Julho de 1979.

E respectivamente:

Joaquim Pinto Machado:
"Civilização do amor"

No nosso mundo político, intensa e perigosamente inquinado, a entrevista dada à RTP pelo Primeiro-Ministro indigitado, no passado dia 20 de Julho, foi uma lufada de ar fresco e puro que entrou no País.

E se, no seu curto Governo de cem dias, nos proporcionar mais momentos destes, terá lançado sementes indestrutíveis da transformação radical de que urgentemente necessitamos, em ordem à "civilização do amor" para que tanto apelou Paulo VI.

Teresa Santa Clara Gomes:
Explicar (de forma simples) o que é o Graal

EXPRESSO: Tem-se falado muito do Graal nos últimos dias, a propósito da engª Maria de Lurdes Pintasilgo [...] Quer-nos dizer alguma coisa sobre isso?

Resposta: É curioso ver como os órgãos de informação funcionam muito mais à base de estímulos imediatos, do que debruçando-se sobre os movimentos e grupos sociais que actuam com uma certa permanência na nossa sociedade. O Graal existe em Portugal desde 1957 e nunca nenhum jornal se lembrou de fazer sobre a nossa vida e acção uma reportagem a sério. Neste momento, não param as perguntas e pedidos de informação. É curioso não acha?

Mas vamos ao que interessa. Quer que eu comece por lhe dar uma "definição" do Graal? Olhe que é difícil. O cartão de visita habitual diz que se trata de um "movimento internacional de mulheres cristãs". Mas, como é fácil de compreender, ninguém que conheça o Graal por dentro (e só quem já "viveu" o Graal pode pretender conhece-lo) se satisfaz com uma tal definição. Daí a multiplicidade de fórmulas (todas acusadas de mais ou menos vagas) com que o Graal, ao longo dos anos, se tem auto-apresentado: "espaço de encontro e de procura", "encruzilhada de reflexão crítica", "lugar de empenhamento", "plataforma de acção-reflexão", "laboratório de experimentação"...

Como vê, são tudo sugestões inacabadas. A única coisa que é possível dizer com

clareza é que se trata de um grupo de mulheres – interessadas em activar, a todos os níveis, a contribuição própria e criadora das mulheres para a mudança qualitativa da vida no Mundo de hoje.

[...] Em linguagem cristã, dizemos que o objectivo do Graal é fazer emergir, na vida de cada dia, a Boa-Notícia ou Boa-Nova que o Evangelho de Jesus Cristo veio trazer. Como sabe, essa "notícia" é a promessa de uma "nova terra". O Graal existe, portanto, para desafiar as mulheres a participarem activa e conscientemente na construção dessa "nova terra".

[...] EXP.: Os jornais anunciaram que se está a realizar, pela primeira vez em Portugal, a Assembleia Internacional do Graal. Quer dizer-nos alguma coisa sobre esse encontro?

Resp.: A Assembleia Internacional do Graal é o órgão estruturador da vida do movimento ao nível internacional. [...] Na presente Assembleia que se está a realizar na Figueira da Foz estão presentes [...] 24 países [...]. Não imagina a emoção de todas estas mulheres, ao chegarem a Portugal exactamente no dia em que foi anunciada a indigitação para primeira-ministra da Maria de Lurdes Pintassilgo!

EXP.: A propósito, qual foi exactamente o papel da eng^a Maria de Lurdes Pintassilgo na história do Graal em Portugal? É verdade que foi ela a primeira portuguesa que conheceu o Graal?

Resp.: É. A Maria de Lurdes conheceu o Graal na Holanda em 1957 e foi a partir desse primeiro contacto que eu, e outras universitárias da mesma geração, o viemos também a conhecer. Depois aconteceu a bola de neve inevitável quando se acredita em qualquer coisa com uma convicção forte. O contágio da convicção foi tal, que dentro de poucos meses tínhamos algumas dezenas de raparigas e mulheres a viver a "procura" do Graal, nas mais variadas situações. O papel da Maria de Lurdes foi, e continua a ser, acima de tudo, o papel de quem desperta e mobiliza para desafios sempre novos. Desempenhou, durante vários anos, cargos de responsabilidade a nível internacional: foi vice-presidente e membro do Conselho Internacional do Graal entre 1964 e 1971. Mas não são as funções eu a definem. O que a define é a sua personalidade. E essa deixa no Graal, como em todos os círculos em que se movimenta, uma marca que não se apaga: a marca da imaginação, da coragem, da ousadia para além do aparentemente possível. Sabe qual é uma das frases que mais lhe ouvi repetir? Uma frase de Bernard Shaw que diz: «Há os que vêem as coisas tal como são e perguntam: porquê? Eu sonho coisas que nunca foram e pergunto: porque não?».

Maria João Seixas:

Achegas para a definição de «pessoa» e «liberdade»

[...] O que ela [MLP] propõe, e ensina, e irradia a quem a encontra e conhece, é o informalismo das relações com a vida, a abertura para as alternativas da História [...]

[...] sabia do Graal e do exemplo da sua acção no que era um trabalho, persistente e importante, para a consciencialização de grupos de mulheres, no sentido de descobrirem que podiam e deviam ser sujeitos activos do seu próprio destino.

Estávamos em 74. Vivia-se ainda a Festa e já uns fabricavam, pelas manhas do jogo do poder, as influências dogmáticas para o modelo político a aplicar em Portugal.

Estávamos em 74. Vivia-se a História a cada poro, a cada gesto e era indispensável, para outros, respeitar e seguir os vários sinais do desejo desta comunidade para o seu recém-nascido projecto de vida. Maria de Lurdes Pintassilgo fazia parte destes outros.

Estávamos em 74. E fazer parte destes outros dava direito a ser: a católica, a reaccionária, a moderada reformista, a mulher.

Não a vi adoecer e ir a ares. Não a vi vacilar ou desistir. Não a vi desesperar do seu sonho, de liberdade a viver-por-todos neste País, naquela hora e nas horas-a-conquistar. Não a vi cristalizar na resposta imediata, vingativa e mesquinha, da hostilização sistemática e primária. Igual.

Vi-a combater tão enérgica quanto serena. Tão determinada quanto generosa em relação ao pulsar da existência colectiva. Às claras. Sem medo.

Vi-a íntegra, e sempre a apostar no diálogo.

Vi-a a argumentar e a não pactuar.

Vi-a a não passar a esponja sobre os fenómenos, antes tentar, pela inteligência, pelo rigor e também pela doçura, a interpretação dos seus vectores, para perceber o seu significado mais global.

Vi-a sofrer o destino das pessoas sem lhes contabilizar os votos. Como a vi sonhar-lhes a alegria de uma existência mais estimulante, de um viver mais gratificador, sem imaginar para isso sequer a possibilidade de lhes impor um único esquema.

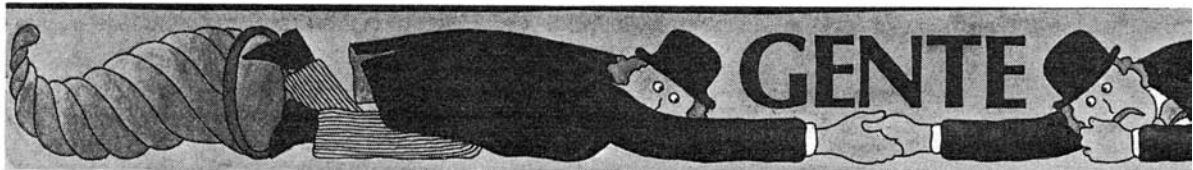
Vi tudo isso e muito mais. E por tudo isso e muito mais aprendi, também eu, a olhar para o que me envolve de outro jeito [sic] com outro modo.

Devo-lhe várias lições de vida. Algumas achegas para a definição de "pessoa" e "liberdade". Grandes exigências para o merecimento dos meus próprios entusiasmos.

A rubrica semanal 'Gente' e a respectiva referência a Maria de Lourdes Pintasilgo, (p.32):

32-R

Expresso



1 A Mafaldinha

MARIA DE LURDES Pintasilgo já tem o seu qualificativo político — é a Mafaldinha.

Decerto, os leitores da GENTE recordarão a famosa figura criada por Quito, toda ela idealismo, boas intenções salvadoras da Humanidade e vivência dos pequenos grandes dramas dessa parte sobressaltada do chamado "Terceiro Mundo" que é a América Latina.



nome, enquanto que o Presidente Eanes faria "finca-pé" na permanência do intrépido "homem de Mateus".

Naturalmente não passam de atoardas especulativas com fins divisionistas mais ou menos torpes...

3 Jantar cheio de novidades

CHEIO de novidades terá sido um jantar realizado na passada

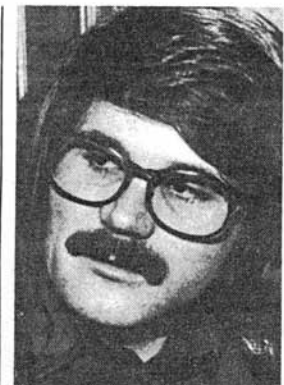


por lá vejam passar, nos últimos dias, políticos os mais variados.

Desde Mário Mesquita (há cerca de uma semana) até Medeiros Ferreira e Francisco Sousa Tavares, passando por dirigentes de "parceiros sociais" para só referir três nomes tem sido um rodopio na Praça Afonso de Albuquerque.

5 Biorritmologia

FIM ananizado dos problemas



para Faro, com uma mochila de campista.

Férias de pouca dura, já que a Assembleia da República prosseguia na semana seguinte, e Vital Moreira é uma peça-chave na bancada do PCP.

7 Romagem a Macau

RECENTEMENTE reaberta e reconstruída da destruição sofrida há cinco anos a "Casa de Macau"

A Mafaldinha, MARIA DE LURDES Pintasilgo já tem o seu qualificativo político — é a Mafaldinha. Decerto, os leitores da GENTE recordarão a famosa figura criada por Quito, [sic] toda ela idealismo, boas intenções salvadoras da Humanidade e vivência dos pequenos grandes dramas dessa parte sobressaltada do chamado "Terceiro Mundo" que é a América Latina.

A "MARCHA DOS CEM DIAS"

Ano V n.º 223
De 3 a 9 de Agosto de 1979
Preço: 15\$00

Semanário
sai às sextas-feiras

Director
José Carlos Vasconcelos

Director adjunto
José Silva Pinto

B. P. L.
27.9511979

o jornal

Entrevista/Exclusivo

Governo fala

págs. 4/5



**Teresa
Santa
Clara**

É tempo de
as mulheres
aparecerem



**Costa
Brás**

Garantia
de isenção
nas eleições



**Bruto
da Costa**

Dar voz
a quem
a não
tem

Maria Elisa Jornalista da TV cuida a imagem de Lurdes Pintasilgo



Foto Inácio Ludgero

A primeira foto de Lurdes Pintasilgo em São Bento
A «marcha dos cem dias» (pelo menos) começou. Em cima da sua secretária, no gabinete de Primeiro-Ministro, Lurdes Pintasilgo colocou uma velha imagem de Santa Isabel

pág. 7

No segundo terço, uma foto de Maria de Lourdes Pintasilgo, com a seguinte legenda:

A primeira foto de Lurdes Pintasilgo em São Bento. A «marcha dos cem dias» (pelo menos) começou. Em cima da sua secretária, no gabinete de Primeiro-Ministro, Lurdes Pintasilgo colocou uma velha imagem de Santa Isabel.

Na zona correspondente ao primeiro terço lê-se o antetítulo "Entrevista/Exclusivo" e o título "Governo fala" que introduz os depoimentos de três membros do Governo e respectivas fotos: Teresa Santa Clara, com a legenda: "É tempo de as mulheres aparecerem"; Costa Brás e respectivamente: "Garantia de isenção nas eleições" e Bruto da Costa: "Dar voz a quem não a tem."

Ainda no segundo terço, uma pequena foto de Maria Elisa e o título, "Jornalista da TV cuida a imagem de Lurdes Pintasilgo".

O Editorial, (p.2):

O Governo e a responsabilidade dos partidos

Perguntávamos aqui há uma semana, em título, se «a direita perdeu a vergonha». E acrescentávamos que do elenco de factos graves, até (e é nesse plano que sobretudo nos pretendemos situar) moralmente graves, da sua actuação recente, parecia ter de se concluir que assim era. [...] essa sua actuação só poderia favorecer, mesmo eleitoralmente, as forças progressistas, em cujo sector democrático e independente no situamos, dizíamos que, atendendo a valores primeiros como o patriotismo e a democracia, e a princípios éticos que entendemos igualmente essenciais – gostaríamos que essa direita corrigisse tal actuação, mostrando-se em todas as circunstâncias de facto civilizada e democrática e pautando-se por normas de limpidez e dignidade cívica indiscutíveis.

Afinal, nada se alterou. Ao invés, condutas e afirmações que não se podem classificar de honestas – porque objectivamente falsas e/ou demagógicas, quando não difamatórias sobre Maria de Lurdes Pintasilgo mantiveram-se, e quiçá acentuaram-se. Por outro lado, verificou-se um facto inédito após o restabelecimento da democracia em Portugal, e que dá uma ideia de até onde pode chegar, [...], a falta de educação cívica daqueles sectores, até que ponto são desrespeitados princípios fundamentais da democracia como os da tolerância e do diálogo.

Referimo-nos ao facto, que quando menos se tem de considerar lamentável, do PSD e do CDS se terem recusado ir falar com a eng.^a Maria de Lurdes Pintasilgo, quando para esse efeito solicitados.

Como se podem invocar princípios sociais-democráticos, quando se tomam atitudes como esta? Como se pode invocar uma posição conservadora, mas democrática e civilizada, à inglesa, quando se demonstra nomeadamente tamanha falta de "fair-play"? E isto para quem não é apenas mais um chefe de Governo – mas mulher, democrata e independente, de alta craveira intelectual e reconhecido prestígio, nacional e internacional, que foi desde a primeira procuradora à Câmara Corporativa (onde tomou posições que não nos recordamos de serem assumidas por outros seus colegas de então, agora "leaders" partidários...) até primeira titular de uma pasta ministerial e primeira Primeiro-Ministro de um governo neste país, já sem falar da sua qualidade de embaixadora de Portugal na UNESCO e de dirigente conceituada dos importantes organismos católicos, onde tem posição de relevo...

Desde que a democracia foi restabelecida neste país é a primeira vez que, salvo erro, se verifica algo de semelhante. Nem o PC, perante um governo como o de Mota Pinto, que declaradamente o tinha como seu inimigo principal, se recusou nunca a ir falar com ele [...] Nem nos momentos mais quentes e graves da fase mais agitada da Revolução ocorreu facto idêntico! Uma tristeza [...] um sinal muito evidente de imaturidade ou irresponsabilidade cívicas e democráticas.

Que depois disso, representantes da "aliança democrática" não tenham também comparecido na posse do novo Governo, foi apenas mais um passo na mesma direcção e um sintoma nítido da gravidade desta súbita "doença infantil de direitismo".

Depois de tudo isto, se o PSD e o CDS [...] também não forem à Assembleia da República participar no debate do programa do Governo, poder-se-á dizer que apenas continuam a mesma via sinuosa que desde há alguns tempos vêm seguindo. E se é certo, como há dias acentuou Maria de Lurdes Pintasilgo, que «infinito mais um é igual a infinito», não há dúvida que se tal se concretizasse esses partidos dariam mais uma machadada funda não só na sua própria imagem, como, reflexamente, em certa medida, na de um órgão de soberania que todos os democratas devem tentar prestigiar ou defender, mesmo contra as suas próprias deficiências.

Como aliás o fizeram o Primeiro-Ministro indignado no seu discurso de posse que constitui, sob vários aspectos, um texto e um documento de alto nível e de qualidade intelectual, cultural e humana, a que infelizmente estamos pouco habituados em Portugal, sobretudo na área política onde nem faltarão os mediócrs convencidos que o integrarão, com sobrançeria, no domínio da "poética" (e como se isso fosse um estigma) [...].

Deixemos isto, que nos levaria longe, e antes de finalizar, retomando o fio condutor destas linhas, salientemos apenas que é uma primeira vitória de Maria de Lurdes Pintasilgo, a constituição do Governo em tão curto espaço de tempo, e conseguindo formar uma equipa que, para lá de alguns pontos mais débeis ou mesmo negativos, se afigura dar garantias de isenção, independência e competência; vitória também do general Ramalho Eanes que neste Executivo parece (parece, acentuamos) apostar tudo, inclusive anunciando-se que, pela primeira vez, irá de facto presidir a alguns conselhos de ministros. Quanto ao Governo será efectivamente, só a prática o pode dizer, e é por ele que aguardamos para podermos ter opinião. [...].

Cáceres Monteiro assina este artigo intitulado "Começou a "marcha dos 100 dias" " (p.2) que tem como ponto de partida as frequentes interpretações da direita à decisão presidencial, passando por emitir considerações respeitantes à cerimónia de tomada de posse, assim como às atitudes de Maria de Lourdes Pintasilgo.

Nacional

Começou a "marcha dos 100 dias"

Cáceres Monteiro

Segundo alguns, o Presidente da República, «desmascarou-se finalmente e apareceu a dar vida a um projecto de «presidencialismo caninista com traços militaristas. Mas o próprio Eanes se preocupou em afirmar o contrário, em dois discursos importantes e claros, proferidos esta semana, em dias seguidos, no Vale do Zebro e na Ajuda, contrastantes com a habitual parcimónia de palavras e o tradicional hermetismo de expressão. Se Maria de Lurdes Pintasilgo é uma peça importante (fundamental) desse jogo, ela defendeu-se com foros de sinceridade, dizendo, em resposta a uma nossa pergunta, que procura simplesmente «abrir o caminho a quem venha a seguir». Afirmou-o na conferência de imprensa das Necessidades e no discurso de posse mostrou-se segura da confiança do povo «nas forças sociais e políticas que o representam».

No entanto, a visão da assistência à cerimónia de posse do V Governo fazia sentir ao observador minimamente atento que os estadismos maiores dos partidos e as clientelas partidárias estão, cada vez mais,

responda, de resto, a um grande entusiasmo dos socialistas, aquela mulher, na pequena mas digna sala dos concursos do Palácio das Necessidades, com janelas abertas sobre campanários, envergando um vestido azul às bolinhas vermelhas e brancas, «estilhaçava» numa conferência de imprensa, com a sua autenticidade e pela forma corajosa e inteligente como respondia às perguntas dos jornalistas as teorias laboriosamente urdidas pelos chamados «analistas políticos».

Mostrando-se interessada em não acentuar a polarização entre esquerda e direita dizia-se, «quanto pessoa situada numa perspectiva de uma sociedade alternativa».

Acusando os partidos que desde já a atacam — o PSD e o CDS — não lhe darem sequer o benefício da dúvida, Lurdes Pintasilgo consegue inverter habilmente a direcção das setas que lhe são dirigidas. Elogiando Juan Carlos e Suarez, o Primeiro-Ministro indignado esbatia o efeito do encontro de Madrid, onde Sá Carneiro se entregava à UEDC, como consequência talvez do desreio



Lurdes Pintasilgo na conferência de imprensa. Muitas questões circunstanciais.

Segundo alguns, o Presidente da República, «desmascarou-se» finalmente e apressou dar vida a um projecto de «presidencialismo eanista» com traços militares. Mas o próprio Eanes se preocupou em afirmar o contrário, em dois discursos importantes e claros, proferidos esta semana, [...] contrastantes com a habitual parcimónia de palavras e o tradicional hermetismo de expressão. Se Maria de Lurdes Pintasilgo é uma peça importante (fundamental) desse jogo, ela defendeu-se com foros de sinceridade, dizendo, em resposta a uma nossa pergunta, que procura simplesmente «abrir o caminho a quem venha a seguir». Afirmou-o na conferência de Imprensa das Necessidades e no discurso de posse mostrou-se segura da confiança do povo «nas forças sociais e políticas que o representam».

No entanto, a visão da assistência à cerimónia de posse do V Governo [...] era [...] transmitida pela ausência dos líderes da "Aliança Democrática" [...]. Quem ali se encontrava, numa cerimónia que pela sua vivacidade e concorrência contrastou com a posse do IV Governo, eram militares e tecnocratas presidencialistas, militares da facção moderada do MFA encabeçados por uma forte representação do Conselho da Revolução, católicos destacados, mormente do Graal, [...].

Uma dinâmica "alternativa"?

Como era previsível para quem a conhece Maria de Lurdes Pintasilgo, através da sua própria personalidade, alterava, em poucos dias, a dinâmica, que parecia imparável, das jogadas políticas.

Para grande desespero dos partidos de direita e sem que a isso corresponda, de resto, a um grande entusiasmo dos socialistas, aquela mulher, na pequena mas digna sala dos concursos do Palácio das Necessidades, [...] envergando um vestido azul às bolinhas vermelhas e brancas, "estilhaçava" numa conferência de Imprensa, com a sua autenticidade e pela forma corajosa e inteligente com que respondia às perguntas dos jornalistas as teorias laboriosamente urdidas pelos chamados "analistas políticos".

Mostrando-se interessada em não acentuar a polarização entre esquerda e direita dizia-se, «enquanto pessoa situada numa perspectiva de uma sociedade alternativa».

Acusando os partidos que desde já a atacam – o PSD e o CDS – não lhe darem sequer o benefício da dúvida, Lurdes Pintasilgo consegue inverter habilmente a direcção das setas que lhe são dirigidas. [...]

Apoiada apenas no peso político e entusiasmo de Ramalho Eanes («Quero afirmar-lhe a minha confiança na sua isenção, honestidade e competência» (...)) «Agradeço-lhe a coragem que soube demonstrar e a dedicação democrática que representa»), num certo incentivo da hierarquia católica de que a aceitação de Sousa Franco será o sinal mais evidente, [...], Lurdes Pintasilgo não mostra sombra de receio. E nos círculos políticos acredita-se que os ataques que lhe serão lançados poderão ser mais prejudiciais para os seus autores do que para ela própria, [...].

Seguem-se algumas considerações sobre as possíveis opções políticas de Ramalho Eanes aliado ao possível sucesso deste V Governo:

[...] Lurdes Pintasilgo diria que nunca seria instrumento de um projecto que implantasse um regime militar em Portugal e que não podemos desconhecer o espaço geográfico (europeu) no qual nos inserimos.

A conferência de Imprensa foi ocupada por muitas questões circunstanciais relativas à formação do Governo [...] e foi, por isso, no seu bem concebido discurso de posse, que Lurdes Pintasilgo transmitiu o maior peso da sua preparação política

– e singularmente numa construção a que não faltou sensibilidade e até recorte literário, incluindo transcrições de Miguel Torga. Lurdes Pintasilgo numa visão que alguns procurarão identificar com o marxismo mas ela situaria apenas no espírito do Vaticano II, [...], pôs-se abertamente do lado dos que na sociedade portuguesa são desfavorecidos e permanecem sem voz, apontando, porém, para a busca de «caminhos novos», «para que não percorram desnecessariamente as vias do desencanto alheio»; discurso no qual a sua filosofia de concepção de vida não deixou de assomar: «Não nos detemos atavicamente nos antagonismos estéreis. Eles só podem ser ultrapassados por soluções novas. Buscamos perspectivas que sem renegarem os contributos ideológicos adquiridos libertem os problemas e a sociedade da sua carga excessiva».[...]

Eanes lamentou o processo de bipolarização política [...] e antecipou, por outro lado, a sua opinião sobre o cariz do V Governo, dizendo que a acção política do gabinete de Lurdes Pintasilgo não se esgotará no objectivo principal de realizar eleições e que lhe cabem todas as acções de governo impostas pelos problemas da crise nacional e internacional (o sublinhado é nosso).

Lurdes Pintasilgo foi a aposta maduramente cogitada por Ramalho Eanes. Ele decidiu jogar (as expressões são suas) na «personalidade de política», no «prestígio internacional» e na «experiência governativa» do novo Primeiro-Ministro.

[...] um eventual êxito na «marcha dos 100 dias» de que fala o Primeiro-Ministro (mas que serão seguramente alongados) poderá criar uma nova dinâmica para o regime, da qual resultará possivelmente uma nova síntese para o poder político em Portugal.

A primeira "escaramuça" da «marcha» estará já à porta. [...] certos aumentos de preços mostram-se tão inadiáveis [...].

No entanto, Maria de Lurdes Pintasilgo não será certamente tão ingénua que vá proceder a essa operação com quase toda a informação, e designadamente a RDP, nas mãos dos seus "inimigos", daqueles que lhe querem tolher a caminhada.

Como anunciado na 1ª Página, segue-se o depoimento de Teresa Santa Clara Gomes, que ocupa o cargo de "Secretária de Estado-Adjunto do Primeiro Ministro". Este é um trabalho de Cáceres Monteiro, (p.4):

Teresa Santa Clara Gomes acerca de Lurdes Pintasilgo
«Somos pessoas extremamente diferentes»

[...] Teresa Santa Clara Gomes, desde há dois dias secretária de Estado-Adjunto do Primeiro-Ministro [...] considerada uma pedra-chave do V Governo, e que fará parte do bloco central de coordenação do Executivo. [...] Teresa Santa Clara Gomes, 43 anos licenciada em Filosofia Germânica, há mais de 20 anos que começou a sua colaboração com Maria de Lurdes Pintasilgo, na JUC. [...] ambas estiveram no lançamento do Graal no nosso país. [...] «O meu papel fundamental será o de diálogo e reflexão junto do primeiro-ministro para a apoiar nas decisões a tomar e para ter um papel a nível da orientação política de fundo que lhe vai caber.»[...]

«É tempo de as mulheres aparecerem»

Teresa Santa Clara Gomes foi a única mulher que, além de Maria de Lurdes Pintasilgo, tomou posse na passada quarta-feira [1 Agosto] no Palácio da Ajuda. No entanto muito se especulou sobre a entrada maciça de mulheres para o Governo.

Como é que Teresa Santa Clara Gomes viu o «alarido» que se fez a propósito deste assunto?

«Penso que é mais do que tempo de as mulheres começarem a aparecer progressivamente. A nível de governação, isso não deverá acontecer por uma grande «operação de choque», mas deve haver antes uma progressão de entrada das mulheres a nível de todos os escalões. Ainda é extremamente reduzido o número de mulheres que passou, por exemplo, por experiências a nível de directoras-gerais. Sem terem exercido já funções de organização, de administração e, até, de governação, é difícil que as mulheres se sintam à vontade para aceitarem ser ministros.»

Sobre as reacções à "indigitação presidencial" que "[...] chegam através da Imprensa e as cartas que provêm de todos os pontos do país", diz Teresa Santa Clara Gomes:

«As pessoas escrevem cartas de todos os pontos do país, não tanto a expor os seus problemas e a pedir solução mas a dizer que sentem uma esperança nova com o anúncio do novo primeiro-ministro. Portanto, neste aspecto – e embora tal não seja particularmente significativo – não deixa de traduzir alguma coisa o tom caloroso e a esperança com que pessoas totalmente desconhecidas escrevem ao novo Primeiro-Ministro a transmitirem-lhe os seus sentimentos deste momento.»

«Muita gente tem medo do desconhecido»

«No capítulo da Imprensa [...] «Por um lado, há a personalidade de Maria de Lourdes Pintasilgo. Ela é, acho eu, uma personalidade tão forte que parte destas reacções são de pessoas que esperavam um governo completamente silencioso e neutro, um governo que não mexesse com nada. Por isso se insurgem contra o facto de aparecer alguém com imaginação e com iniciativa. Temem o que ela venha a fazer. Nem sequer é uma posição ideológica à partida, mas o receio de que uma personalidade forte traga à governação elementos que não são conhecidos. É muita gente tem medo do desconhecido.»

Outro nível é o das reacções políticas da Aliança Democrática; «Compreendo determinadas reacções desencadeadas pelos mecanismos políticos, mas não é aceitável que se passe ao ataque pessoal e [...] calúnias como se tem feito. [...] o cidadão comum que vier a conhecer a personalidade de M^a de Lourdes Pintasilgo, que a ouvir e estiver atento aos actos do futuro governo, não poderá deixar de reconhecer que existe uma marca de isenção. Está-se a fazer uma construção para deitar abaixo a sua personalidade.»[...]

A expressão de Maria de Lourdes Pintasilgo sobre o cariz desta sua missão serve de título ao texto noticioso que dá conta dos nomes dos ministros deste Governo, (p.6):

Os ministros para a «marcha dos 100 dias»

Os perfis dos elementos do Gabinete escolhido por Maria de Lourdes Pintasilgo, com excepção dos ministros Costa Brás e Bruto da Costa, e do secretário de Estado, Teresa Santa Clara Gomes, de quem recolhemos declarações, publicadas em separado.

De seguida transcrevem-se, apenas, os nomes e os respectivos cargos, inserindo-se algumas citações que pertinentemente possam estar ligadas à figura de Maria de Lourdes Pintasilgo.

Tenente-Coronel José Alberto Loureiro dos Santos (Defesa Nacional)
José Carlos Lopes Cardoso de Freitas Cruz (Negócios Estrangeiros)
Pedro de Sousa Macedo (Justiça)
António Luciano de Sousa Franco (Finanças)
Carlos Jorge Correia Gago (Coordenação Económica e Plano)
“[...] Num governo onde não existem superministérios nem ministros chave, como diria Lurdes Pintasilgo dias antes do acto de posse...”
Joaquim da Silva Lourenço (Agricultura e Pescas)
Fernando Marques Videira (Indústria)
Acácio Pereira Magro (Comércio e Turismo)
Jorge de Carvalho de Sá Borges (Trabalho)
Frederico Alberto Monteiro da Silva (Transportes e Comunicações)
Mário Fernandes de Azevedo (Obras Públicas)
Adérito Sedas Nunes (Coordenação Cultural e Cultura e Ciência) [...] Em sua opinião, Lurdes Pintasilgo equacionou «de uma maneira que me interessa as relações entre a cultura e a ciência» [...] já distam de há muito as relações de amizade e admiração de Sedas Nunes com Lurdes Pintasilgo, até por serem também oriundos dos sectores católicos mais activos.
Luís Eugénio Caldas Veiga da Cunha (Educação)
José António de Figueiredo (Comunicação Social)

Segue-se a entrevista, anunciada na 1ª página, conduzida por Edite Soeiro, que por sua vez, realizou um trabalho de levantamento e pesquisa sobre Maria Elisa e suas ligações com Maria de Lourdes Pintasilgo, (p.7):

Maria Elisa a *O Jornal*

«No fim dos cem dias voltarei à televisão»

Diz Maria Elisa: «Acima de tudo, o ter aceiteado este cargo não representa uma ambição de carreira política. Porque se tivesse esse tipo de ambições, já teria tido oportunidade de as manifestar mais cedo». Maria Elisa Domingues, [...] desde há uma semana assessor do Primeiro-Ministro junto da Informação, recusa insinuações a respeito do seu cargo que «acima de tudo, ela irá procura desempenhar o melhor possível».

«Conheço Maria de Lourdes Pintasilgo – conta – há vários anos. Fui aluna de pessoas ligadas ao Graal, o que quer dizer que contactei bastante com um grupo de gente que a ela estava ligada e participei em muitas actividades animadas pelo Graal [...]»

Concretamente, Maria Elisa procura ser, em S. Bento, «o elo constante entre o Primeiro-Ministro e os órgãos da comunicação social» [...] terá em conta qual deve ser a imagem do Primeiro-Ministro junto deles e quais devem ser as relações «muito especiais deste» Primeiro-Ministro [...] «relações que a eng^a Maria de Lourdes Pintasilgo quer abertas e fáceis». E acrescenta: «A abertura que com certeza se vai registar [...] decorrerá naturalmente da personalidade da eng^a Maria de Lourdes Pintasilgo, uma pessoa aberta, calorosa, de trato extremamente fácil, e com grande necessidade de estar em contacto com o mundo que a rodeia. A actual Primeiro-Ministro nada tem de fechado, misterioso, hermético, e é uma pessoa muito interessada no papel da informação no mundo actual. Daí a atenção que dedica aos órgãos de comunicação social, aos seus problemas e à sua necessidade de serem informados com verdade e rigor. Por isso, penso que as relações [...] irão ser francas e abertas, além de fáceis e correctas.

Esperemos que a recíproca se verifique também.” [...]

Maria Elisa [...] aprendeu a «riqueza da sua personalidade» que ela acha «fascinante». «É uma pessoa com quem apetece trabalhar, pois está em permanente movimento, numa constante procura, através da qual tenta ultrapassar-se a si própria. [...] o que considero essencial, é uma pessoa com um ideal, com objectivos, com uma filosofia de vida muito determinada. Tem etapas a atingir e não desiste facilmente.» [...]

«A eng^a Maria de Lurdes Pintasilgo – diz ela – tem falado várias vezes no papel extremamente pesado que cabe às mulheres que trabalham, perante a dupla tarefa do emprego e da casa, com os filhos e os maridos.»

A crónica de Augusto Abelaira: Escrever na água, (p.9):

Escrever na água



Augusto Abelaira

A expectativa

A expectativa

Provavelmente, o principal infortúnio do novo governo resultará das reais virtudes da primeira-ministra. Por motivos que, apesar de tudo, são mais de natureza afectiva do que racional, Lurdes Pintasilgo criou [...] uma expectativa favorável nas largas camadas da nossa população que se encontram bastante desencantadas. [...]

Mas Lurdes Pintasilgo, que ainda por cima é mulher (não será Joana D'Arc, a padeira de Aljubarrota, Dona Filipa de Vilhena?), reunia todas as condições para dar esperanças a um povo mais ou menos desencantado. Aos homens de cultura, revelava-se inteligente e culta; ao povo miúdo revelava-lhes uma faceta popular extremamente comunicativa e sorridente na sua forma de se exprimir. Era universidade e era povo. E sem prometer nada (julgo que ainda não prometeu nada) criava a expectativa, algo perigosa, do milagre. De súbito, se não me engano, vastas camadas desencantadas começaram a acreditar que talvez.... [...]

A desgraça é que, no mundo do petróleo e de outras coisas mais, não há milagres e que essa involuntária sugestão [...] se arrisca a prejudicar as próprias virtudes da governação de Maria de Lurdes Pintasilgo. [...] Virtudes de inteligência, de sinceridade e de fé que criam em muitos desencantados o encanto do milagre possível (mas impossível). [...]

Um artigo de opinião da autoria de Rémy Freire, (p.13):



O Santo Graal e a economia portuguesa

[...] a sua nomeação como Primeiro-Ministro afigura-se como constituindo não só um teste supremo para o Graal mas principalmente um primeiro e importante passo para inserir Portugal numa senda de regeneração moral, de restabelecimento da justiça social [...].

Cem dias não é certamente um período suficientemente longo para transformar Portugal e, muito menos, para realizar todas as grandes esperanças que nos trouxe o 25 de Abril, mas é mais tempo do que o necessário para que se tomem algumas medidas convincentemente demonstrativas de como se poderia estabelecer na nossa sociedade sólidas bases económicas e morais para a recuperação do país. Todos sabemos que a Premier Maria de Lurdes não pode ser Sir Galahad, não porque lhe falte tão grande coragem, espírito de abnegação ou pureza de intenções, mas porque, evidentemente, os tempos são agora outros. [...].

Deste modo, para além da crítica retrógrada e muito piores que tem sido feita à nossa nova Primeiro-Ministro pelos dignos herdeiros da outra senhora – que não se justifica nem mesmo em termos estritamente políticos ao nível dum país europeu no último quartel do século XX – permanece como legítima, [...] uma preocupação pelo pendor espiritual e talvez até místico da actual Premier. [...] para lá da sua indiscutível sinceridade e honestidade de propósitos – que não oferecem dúvidas a ninguém possuído dum mínimo de boa-fé – resta saber ainda até que ponto o seu esplêndido idealismo e irreprimível fervor missionário, tão bem patentes nos seus escritos e actividades de vanguarda nas Nações Unidas, se podem traduzir, na prática, em acções concretas e significativas ao nível da chefia do Executivo nacional. É esta realmente a grande dúvida que, estamos certos, a engenheira Maria de Lurdes Pintasilgo e os seus colaboradores se encarregarão prioritariamente de dissipar, [...].

Na rubrica 'Periscópio' (p.18) observa-se um pequeno texto que critica o cariz noticioso da informação produzida pelo jornalista Jorge Soares da RDP, assim como, avança com algumas considerações sobre o Governo e a figura de Maria de Lourdes Pintasilgo.

O «abominável» homem das oito

Jorge Soares, hoje um dos «chefes» da Informação da RDP e responsável pelos «célebres» escritos dos (jornalística e politicamente inacreditáveis) noticiários das oito da manhã, esteve na conferência [...] de Imprensa de Maria de Lourdes Pintasilgo como representante de «O Dia». Na manhã seguinte aquele matutino publicava uma notícia, em que se lê, por exemplo: «Maria de Lourdes Pintasilgo revelou-se ontem uma mulher autoritária, gostando de ostentar as suas qualidades [...] pouco aberta às críticas apesar de afirmar o contrário». Para o autor da notícia intitulada «Uma mulher divorciada deste «jardim à beira mar plantado» o programa que o V Governo vai apresentar estará «eivado das intenções do bloco marxista-atéu»!...

Uma peça com o título "Sousa Franco no Governo reforça posição junto da Igreja", (p.40):

Uma das maiores surpresas do elenco final do Governo Lurdes Pintasilgo foi a inclusão do prof. Sousa Franco na pasta-chave das Finanças. [...] Assim, a aceitação de Sousa Franco [...] é considerada por observadores muito bem colocados como podendo porventura significar uma mais nítida possibilidade de apoio, ou pelo menos não oposição, da mais alta hierarquia da Igreja a um Governo que tem à sua frente uma sua destacada militante. Recorde-se que antes da sua aceitação, a eng.^a Maria de Lurdes Pintasilgo foi recebida pelo cardeal-patriarca, D. António Ribeiro, com o qual se sabe que Sousa Franco, que também foi nomeadamente presidente do Conselho Nacional da Acção Católica, tem excelentes relações.

O Jornal volta a utilizar a expressão "Executivo central" para diferenciar os ministérios e respectivos nomes:

[...] deverá ser constituído, além de pelos dois [Maria de Lourdes Pintasilgo e Sousa Franco], pelos ministros coordenadores da área económica e do plano (Correia Gago), cultural (Adérito Sedas Nunes) e social (Alfredo Bruto da Costa). Isto sem prejuízo da participação de Teresa Santa Clara Gomes como adjunto do Primeiro-Ministro.

Sobre a Administração Interna, é referido que:

[...] além da sua área específica de competência (a principal para um Governo que tem como objectivo primeiro preparar eleições) deverá assessorar directamente o chefe do Executivo e substituí-lo na sua ausência. O tenente-coronel Costa Brás tem uma grande experiência nestes domínios, tendo sido ele que fundamentalmente preparou as primeiras eleições livres realizadas em Portugal [...] as de 25 de Abril de 75. [...].

Acerca da importância deste ministério, no que diz respeito à sua idoneidade e competência, escreve *O Jornal* :

[...] aliado ao seu conhecimento pessoal daquele militar do 25 de Abril, a razão por que Lurdes Pintasilgo o escolheu para tão difícil lugar, para que observadores insuspeitos declaram especialmente credenciado.

Também *O Jornal* suporta a tese de que:

[...] como se sabe, o Presidente da República, para evitar maiores oposições do PSD/CDS, [...] é o responsável por se terem mantido nos seus cargos o coronel Loureiro dos Santos e o embaixador Freitas Cruz.

Expresso, 4 Agosto

Não se lê o nome de Maria de Lourdes Pintasilgo em nenhum título, antetítulo ou subtítulo, nem imagem. Detectam-se apenas algumas referências noticiosas à sua actuação. Com o título "Posse da primeira "leva" de Secretários de Estado no princípio da semana" dá-se conta do Programa e, aqui sim, regista-se o seu nome.

O Programa do V Governo Constitucional deverá bater em tamanho (reduzido) os dos quatro governos anteriores.

Na verdade, deverá tratar-se do Programa mais curto até agora apresentado à Assembleia da República, tal como extremamente curta deverá ser a intervenção do Primeiro-Ministro Maria de Lurdes Pintasilgo no momento da sua apresentação parlamentar.

Na verdade, no primeiro Conselho de Ministros a que presidiu, Maria de Lurdes Pintasilgo fez questão em frisar bem a necessidade de um Programa sintético, pedindo aos ministros que resumissem em escassas páginas os respectivos programas sectoriais. Por outro lado, o Primeiro-Ministro começou já as suas audiências bilaterais com cada ministro para apreciar o respectivo programa sectorial. [...].

O Programa do Governo será aprovado no Conselho de Ministros a realizar na próxima 4ª feira, dia 8, entrando na Assembleia da República na 6ª feira, dia 10.

Estilo diferente

Entretanto logo no primeiro Conselho de Ministros presidido por Maria de Lurdes Pintasilgo foi patente uma diferença de estilo pessoal relativamente ao seu antecessor, prof. Mota Pinto. [...] Maria de Lurdes Pintasilgo revelou um estilo muito mais dinâmico, abordando duas temáticas essenciais: a preparação do Programa do Governo e a escolha dos secretários de Estado para os vários departamentos governamentais.

No âmbito da discussão parlamentar do Programa, destaca-se em título "Se Programa for rejeitado Eanes pode demitir-se para se recandidatar":

Aumentaram, nos últimos dias, as probabilidades de vir a ser apresentada na Assembleia da República, pelo PSD e pelo CDS, uma moção de rejeição do Programa do V Governo Constitucional em vez de como chegou a estar previsto, os seus deputados se ausentarem pura e simplesmente durante o debate do Programa.

Ainda na 1ª Página, sob o título "Cardeal-Patriarca recebe Aliança" constata-se as seguintes referências a Maria de Lourdes Pintasilgo:

[...] e no momento em que era longamente citada a audiência concedida por D. António Ribeiro ao Primeiro-Ministro, Maria de Lurdes Pintasilgo, antes de esta ter aceite o seu cargo. [...] Enquanto se renovam os ataques dos principais dirigentes da Aliança Democrática ao Governo chefiado por Lurdes Pintasilgo [...].

Em rodapé, o habitual prognóstico meteorológico em prosa humorística tentada:

Tempo de os passarinhos cantarem

Preso por gostar de uns pássaros e preso por não gostar de outras aves, o S. Pedro parece manter-se impávido e continua a apresentar-nos com uma meteorologia que, não sendo totalmente estival, é no entanto favorável às aves canoras. [...] não parece ser tempo capaz de tirar o canto aos plúmeos animais conhecidos pelo seu fino trinado. E convínhamos que, numa manhã de Verão, é belo ouvir cantar os passarinhos.

Segue-se a coluna "Análise Política" de Marcelo Rebelo de Sousa com o título "A opção que não pode ser «mascarada»", (p.2):

[...]

2 Experiências pouco felizes

[...] Enganam-se os que pensam que o que está sobretudo em causa com este Governo de Lurdes Pintasilgo é já o confronto entre a esquerda e a direita, entre um Governo de esquerda, e que por isso deve ser apoiado pelo PCP e pelo PS, e uma oposição de centro e de direita, e que por isso é alimentada pelo PSD, e pelo CDS.

A opção para já é muito mais profunda e muito mais subtil: é a escolha entre este Presidente da República como núcleo essencial liderante da vida política, [...] e que consegue moldar ao seu programa de recandidatura uma maioria parlamentar que lhe garantia Executivos duradouros e eficazes, e o sistema partidário e o Parlamento como actores essenciais da nossa cena política, [...].

3 As fronteiras e as "máscaras"

[...] O novo primeiro-ministro explica no seu discurso de posse a importância que para o seu «Governo de 100 dias» tem a preparação das eleições, com um ar tão convincente que quase se diria acreditar que a sua missão praticamente se esgota num entreacto, à espera que os partidos a venham substituir. Simplesmente, como Lurdes Pintasilgo ainda tem da política uma visão Quixotesca, cheia de idealismo e também de uma certa ingenuidade pessoal, não resiste depois a explicar que teve de reorganizar substancialmente o Governo e que mesmo em 100 dias altas tarefas de fundo a esperam. Ou seja, é patente que Lurdes Pintasilgo sente que a sua missão não se vai esgotar com a singela preparação das eleições e a passagem do testemunho aos partidos.

O PSD e o CDS, atacam violentamente o Presidente da República e não menos violentamente o Governo de Pintasilgo. Criticam sobretudo a falta de isenção no tocante à preparação das próximas eleições parlamentares.

[...] O PS parece razoavelmente satisfeito com o Governo de Lurdes Pintasilgo, embora já menos contente com a ideia da dissolução da Assembleia da República. [...].

4 Três realidades diferentes e três textos não políticos

[...] O Governo de Lurdes Pintasilgo acaba de tomar posse. [...] talvez para a semana tenhamos a oportunidade de comentar as primeiras palavras de Maria de Lurdes Pintasilgo, bem como, o "élan" político com que inicia o desempenho das suas funções. [...].

Numa referência a Maria de Lourdes Pintasilgo na coluna 'Semana Nacional' (p.2) sob o título "Primeiro-Ministro não pretende legislar sobre o aborto" detectam-se ressonâncias de uma entrevista dada pela própria ao *Le Monde*, da qual o *Expresso* a cita:

[...] «o problema se tornou uma verdadeira obsessão à escala mundial [...] de qualquer modo a curta duração das minhas funções de chefia do Governo não permitirá tocar nesse assunto».

Diz a notícia:

Nessa entrevista, Pintasilgo consideraria «caluniosas» as acusações de «marxismo» que lhe têm sido dirigidas. [...] o PSD voltou a reiterar «a sua inteira desconfiança política neste Governo», manifestando-se contra a nomeação de Costa Brás [...] que refere como «manifestação clara de falta de imparcialidade.» Lucas Pires, [...] afirmaria que «o general Eanes não respeitou o eleitorado ao nomear para primeiro-ministro um nome rejeitado pela Aliança Democrática».

A propósito da passagem por Lisboa de Aquino de Bragança, descrito nesta peça como director do Centro de Estudos Africanos, da Universidade Eduardo Mondlane, em Maputo, dá-se eco do seu encontro com Maria de Lourdes Pintasilgo, (p.16):

Aquino de Bragança ao *Expresso*: «Pintasilgo tem horizontes largos»

[...] contactou diversas personalidades, entre as quais o Presidente da República e o Primeiro-Ministro. [...] conversou detalhada e informalmente com Maria de Lourdes Pintasilgo [...] incidiu sobre o desbloqueamento do impasse nas relações Portugal/Moçambique. [...] Pintasilgo ter-lhe-á, segundo nos disse, confessado toda a sua simpatia pelos povos que acederam à independência e mostrou-se disposta a negociar com Moçambique no mesmo plano que negociará com, por exemplo, a Inglaterra ou a França. [...] Aquino de Bragança disse-nos que o contacto com Maria de Lourdes Pintasilgo «havia sido franco e que o Primeiro-Ministro, possuidor de uma mentalidade descolonizada, se mostrara disposto a perspectivar as relações com Moçambique, atendendo a horizontes muito para lá dos anos imediatos».

A notícia dá conta do que foi "glosado toda a semana por políticos e jornalistas, de acordo com as respectivas convicções político-partidárias." Daí que, o *Expresso* lembre as palavras de Freitas do Amaral referindo-se "«à espantosa mensagem enviada por Maria de Lourdes Pintasilgo a Samora Machel»". O *Expresso* também refere a propósito os títulos de outros jornais, sem os nomear: "«calorosa saudação»"; "«telegrama de felicitações»". Contudo, o *Correio da Manhã* é citado directamente sobre o seu título, "«Pintasilgo nega admirar Machel»".

Devido a toda esta profusão de leituras e interpretações, o Gabinete de Maria de Lourdes Pintasilgo veio a público afirmar em comunicado:

[...] contrariamente à informação veiculada por alguns órgãos de Comunicação Social, são destituídas de qualquer fundamento as notícias relativas a contactos estabelecidos entre a eng.^a Maria de Lourdes Pintasilgo e o Presidente Samora Machel, [...] é intenção do V Governo contribuir para a melhoria das relações entre os dois Estados soberanos.

Também Aquino de Bragança acabaria por esclarecer "que se julgara autorizado «a falar em termos de mensagem, quando na terça-feira, se referira ao seu muito cordial encontro com Maria de Lurdes Pintasilgo»." Já em Maputo, Aquino de Bragança diria que:

Tratava-se da vontade política do novo chefe do Governo português de reatar o diálogo e renovar as conversações para normalizar as relações entre os nossos dois países. O essencial não é chicanear [sic] sobre as palavras, mas sim enterrar o contencioso colonial.

O Expresso dá, ainda, conta da:

[...] ideia política de MLP, relativamente aos países africanos que usam oficialmente a língua portuguesa, vai na mesma linha da política definida pelo Presidente Eanes de que foi executor também um destacado ministro do CDS, o dr. Sá Machado.

Expresso-revista, 4 Agosto

Sob o título temático condutor "Por detrás do Governo Pintasilgo" apresentam-se vários textos de cariz analítico face a situação política vigente. O título manchete "AS CABEÇAS DE MÁRIO SOARES E SÁ CARNEIRO – UM ALVO IMPORTANTE PARA BELÉM" dá o mote para as análises e leituras políticas que se seguem.

Há uma semana, o EXPRESSO analisava a origem e natureza do V Governo Constitucional, chefiado por Maria de Lourdes Pintasilgo, expondo as razões pelas quais ele representava o mais presidencialista de todos os Executivos formados desde Julho de 1976. [...].

Uma semana depois, o panorama político português encontra-se ainda mais clarificado por força de dois factos significativos: a própria composição do Governo de Lurdes Pintasilgo, manifestamente "provocadora" relativamente ao PSD e "incómoda" relativamente ao PS; o aparecimento público por parte de fontes consideradas próximas de Belém de uma tese segundo a qual a democracia portuguesa só pode ser duradoura e estavelmente manter-se superando esses dois obstáculos que são Mário Soares e Sá Carneiro.

[...] Mas por muito eficiente e bem sucedido que seja este Executivo, ele não poderá substituir-se à necessidade de uma nova formação política, dotado do apoio ou do patrocínio, expresso ou implícito do Presidente da República, sem a qual o panorama presente tenderá a perpetuar-se para o futuro.

O texto continua nas páginas 2 e 3 sob o título temático "Por detrás do Governo Pintasilgo":

O papel do V Governo Constitucional

[...] Não se trata de um Governo apenas da iniciativa do primeiro-ministro, no tocante à sua composição, [...] em cuja génese o papel do Presidente fosse apagado, mas antes de um Governo antecedido de importantes contactos bilaterais entre o Presidente da República e políticos portugueses, uns integrados no Executivo, outros que dele acabaram por não fazer parte.

Pela lógica da sua composição, pode dizer-se que o Governo de Lurdes Pintasilgo preenche, quanto ao universo partidário, dois objectivos essenciais:

-trata-se antes do mais de um Governo "provocador" relativamente ao PSD

-trata-se também de um Governo que substitui o PS por elementos próximos da sua área, mas que aceitam inserir-se num projecto que é dotado de uma dinâmica estratégica diferente da socialista (e, possivelmente no futuro, contrária em relação a ela) [...].

(p.3) Potencialmente, o Governo de Lurdes Pintasilgo tem virtualidades para começar a fazer aquilo que se resumiu na expressão «passar às armas Mário Soares e Sá Carneiro»

[...] O Governo de Lurdes Pintasilgo "sapa" politicamente apoio à Aliança Democrática, na mediada em que vai tentar demonstrar que a verdadeira alternativa [...] não é a Aliança Democrática, é ele. Uma alternativa económica e socialmente arrojada, com autoridade política, e sem as debilidades resultantes de um sistema partidário em crise e de um Parlamento incapaz de gerar maiorias duradouras. Mas, o Governo de Lurdes Pintasilgo "sapa" politicamente apoio ao PS de uma forma muito mais subtil, embora não menos significativa: demonstrando que consegue corporizar uma opção governativa de esquerda, mais eficaz, menos flutuante, mais consonante com o Presidente da República do que o PS jamais conseguiu revelar. [...] Paralelamente, o Governo de Lurdes Pintasilgo parece dispor pelo menos do «benefício da dúvida» para não dizer de uma certa simpatia, por parte da Igreja Católica. Tudo indica que o Primeiro-Ministro foi recebido longamente pelo Cardeal-Patriarca de Lisboa antes de aceitar o seu cargo. Tudo indica também que contactos semanais poderão vir a solidificar a troca de impressões e o estreitamento entre o Primeiro-Ministro em funções e o Patriarca de Lisboa. [...].

Em síntese, enquanto Maria de Lurdes Pintasilgo vai tirando partido de um certo carisma pessoal, enquanto o Governo vai tentando demonstrar que consegue fazer em 100 dias o que os outros não fazem em 500, enquanto a Igreja Católica parece encarar com indulgência esta experiência governativa e enquanto o General Ramalho Eanes vai mantendo a lealdade das Forças Armadas e "cobrindo" pela direita um Governo considerado por uma parte dela como demasiado à esquerda – enquanto tudo isto acontece, os partidos preparam-se para as eleições de Novembro. [...].

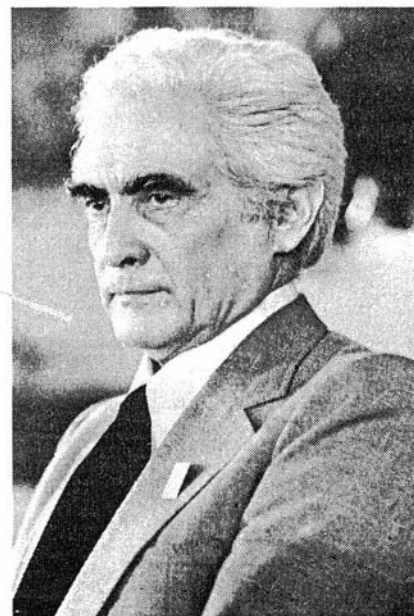
Nada mais errado, em geral, do que acreditar que o V Governo Constitucional, com este primeiro-ministro e com esta composição, está apenas a fazer figura de corpo presente, à espera que os partidos o venham substituir.

Na forma de caixa encontra-se o seguinte texto, (p.2):

Quatro histórias de quatro novos ministros

[...] Na verdade, o Primeiro-Ministro, Maria de Lurdes Pintasilgo teria dado a entender, nos contactos prévios à formação do seu Governo, que, dentro de algum tempo, poderá ser extremamente útil a acumulação no mesmo titular dos cargos de Primeiro-Ministro e de ministro dos negócios estrangeiros.

Cunhal – Pintasilgo já há um ano era a candidata do PCP, (p.3).



CUNHAL – Pintasilgo já há um ano era a candidata do PCP

Partidos reagem ao Governo

PS – a reacção [...] foi genericamente favorável a Maria de Lurdes Pintasilgo e ao V Governo Constitucional, embora nas entrelinhas se possam entrever críticas e temores quanto ao alcance da decisão presidencial de dissolução da Assembleia da República e de marcação de novas eleições parlamentares. [...] Dentro do PS os sectores mais apoiantes em relação ao Governo foram o chamado "sector tecnocrático" liderado por António Guterres e o sector dos ex-IS.

Aliança Democrática – [...] foi frontalmente negativa, podendo culminar numa atitude de ostensiva ausência à maior parte do debate parlamentar do Governo. [...].

A ASDI – saudou efusivamente a formação do Governo, onde aliás tem elementos seus.

O PCP – [...] encarou de forma extremamente favorável o V Governo Constitucional presidido por Maria de Lurdes Pintasilgo. Álvaro Cunhal acentuou mesmo a formação católica do Primeiro-Ministro enquanto o seu partido aplaudia o equilíbrio e o espírito de diálogo na formação do Governo. [...] há um ano o PCP [...] sugerindo como nomes possíveis [...] em primeiro lugar, Maria de Lurdes Pintasilgo [...].

**AS VÉSPERAS DA
APRESENTAÇÃO
PARLAMENTAR
DO PROGRAMA
DO GOVERNO**

O Jornal, 10 Agosto
1ª Página

Eles chamam-lhe "Vasco Gonçalves de saias". Porquê?

A posição
da Aliança

págs. 8/9

O debate
na Assembleia

págs. 5 e 36



Para uns, Maria de Lurdes Pintasilgo não é mais do que a expressão de um alegado projecto de «socialismo terceiromundista» do Presidente Eanes. Para outros, ela representa o advento de um «neogonçalvismo de saias e espartilho»...

Estas duas expressões, qualquer delas «munições» pesadas na barragem de «fogo verbal» com que diversos dirigentes dos partidos da «Aliança Democrática» têm alvejado o Primeiro-Ministro, são sintomáticas do vigor com que PSD e CDS (e PPM, seu actual parceiro) contestam a solução governativa que, na próxima semana, enfrentará o teste parlamentar. Porquê? Embora sem chegarem a este tipo de «imagens», os líderes da «Aliança», contactados por «O Jornal», reiteram a sua desconfiança política em Maria de Lurdes Pintasilgo e no seu Governo e preparam-se para apresentar, em São Bento, uma moção de rejeição do programa do novo Executivo.

Esta primeira página é ocupada, em mais de dois terços, com uma caricatura da autoria de António, acompanhada do título: "Eles chamam-lhe «Vasco Gonçalves de saias». Porquê?". No lado direito, uma coluna de texto onde se lê:

Para uns, Maria de Lurdes Pintasilgo não é mais do que a expressão de um alegado projecto de "socialismo terceiromundista" do Presidente Eanes. Para outros, ela representa o advento de um «neogonçalvismo de saias e espartilho»... Estas duas expressões, qualquer delas "munições" pesadas na barragem de "fogo verbal" com que diversos dirigentes dos partidos da "Aliança Democrática" têm alvejado o Primeiro-Ministro, são sintomáticas do vigor com que PSD e CDS (e PPM, seu actual parceiro) contestam a solução governativa que, na próxima semana, enfrentará o teste parlamentar. Porquê? Embora sem chegarem a este tipo de "imagens", os líderes da "Aliança", contactados por "O Jornal", reiteram a sua desconfiança política em Maria de Lurdes Pintasilgo e no seu Governo e preparam-se para apresentar, em São Bento, uma moção de rejeição do programa do novo Executivo.

O Editorial, (p.2):

A quem interessa «chumbar» este Governo?

[...] Em democracia é aos partidos que compete governar. Por isso [...] depois da abortada tentativa de um governo de independentes chefiado por Nobre da Costa, depois da desastrosa experiência que foi o exercício do poder pela equipa de Mota Pinto, depois da ainda agora iniciada «marcha dos cem dias» do Executivo de Maria de Lurdes Pintasilgo (de quem se espera isenção, mas não passividade), será dever dos partidos encontrar, com o Presidente da República, uma solução governativa estável capaz de responder aos problemas que [...] estão bem patentes no quotidiano deste país que sabe que «a vida está cara, que sobre o povo cai uma pesada carga».

Para já, com um horizonte temporal limitado embora, esta tarefa cabe ao V Governo, cujo programa vai, na próxima semana, ser submetido ao veredicto dos partidos parlamentares. Se a preparação das eleições constitui o seu principal encargo, nem por isso deve – ou sequer pode – alhear-se da solução dos inúmeros "casos" que não podem esperar meses para serem resolvidos [...].

Não se sabe, ainda, se o PSD e o CDS – aliados na periclitante "Aliança Democrática para uma nova maioria" – vão apresentar, ou não, a moção de rejeição de que se tem falado. É possível e até, natural que o façam. Pelo menos para serem coerentes com a barragem de "fogo verbal" com que têm alvejado o Primeiro-Ministro e o seu Governo, além do Presidente da República. [...].

A quem interessa "chumbar" este Governo, sabendo, por exemplo, que embora não venha a ser responsável pelo Orçamento Geral do Estado para 1980, para ele terá de elaborar estudos técnicos de base, sem os quais no próximo ano será uma vez mais protelada a entrada em vigor do OGE? [...] As interrogações podiam, talvez, multiplicar-se até à exaustão. As respostas é que não.

Segue-se um texto que *O Jornal* apresenta desta forma, (p.4):

«O Jornal» convida um jornalista

Guia espiritual

Rui Osório*

*Sacerdote católico; jornalista do "Jornal de Notícias"; vice-presidente do Sindicato dos Jornalistas

«Uma democracia que se abandona a si mesma, uma democracia sem guias espirituais é uma democracia decapitada» - afirmava Raul Proença.

[...] Vem isto a propósito de Maria de Lurdes Pintasilgo, a quem classifico de «guia espiritual» da democracia.

Antes de mais, sem qualquer lisonja e menos ainda culto da personalidade, o que mais me chama a atenção em Maria de Lurdes Pintasilgo é a sua convicção de que «a grande empresa é mudar a vida», traduzida nesta sua afirmação:

«Mudar a vida é esboçar em cada momento os novos valores e suscitar as condições de experiências que os tornam reais; é captar na experiência a que a História nos conduz os valores insuspeitados, desconhecidos ou ignorados». Afirmação que logo a seguir concretiza deste modo: «Só posso mudar a sociedade mudando-me com ela, criando nela o espaço onde consigo ser, respirar, trabalhar, amar, pensar, de modo diferente por que anseio».

[...] Não admira que Maria de Lourdes Pintasilgo na sua linguagem escrita e falada e na sua praxis fale constantemente de Revolução, experiência, processo, transformação, futuro...como não admira a sua recusa do conformismo.

[...] Maria de Lourdes Pintasilgo entende que a Revolução deve ter um «carácter permanente e incessante» e revestir-se de uma «inesgotável novidade» que só a fé, na sua opinião, «reforçar, intensificar e agudiza». [...] [MLP] faz, entre outras, as interrogações seguintes:

«Queremos ou não um mundo mais justo, mais fraterno, mais solidário? Queremos ou não um mundo mais aberto à imaginação, mais livre, mais conducente à criatividade? Queremos ou não um mundo novo?»

Curiosamente, é uma mulher de fé evangélica que desde há uns vinte ou mais anos acompanhou de perto o itinerário que arranca, aí pela década de 50, da então chamada "teologia do laicado", até àquilo que hoje se designa por "teologia ou teologias políticas e de libertação".

[...] Assim se compreende que Maria de Lourdes Pintasilgo afirme não procurar em teorias políticas, mais ou menos experimentadas, a segurança de um horizonte messiânico próximo.

Está também convencida que «a presença de cristãos (na política) não é garantia de qualquer nova ordem a instaurar» [...] já que a nova ordem por que luta, concebida em termos de justiça, de fraternidade e de solidariedade, é, como diz, «matéria histórica que tem algo a ver com o reino de Deus, não porque nele desemboque, de forma ingénua e tendencial, mas porque a sua procura é, de forma não dita, parte da procura do Reino de justiça que Cristo veio instaurar».

Do itinerário de uma mulher como Maria de Lourdes Pintasilgo, cuja aposta decisiva aponta para um futuro novo, julgo que se poderá dizer que estamos perante um «guia espiritual» da democracia.

[...] O que importa é que nuns e noutros habite a fé que julgará a Revolução, decorrendo dela a esperança num mundo novo que há-de vir, dando razão ao poeta, citado por Maria de Lourdes Pintasilgo, que diz:

«...cantar

É empurrar o tempo

Ao encontro das cidades futuras

Fique embora mais curta a nossa vida».

Quero mesmo apostar que esta mulher, que prefere o diálogo com todos ao anátema com alguns, será mesmo imparcial e isenta na tarefa que lhe caberá no próximo acto eleitoral.

O título do próximo texto "Só colagem de Soares derrubará Lourdes Pintasilgo"(p.5) reflecte, no essencial, as tensões e lutas político-partidárias face à apresentação do Programa do Governo de Maria de Lourdes Pintasilgo, na Assembleia da República. Não é tanto a pessoa de Maria de Lourdes Pintasilgo que é visada, mas sim as sinuosas concordâncias ou distâncias políticas entre partidos políticos observadas pela imprensa.

[...] O Parlamento fará acender a luz verde, mas em relação à direita, a primeira mulher portuguesa a chefiar um governo em Portugal encontrará o sinal de circulação proibida.

A direita que recusaria a Lourdes Pintasilgo uma praxe democrática, decidiu conter-se no extremo limite das suas conveniências [...] Os seus oradores mais fluentes e influentes irão metralhá-la, sem dó nem piedade, revésando-se [sic] no fogo

nutrido que sobre o seu governo irão despejar. [...]. O CDS [...] juntará Lurdes Pintasilgo e Nobre da Costa na galeria daqueles que jurou abater. [...].

Tudo indica pois que [...] Lurdes Pintasilgo poderá encarar sem apreensões o arranque para a sua rota de cem dias, deixando, findo esse prazo, abertas as portas para quem vier a seguir, como declarou ser seu propósito em entrevista à Rádio Nacional de Espanha.

De autoria de L. P. A. [sic] sob o antetítulo "Política Externa" e o título "Sensibilidade da questão africana" aborda questões de política externa presentes em Maria de Lourdes Pintasilgo, (p.6):

Apesar da manutenção em funções de Freitas Cruz como ministro dos Negócios Estrangeiros, não será arriscado prever-se durante a vigência do V Governo Constitucional uma «mudança qualitativa» na orientação da política externa portuguesa. [...].

A nomeação de Maria de Lourdes Pintasilgo, antigo embaixador na UNESCO, para Primeiro-Ministro do V Governo Constitucional suscitou nos especialistas em política externa natural curiosidade sobre o modo como vão decorrer as nossas relações com os países estrangeiros.

O interesse e a experiência de Lurdes Pintasilgo pelas questões internacionais iniciou-se ainda antes do 25 de Abril de 1974, mais precisamente em 1971, quando foi nomeada pelo então Presidente do Conselho, Marcelo Caetano, para a delegação de Portugal à Assembleia Geral da ONU. [...] Lurdes Pintasilgo [...] cedo se apercebeu da necessidade de uma solução política para a "questão ultramarina", vindo mais tarde a entusiasmar-se com a publicação do livro de Spínola "Portugal e o Futuro".

Após a Revolução de Abril foi embaixador na UNESCO, onde desenvolveu intensa actividade diplomática, em prol de uma "nova ordem internacional" [...].

Este seu interesse pelo equilíbrio Norte-Sul e pelo Terceiro Mundo tem preocupado sectores da direita que vêem no actual Primeiro-Ministro «emanações perigosas» das ideias e concepções do tenente-coronel Melo Antunes.

«Aquilo a que aqui provincianamente se chama 'melo-antunismo' – diz Lurdes Pintasilgo – não é senão uma expressão de valores reconhecidos e aceites no contexto das Nações Unidas, como parte do movimento mundial para uma nova ordem internacional baseada no desenvolvimento endógeno de cada sociedade».

Estas opções do Primeiro-Ministro, que em múltiplas circunstâncias tem servido de conselheiro ao Presidente da República, levam a acreditar em «dificuldades» de relacionamento com o Palácio das Necessidades, «fórum» essencialmente conservador e de «ideias estreitas» quanto à política externa portuguesa pós-25 de Abril.

Maria de Lourdes Pintasilgo declarou já que um dos vectores importantes na definição e orientação das relações externas passa pelo Presidente da República, não só por imposição constitucional como também por interesse conjunto de São Bento e Belém.

O Programa do Governo, que será apresentado na próxima segunda-feira [...] abordará em traços muito gerais, como é habitual nestes casos, a política externa.

Fernando Antunes assina um conjunto de artigos cuja interrogação, como título, vai diretamente ao assunto do momento, (p.8, 9):

Que tem a Aliança contra Lurdes Pintasilgo?

Que tem a direita contra Lurdes Pintasilgo? Receia que o novo Primeiro-Ministro se transforme numa figura carismática e dilua o impacte que os partidos da Aliança procuram transmitir a imagem do novo poder político oferecido como alternativa ao País enquanto embrião de uma nova ordem política e económica assente num Estado de Direito?

Personalidades responsáveis dos três partidos da Aliança, [...] unanimemente afirmam que a Aliança receia de Lurdes Pintasilgo a sua «parcialidade» ao aceitar a chefia de um Executivo que a seus olhos não dá garantias de independência e neutralidade.

Com o título "PPM procura " lugar ao sol " " pode-se ler um texto que analisa a integração deste partido na Aliança Democrática, acompanhado de várias citações de Gonçalo Ribeiro Teles. Deste texto transcrevem-se as referências a Maria de Lourdes Pintasilgo, assim como, o entendimento de Gonçalo Ribeiro Teles relativamente à posição da Igreja portuguesa, (p.9):

[...] «A Igreja deve aconselhar a ida às urnas»

O PPM tem ainda uma posição definida quanto ao governo de Lurdes Pintasilgo que, aliás, não se afasta das reacções que tem despertado ao nível dos restantes parceiros. O «benefício da dúvida» que parece merecer por parte da Igreja não o conseguiu junto dos partidos da Aliança. «Nunca meto a Igreja na política. Acho que os católicos devem ter um leque o mais variado de opções políticas desde que não infrinjam a sua fé. Não vou acusar o Primeiro-Ministro de ser católico nem quero que a Igreja se divida e os católicos se zanguem uns com os outros por causa da política. Acho ótimo que os católicos sejam mais importantes na política do que as pessoas imaginam, mas entendo de muito mau gosto a chamada constante da Igreja ao problema Pintasilgo. Acho espantoso, como sucedeu na I República, que se considere um católico como animal estranho na política, mesmo que apareça num Partido Socialista. Acho espantoso para justificar um possível esquerdismo deste Governo utilizar-se o processo da ligação à Igreja. E é preciso lembrar que os católicos tiveram uma importância enorme no antigo regime porque a sacristia era o único sítio onde se podia falar em liberdade. Mas desde o momento que a sacristia se alargou a todo o país, e agora podemos falar em liberdade, não é necessário tomar novamente o país como uma sacristia».

Na forma de caixa de texto sob os antetítulo e título "Alternativas e futuro, Em vez de Lurdes Pintasilgo o quê?" são publicadas as afirmações dos três dirigentes dos partidos que perfazem a 'Aliança Democrática', (p.9):

Sá Carneiro

Lurdes Pintasilgo – Quem não conhecesse a realidade portuguesa pensaria, ouvindo o discurso, que a designação da eng^a Pintasilgo e a não dissolução imediata da

Assembleia da República visavam a reconciliação dos partidos, o prestígio do Parlamento e a isenção das próximas eleições. A realidade é o contrário. Eanes sabia que a eng^a Pintasilgo era, de há muito, a candidata do PCP ao cargo de Primeiro-Ministro e que era benquista do PS. Eanes sabia que a eng^a Pintasilgo era inaceitável, como Primeiro-Ministro, para o PSD e CDS. Eanes sabia, portanto, que, nomeando-a, ia agravar a luta política e a instabilidade, impedir a formação de um consenso à volta do novo Governo. [...].

Basílio Horta

Lurdes Pintasilgo – No actual sistema político só poderíamos rezear o carisma de Lurdes Pintasilgo se formasse um partido político, concorresse às eleições e por consequência tivesse a oportunidade de as ganhar. [...] Não é disso que se trata. O governo de Lurdes Pintasilgo tem uma missão clara: preparar eleições. E se é assim, não temos que rezear da senhora a não ser a sua parcialidade e o facto de ter escolhido para o governo adversários quer da Aliança Democrática quer das pessoas que a constituem. [...].

Gonçalo Ribeiro Teles

Lurdes Pintasilgo – Só retiraria apoio político à Aliança se fosse capaz de resolver problemas [...] que o País atravessa, tomando imediatas medidas contra a degradação da cidade de Lisboa. Se fosse capaz de fazer tudo isto [...] e abjurasse do seu passado marcelista, então talvez a Aliança tivesse de pensar que tinha pela frente um inimigo válido, mas não creio que continuando a estar o governo e Estado nas mãos dos tecnocratas, em 100 dias se possa dar essa evolução. [...].

A crónica de Augusto Abelaira, (p.11):

A conspiração Que se passa em Portugal?

[...] Refiro-me ao mundo das realidades profundas, esse mundo que os comentadores políticos sabem descobrir, afastando dos nossos olhos toda a poeira que o esconde.

Escolho, naturalmente, os jornais que mais confiança me merecem e procuro fazer uma síntese provisória do saber eles acumulado, [...] E ao fim desse labor [...] que descobro eu? Que se prepara em Portugal, perante a nossa inconsciência, uma revolução marxista conduzida pelo Presidente Eanes e executada por Maria de Lurdes Pintasilgo [...].

E como foi possível esta sinistra manobra que a todos nos ameaça [...] Muito simplesmente, se me é possível levar mais fundo a análise de alguns comentadores que não tiveram a coragem de ir ao fundo da realidade: há muitas dezenas de anos que esta conspiração se preparava, muito antes da queda do antigo regime e preparada nas alforjas internacionais (provavelmente com sede na UNESCO). Sob os auspícios do marxista papa João XXIII muitos outros marxistas disfarçavam-se de católicos para no momento oportuno assassinar as nossas liberdades. E este plano que em Portugal teve como ponta de lanças o trio Tito-Eanes-Pintasilgo vê agora coroarem-se de êxito os seus antigos projectos. [...].

Na rubrica 'Discurso Directo' destaca-se uma afirmação de Maria de Lourdes Pintasilgo, (p.14):

«Não me afecta, não me preocupa e não me tira o sono a crítica que me é feita de eu ser uma pessoa "engagée", uma pessoa empenhada na vida social.» Maria de Lurdes Pintasilgo à Rádio Nacional de Espanha.

Na rubrica 'Periscópio' lê-se o título: " "Pax Romana" bate papo pela Rádio" com foto de Maria de Lourdes Pintasilgo, (p.15):

Eduardo Sotillos, correspondente da Rádio Nacional de Espanha em Portugal, moderou [...] um debate, transmitido directamente para todo o país vizinho, entre Ruiz Gimenez, fundador da revista "Cadernos para el Diálogo" e antigo presidente da Pax Romana e a Primeiro-Ministro Lurdes Pintasilgo.

A transmissão, [...] foi a primeira deste género realizada para Espanha com a participação de um Primeiro-Ministro, e alcançou uma audiência de milhões de pessoas.

Bem disposta e informal, Maria de Lurdes Pintasilgo fazia referência à vida política nacional, lamentando as posições assumidas pelos partidos da Aliança Democrática. Referindo-se à colocação de "etiquetas políticas", que constantemente lhe é feita, reconheceria ser absurdo pensar-se que um Primeiro-Ministro pudesse ser "incolor" defendendo a construção de uma sociedade alternativa na qual, ao lado dos partidos políticos, convivam outras organizações representativas dos cidadãos.

[...] sobre se pensava continuar na política depois do «Governo dos cem dias», Pintasilgo não negou tal possibilidade, embora não o admitisse explicitamente.



Lurdes Pintasilgo com Eduardo Sotillos
Uma referência à Aliança Democrática



Durante o debate
O incolor é absurdo

Legenda: "Durante o debate:
o incolor é absurdo"

Inserido ainda nesta página encontra-se um texto que informa-nos de alguns ecos na imprensa estrangeira, especificamente espanhola, acerca da chegada de Maria de Lourdes Pintasilgo ao cargo de Primeira Ministra.

A «Thatcher roja»...

A conceituada revista madrilena «Cambio 16», com a qual, aliás, «O Jornal» mantém um contracto de permuta editorial dedicou uma página inteira do seu número de 5 de Agosto à situação política portuguesa, sendo o artigo obviamente dominado pela figura de Maria de Lourdes Pintasilgo, que identifica como «uma mulher católica de esquerda». [...] mas no desenvolvimento da notícia «Cambio 16» especifica: «Sin embargo, a única coisa que a aproxima da sua colega britânica é a sua condição feminina. E a sua profissão. Ela pode ser apontada como uma Margareth Thatcher, mas da esquerda não comunista.»

... e o «marialurdismo

Segundo a «Cambio 16», Maria de Lourdes Pintasilgo confrontada com a sempre pronta «acusação» de ser «meloantunista» teria respondido: «Não, não sou meloantunista. Melo Antunes é que é «marialurdista». Para o jornalista espanhol, ela veste-se «com uma sobriedade moderna, sem a rigidez duma cinquentona, e o seu aspecto recorda o da boa tia cheia de sobrinhos carinhosos».

O escrutínio a esta edição termina com uma peça jornalística, de autoria de Luís Pinheiro de Almeida, que dá conta da preparação e da data de apresentação, na Assembleia da República, do Programa do Governo, (p.36):

Programa do Governo: um texto curto para defender na "oral"

O Conselho de Ministros fará amanhã uma última revisão do Programa do Governo, que tem estado a ser cuidadosamente redigido por Maria de Lourdes Pintasilgo e Teresa Santa Clara Gomes.

O Programa do V Governo Constitucional, a ser presente na próxima segunda-feira, [13 Agosto] será essencialmente um texto muito curto [...] contendo «as principais medidas políticas e legislativas para execução da Constituição».

Trata-se fundamentalmente de uma declaração de princípios, cuja redacção será da responsabilidade de Maria de Lourdes Pintasilgo e de Teresa Santa Clara Gomes. [...].

Quando às 15 horas de ontem Maria de Lourdes Pintasilgo abandonava a residência oficial de São Bento, no mesmo "Citroën" preto que já transportou Mário Soares, Nobre da Costa e Mota Pinto, levava consigo, para casa, um número razoável de "dossiers" de cuja leitura calma e serena sairá o definitivo Programa. [...].

Expresso, 11 Agosto
1ª Página

Expresso

DIRECTOR: FRANCISCO PINTO BALSEMÃO

SUBDIRECTORES:
AUGUSTO DE CARVALHO / MARCELO REBELO DE SOUSA

Rua Duque de Palmela, 37-2.º, Dt.º
telef. 53 59 68/9 - 57 25 69 - 1296 Lisboa

**ELEIÇÕES
À VISTA**

**QUE ESTRATÉGIAS? QUE ALIANÇAS?
QUE LISTAS?**

● **PS:** "Estratégia de apaziguamento" com renovação na continuidade

● **ALIANÇA:** O semi-torpor das listas e a consciência das realidades

● **PCP:** Os mesmos temas com linguagem renovada

● **O vasto leque dos pequenos agrupamentos:**

- **EXTREMA ESQUERDA**
- **MDP/CDE**
- **ASDI**
- **PDC e PDP/MIRN**

Págs. 1-R, 2-R e 3-R

**OTELLO FALA AO EXPRESSO:
"Não me vou candidatar
às eleições intercalares"**

Entrevista de Pedro d'Anunciação Pág. 4-R, 5-R



PORTALEGRE:
Tudo poderá ficar (quase) na mesma apesar de previsível aumento da abstenção

Do nosso enviado Benjamim Formigo Pág. 5

Movimentações pré-eleitorais ou o basismo intenso do PSD

por Marcelo Rebelo de Sousa Pág. 2

EANES COM NETO (E TALVEZ MACHEL) E PINTASILGO NA ONU (E TALVEZ COM O PAPA) Pág. 6

O nome de Maria de Lourdes Pintasilgo aparece no título "EANES COM NETO (E TALVEZ MACHEL) E PINTASILGO NA ONU (E TALVEZ COM O PAPA)", situado no primeiro terço, junto a vários outros assuntos com antetítulos e títulos. Ainda na 1ª página, no último terço, sob os antetítulo e título "Programa do V Governo Constitucional" Agricultura tem prioridade na parte económica" o *Expresso* afirma ter tido acesso à versão definitiva do Programa e escreve entre parênteses, "(que esperamos não venha a ser modificado, apenas porque o EXPRESSO o reproduziu parcialmente)".

Integrado na coluna 'Semana Nacional', (p.2):

Programa de Governo na Assembleia segunda-feira próxima

O Presidente da Assembleia da República convocou os deputados para se reunirem em Plenário, segunda-feira próxima com o fim de tomarem conhecimento do Programa do V Governo Constitucional. Nesse dia, no hemiciclo de S. Bento, o Primeiro-Ministro, Maria de Lourdes Pintasilgo, deverá fazer uma intervenção para apresentar aquele documento. Depois de 48 horas de reflexão [...] legalmente previstas, iniciar-se-á o debate do Programa, [...] poderá estender até sábado, dia 18.

Um artigo com o título "EANES COM NETO (E TALVEZ MACHEL) E PINTASILGO NA ONU (E TALVEZ COM O PAPA)" que reflecte a ida de Maria de Lourdes Pintasilgo à ONU. Do conjunto do texto, apenas uma pequena parte glosa de facto a pessoa de Maria de Lourdes Pintasilgo e é essa parte aqui transcrita, (p.6):

Primeiro Ministro intervém na política externa

Entretanto está a levantar alguma surpresa nos meios diplomáticos a decisão do Primeiro-Ministro, Maria de Lourdes Pintasilgo, de chefiar a delegação portuguesa à próxima Assembleia Geral das Nações Unidas, tomando a seu cargo a intervenção do nosso país perante o plenário da ONU.

Efectivamente, dada a natureza do actual Executivo, admitia-se que a intervenção portuguesa na Assembleia Geral da ONU ficasse a cargo do próprio representante permanente do nosso país naquela organização internacional, ou quando muito do ministro dos Negócios Estrangeiros, como sucede com a generalidade dos países e tem sido prática entre nós nos últimos anos.

A intervenção de Maria de Lourdes Pintasilgo perante a Assembleia Geral das Nações Unidas poderá ter lugar no dia 1 de Outubro [...] Uma das personalidades por quem Pintasilgo procurará ser recebida é o Papa João Paulo II que estará em Nova Iorque no princípio de Outubro e falará Assembleia Geral da ONU.

Recorde-se que o actual Primeiro-Ministro tem exercido nos últimos anos, o cargo de representante de Portugal junto da UNESCO e sido uma estudiosa de temas como a Nova Ordem Económica Internacional ou a questão do papel dos "mass media" na sociedade que ganham uma crescente importância a nível das Nações Unidas.

[...] A intervenção de Lourdes Pintasilgo a nível de política externa, que era já previsível para a generalidade dos observadores e poderá já ter reflexos no Programa de Governo, parece, assim confirmar-se, levantando alguma curiosidade sobre a forma como irão processar-se as relações com o Presidente neste domínio. [...].

O Editorial, (p.10):

Terceiro mundismo Portugal e a Europa

Com a tomada de posse do V Governo, a palavra terceiromundista voltou a estar na moda.

Usada, em tom prejurativo [sic] e como corolário do chamado meloantunismo, pelos adversários políticos do Primeiro Ministro, pretende acusar e condenar todos os

que entendem que a sociedade portuguesa deveria evoluir para um modelo semelhante ao de certos países do Terceiro Mundo, com acento tónico num novo socialismo em que os direitos colectivos, o desenvolvimento económico e a procura de uma identidade cultural se sobrepõem aos direitos humanos e às liberdades e garantias individuais. Usada, em tom apreciativo e na sequência de uma interpretação específica da revolução de Abril, significa que ainda há quem acredite que não está perdido o rumo traçado pelo MFA como movimento de libertação e que a sociedade portuguesa está apta e desejosa de enveredar por uma via original de socialismo à portuguesa.

Os partidários de uma e de outra tese continuam a digladiar-se sobre o terceiro-mundismo e a usá-lo como arma política e programática. É um debate que já tem mais de quatro anos e, pelos vistos, não se esgota.

E é isso mesmo que faz pensar sobre se, no fundo, a permanência da palavra e a vivacidade da discussão que ela provoca não retratam uma realidade socio-política e a estrutura mental correspondente. Apesar das juras de amor que fazemos à CEE [Comunidade Económica Europeia], apesar da EFTA, da NATO, da OCDE e mesmo do FMI, etc, não seremos afinal Terceiro Mundo, sem qualquer sentido depreciativo para a expressão, ou pelo menos, não seremos mais Terceiro Mundo que a Europa?

[...] Observe-se, por exemplo, o panorama político. [...] O Governo diz que só durará 100 dias, mas organiza-se e actua como se estivesse para ficar 100 anos.

[...] Não é, por enquanto Europa. Por isso, a questão do terceiro-mundismo tem tanta actualidade. [...] Por isso, nos vamos alimentando de mitos, do spinolismo ao gonçalvismo, do eanismo ao neo-gonçalvismo de saias, baseado em pessoas, porque não há confiança nas instituições e tão efémeros como o D. Sebastião do momento. [...].

O futuro próximo dirá se pretendemos continuar a ser assim, parentes pobres, exemplo folclórico de um semi-terceiro-mundismo envergonhado, reserva turística a preços baratos, ou se preferirmos, país político e país real, ocupar de facto, o lugar que nos pertence e que não é apenas geográfico no continente onde vivemos. O atraso é grande, o prazo é curto.

Inserida na rubrica 'dizes tu ... direi eu', ou seja, a zona de o *Expresso* dedicada à correspondência dos leitores, regista-se a seguinte carta identificada, (p.11):

Pintasilgo, o irrealismo e o catolicismo

O espírito de tolerância cultivado ao longo de alguns anos de vivencia numa democracia de eficiente funcionamento não inibe um desenvolvimento simultâneo de objectividade e eficiência que são de todo incompatíveis com o oportunismo e a incompetência. Foi esse o espírito que suscitou as considerações seguintes motivadas pela conferência de Imprensa da eng.^a Maria de Lurdes Pintasilgo, [...] Salvo qualquer acordo tácito de bastidores, este Governo tem uma existência limitada a cerca de três meses, ao fim da qual terão lugar eleições. Pareceria assim que o Governo iria ter a preocupação de indicar ao país um número muito limitado de problemas que fosse razoável considerar possível atacar no tempo disponível, claro que entre estes, a preparação para as eleições não se me afigura dos menores. Seria de esperar de um 1º ministro com formação técnica e humanística um pouco mais de objectividade e realismo e bastante menos a receita irrealista que tem caracterizado políticos de vários quadrantes, que não raras vezes mais me fazem lembrar charlatões [sic] de feira. Apresentar linhas de acção para transformar a sociedade portuguesa em três meses

(ainda por cima de "praia" ...) levam-me a concluir das duas uma: ou a sr.^a eng.^a perdeu completamente a noção das realidades ou então está a tentar vender gato por lebre e nesse caso fica a denúncia.

Por outro lado, ainda não me apercebi porque é que a sr.^a eng.^a se orgulha tão ostensivamente das suas convicções religiosas, procurando apresentá-las como credencial para desempenhar eficientemente a missão de que a incumbiram. Poderia citar meia dúzia de ditadores de várias tonalidades políticas que a si próprios se identificam como "tementes a Deus e portanto amigos do povo", contudo sem cair em extremismos, parece-me que exemplos desastrosos dos tempos actuais são suficientes para não encorajar a associar atributos especiais de capacidade governativa a convicções religiosas, sejam elas muçulmanas como no Irão, protestantes como nos Estados Unidos ou católicas como as da sr.^a eng.^a. A Igreja não costuma sujeitar-se a tais manipulações e provavelmente dispensa associar-se aos resultados de uma eventual incompetência oportunista.

Estou crente que a prática governativa em breve deixará transparecer o irrealismo afirmado, esperemos apenas que seja através de uma modesta limitação de objectivos e não de acções irreflectidas.

D. de Oliveira
Londres

Expresso-revista, II Agosto

Na rubrica 'Gente' uma breve referência a Maria de Lourdes Pintasilgo, (p.28):

Gente

Apoio a Pintasilgo na Praia do Balaia, José Manuel Galvão Teles [...] está eufórico com a solução Pintasilgo [...] e considera que o último número do EXPRESSO foi nesta matéria malevolamente deisionista [sic] ...

Fica então concluído o *corpus* jornalístico dos semanários, *O Jornal* e o *Expresso*, contemplando o corte temporal de 13 de Julho a 11 de Agosto de 1979.